

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE ARTES – CEART
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA - PPGMUS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A PRÁTICA DO CANTO COLETIVO EM UM GRUPO DA TERCEIRA
IDADE: um estudo sobre o lazer sério em busca do envelhecimento
bem-sucedido**

REBECA CAMPOS BERGER FELAU

FLORIANÓPOLIS – SC

2018

REBECA CAMPOS BERGER FELAU

**A PRÁTICA DO CANTO COLETIVO EM UM GRUPO DA TERCEIRA
IDADE: um estudo sobre o lazer sério em busca do envelhecimento
bem-sucedido**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da UDESC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Música. Área de concentração: Educação Musical.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

FLORIANÓPOLIS – SC

2018

F48p Felau, Rebeca Campos Berger

A prática do canto coletivo em um grupo da Terceira Idade: um estudo sobre o lazer sério em busca do envelhecimento bem-sucedido / Rebeca Campos Berger Felau. - 2018.

151 p. il.; 29 cm

Orientador: Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo

Bibliografia: p. 127-132

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2018.

1. Recreação de idosos. 2. Canto. 3. Aprendizagem. 4. Gerontologia.
I. Figueiredo, Sérgio Luiz Ferreira de. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

CDD: 790.1926 - 20.ed.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alice de A. B. Vazquez CRB14/865
Biblioteca Central da UDESC

REBECA CAMPOS BERGER FELAU

**A PRÁTICA DO CANTO COLETIVO EM UM GRUPO DA TERCEIRA
DE: UM ESTUDO SOBRE O LAZER SÉRIO EM BUSCA DO ENVELHECIMENTO
BEM-SUCEDIDO**

Dissertação apresentada como pré-requisito do Curso de Mestrado em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, Área de concentração: Educação Musical.

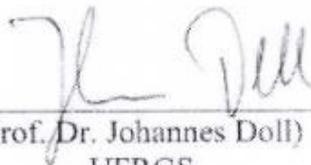
BANCA EXAMINADORA

Orientador:



(Prof. Dr. Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo)
UDESC

Membros:



(Prof. Dr. Johannes Doll)
UFRGS



(Prof. Dra. Viviane Beineke)
UDESC

Florianópolis, 21 de agosto de 2018

“Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre”. Apocalipse 5:13b.
Dedico esta dissertação a Deus, o Mestre dos mestres.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a razão da minha existência, meu fôlego de vida, minha fortaleza, refúgio e vitória;

Ao meu noivo, Rafael Martins, pelo amor incondicional, parceria inigualável, motivação incessante e por sempre conseguir tornar tudo muito mais belo;

À minha mãe, Luciene, por suas orações poderosas, sua amizade e amor incomparáveis, e por ser aquela que entende tudo sem eu precisar dizer nada;

Ao meu pai, Samuel, por ser meu amigo e parceiro no campo da música desde a minha infância, e por sempre acreditar no meu potencial;

À minha irmã, Vitoria, pela companhia durante o processo desta pesquisa e por sua compreensão;

Aos meus avós, Nelson e Isolete, por sempre cuidarem de mim e serem meu acento;

À minha avó, Leonora, por ter me ensinado a cantar contralto, e por ter deixado comigo a certeza de que um dia vou reencontrá-la para cantarmos juntas no Céu;

À Izadora, pela melhor amizade e por ser a pessoa extraordinária que é;

A todos os participantes da pesquisa, presidente do CENETI, coordenadora do NETI, regente e cantores do Grupo de Canto Vozes da Ilha, pois sem eles a pesquisa não teria sido concretizada. Em especial, à presidente do CENETI, por sua sabedoria, respeito, carinho e sorriso inexplicáveis, e pela honra de tê-la conhecido;

Aos meus colegas do mestrado, principalmente Rafael Meurer e Felipe Lacerda, pelo apoio e oportunidade de compartilhar angústias e conquistas;

Ao meu orientador, Sérgio Luiz Ferreira de Figueiredo, por ser a pessoa na qual me espelhei desde a graduação, e na qual sempre me inspirarei profissionalmente;

À banca examinadora, por suas contribuições significativas.

“Na velhice, eles ainda produzem frutos; são sempre fortes e cheios de vida”. Salmos 92: 14.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado teve como objetivo geral investigar de que maneira a prática do canto coletivo com a terceira idade pode contribuir para um *envelhecimento autônomo e bem-sucedido*, ponderando as demandas específicas do público idoso, a partir das perspectivas do regente e dos cantores idosos, participantes do Grupo de Canto Vozes da Ilha do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI-UFSC). Considerando que o momento do ensaio é um ambiente propício para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem musical, esta pesquisa buscou refletir sobre a condução de uma prática de canto coletivo que é específica para a terceira idade, estudando diferentes demandas que os cantores idosos podem apresentar e buscando conhecer as dinâmicas para melhor atendê-las. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que se apropriou do estudo de caso como metodologia, e das técnicas observação não participante, entrevista semiestruturada, questionário e grupo focal como instrumentos de coleta de dados. O referencial teórico está baseado em contribuições da área da Gerontologia Educacional a partir de seis dimensões de uma educação de idosos desenvolvidas por Doll (2008) e no conceito *lazer sério* advindo da Perspectiva de Lazer Sério desenvolvida por Stebbins (1982). Os resultados mostraram que a prática do canto coletivo direcionada à terceira idade pode desenvolver o *envelhecimento autônomo e bem-sucedido* de seus participantes na medida em que funciona como um *lazer sério*, isto é, um ambiente propício para adquirir e aprimorar saberes, habilidades e experiências de maneira prazerosa, mas coletivamente empenhada.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem musical. Canto coletivo. Terceira idade. Gerontologia Educacional. Lazer sério.

ABSTRACT

This master's research aimed to investigate how the practice of collective singing with the elderly can contribute to an *autonomous* and *successful aging*, pondering the specific demands of the elderly public, from the perspectives of the regent and the old singers, participants of the Grupo de Canto Vozes da Ilha do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI-UFSC) (Voices of the Island Group of the Nucleus of Studies of the Third Age NETI-UFSC). Considering that the moment of the test is an environment conducive to the development of music teaching and learning processes, this research sought to reflect on the conduction of a collective singing practice that is specific to the elderly, studying different demands that older singers can presenting and seeking to know the dynamics to better serve them. It is a qualitative research that appropriated the case study as methodology, and techniques of non-participant observation, semi-structured interview, focus group and questionnaire as data collection instruments. The theoretical framework is based on contributions from the Educational Gerontology area, based on six dimensions of an elderly education developed by Doll (2008) and on the *serious leisure* concept derived from the Serious Leisure Perspective developed by Stebbins (1982). The results showed that the practice of collective singing directed towards the third age can develop the autonomous and successful aging of its participants insofar as it functions as a *serious leisure*, that is, a propitious environment to acquire and improve knowledge, skills and experiences pleasantly but collectively engaged.

Keywords: Teaching and musical learning. Collective song. Third Age. Educational Gerontology. Serious leisure.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Etapas da Pesquisa.....	55
Tabela 2– Identificação dos participantes da pesquisa.....	58
Tabela 3 – Pseudônimos dos (as) cantores (as)	58
Tabela 4 – Perfil dos cantores idosos [parte 1].....	69
Tabela 5 – Perfil dos cantores idosos [parte 2].....	70
Tabela 6 – Perfil dos cantores idosos [parte 3].....	71
Tabela 7 – Razões para o ingresso no Grupo de Canto Vozes da Ilha.....	74
Tabela 8 – Funções do Grupo de Canto Vozes da Ilha na vida dos cantores idosos.....	80
Tabela 9 – O significado do ato de cantar na medida em que se envelhece.....	86
Tabela 10 – O que os cantores idosos levarão Grupo de Canto Vozes da Ilha	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
2	EDUCAÇÃO MUSICAL E ENVELHECIMENTO.....	23
2.1	ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO	23
2.2	EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO	27
2.2.1	Funções da educação na terceira idade	27
2.2.2	Processos de ensino e aprendizagem com idosos	30
2.3	EDUCAÇÃO MUSICAL E IDOSOS	33
2.3.1	Os benefícios da educação musical na terceira idade.....	33
2.3.2	Processos de educação musical com idosos	36
2.4	CANTO CORAL NA TERCEIRA IDADE	38
2.4.1	O perfil do coralista idoso: aspectos vocais, fisiológicos e motivacionais	38
2.4.2	Processos de ensino e aprendizagem musical no canto coral.....	41
3	REFERENCIAL TEÓRICO	43
3.1	AS SEIS DIMENSÕES DE UMA EDUCAÇÃO DE IDOSOS	43
3.2	A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO	46
4	METODOLOGIA.....	51
4.1	MÉTODO	51
4.2	OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	52
4.3	ETAPAS DA PESQUISA	55
4.4	PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	57
5	CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO.....	61
5.1	O GRUPO DE CANTO VOZES DA ILHA.....	61
5.2	O REGENTE E OS CANTORES.....	67
5.3	A ÓTICA DOS PARTICIPANTES.....	73
5.3.1	Razões para cantar	73

5.3.2	Benefícios do canto.....	80
5.3.3	Empenhos e Desafios.....	88
5.3.4	Demandas específicas.....	96
5.3.5	Interações pedagógico-musicais.....	105
5.3.6	Repertório.....	114

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	127
-------------------------	------------

APÊNDICE A – ADECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS.....	133
--	------------

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	135
---	------------

APÊNDICE C – CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.....	137
---	------------

APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE.....	139
---	------------

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PRESIDENTE DO CENETI	141
--	------------

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO NETI	143
--	------------

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O REGENTE.....	145
--	------------

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS CANTORES IDOSOS.....	147
---	------------

APÊNDICE I – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM OS CANTORES IDOSOS.....	149
--	------------

1 INTRODUÇÃO

O foco desta pesquisa é a prática do canto coletivo em um grupo da terceira idade. A motivação para o estudo que caminha nesta direção parte do prazer que tive em trabalhar com o público idoso em um grupo coral durante meu estágio supervisionado no ano de 2014. Desta experiência nasceu o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Canto coral na terceira idade: a perspectiva de coralistas sobre o momento do ensaio*. Aquele trabalho possibilitou-me a abertura de um primeiro olhar para a faixa etária da terceira idade no contexto do canto coletivo e instigou-me a aprofundar o assunto na pós-graduação.

Sobre a terminologia escolhida neste trabalho, vale ressaltar que existem várias nomenclaturas que fazem menção ao envelhecimento: “Maturidade; Terceira idade; Melhor idade; Idade maior; Feliz maturidade; Feliz idade; Idade feliz; Além da juventude; Além da idade; Idade especial; Idosos” (LUZ, 2008, p. 12). A terminologia adotada nesta pesquisa abarca os termos *terceira idade*, para tratar da faixa etária específica que será aqui estudada, e *idoso* para referir-se ao indivíduo que pertence cronologicamente a esta etapa da vida.

O termo *terceira idade* foi criado pelas sociedades contemporâneas para designar a etapa da vida do indivíduo que está “entre a idade adulta e a velhice” (DEBERT, 2006, p. 53) e passou a ser entendido como “sinônimo de envelhecimento ativo e independente” (PEIXOTO, 2006, p. 76). Segundo o Estatuto do Idoso (2003, p. 7), em seu artigo primeiro, é considerada idosa a pessoa “com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Embora seja importante considerar que “o ser idoso não pode ser definido só pelo plano cronológico, pois outras condições, tais como físicas, funcionais, mentais e de saúde, podem influenciar diretamente na determinação de quem seja idoso” (SANTOS, 2004, p. 29), nesta pesquisa, será considerada a idade cronológica definida pelo Estatuto do Idoso.

Com base na literatura pesquisada foi possível identificar que os corais denominados *da terceira idade* podem gerar significados variados e ter funções específicas na vida de seus participantes. Além disso, os textos aqui destacados consideram que esses ambientes são meios propícios para desenvolver processos de ensino e aprendizagem musical. Diante disso, parte-se do pressuposto de que os contextos de canto em grupo, constituídos essencialmente por cantores idosos, são ambientes propícios a contribuir para a promoção de um *envelhecimento autônomo e bem-sucedido*, e de que existem processos de ensino e aprendizagem musical neste meio. Nesse sentido, considero que a relevância de se estudar um grupo de canto da terceira idade, de maneira mais aprofundada, está principalmente no papel

que essa atividade exerce para essas pessoas nesta fase da vida e, paralelamente a isso, na importância da reflexão científica sobre uma prática educacional que busca atender a uma faixa etária que cresce em população no país, e que pode apresentar demandas específicas.

Naquele coro investigado no meu TCC também tive a oportunidade de verificar aspectos referentes a questões musicais diversas das pessoas idosas e notei que as experiências musicais que elas têm para compartilhar são excelentes fontes de aprendizagem para outras pessoas com menos experiências. Isso evidenciou que na terceira idade, mesmo considerando suas idiossincrasias, pode-se desenvolver habilidades e explorar capacidades como em qualquer outra faixa etária.

A partir dos resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida no meu TCC, identifiquei aspectos que originaram a questão principal desta pesquisa. Naquele coro, do qual participavam pessoas de diferentes faixas etárias, os coralistas idosos mencionaram que não necessitavam de cuidados específicos no momento do ensaio porque desejavam ser tratados igualmente a todos os participantes do grupo. O regente também mencionou que não elaborava metodologias específicas para os coralistas mais longevos porque tinham mais experiência e conhecimento que os mais jovens. Portanto, pelo fato dos coralistas e do regente destacarem que não existia, naquele contexto, a necessidade de uma metodologia específica para atender os idosos, aquela situação me instigou a pesquisar se em contextos de canto coletivo que são específicos para a terceira idade, os cantores e o regente possuem as mesmas perspectivas e condutas, uma vez que a literatura pesquisada, sobretudo os textos fundamentados na área da Gerontologia Educacional, ao contrário, afirmam a necessidade de haver metodologias específicas para atender as demandas dos idosos.

Diante deste aparente paradoxo e, considerando que a literatura da área da gerontologia educacional defende, em outros termos, que as metodologias específicas direcionadas a pessoas idosas devem contribuir, sobretudo, com o bem estar dos participantes idosos, importou questionar imediatamente: de que maneira a prática do canto coletivo com a terceira idade pode contribuir para um *envelhecimento autônomo e bem-sucedido*, considerando as demandas específicas do público idoso?

Desse modo, para esta pesquisa foi estabelecido como objetivo geral investigar de que maneira a prática do canto coletivo com a terceira idade pode contribuir para um *envelhecimento autônomo e bem-sucedido*, considerando as demandas específicas do público idoso, a partir das perspectivas do regente e dos cantores idosos, participantes do Grupo de Canto Vozes da Ilha do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI-UFSC).

Como objetivos específicos, foram definidos os seguintes: Conhecer as demandas dos idosos em um grupo de canto específico da terceira idade; investigar como o regente conduz os ensaios do grupo lidando com essas demandas; compreender como acontecem as (re) ações dos cantores idosos durante o desenvolvimento dos ensaios, bem como os papéis que exercem neste contexto; e identificar os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem no grupo.

Esta pesquisa requereu uma busca teórica interdisciplinar para a compreensão dos processos que acontecem no Grupo de Canto Vozes da Ilha, unindo perspectivas das áreas de música, educação, gerontologia e lazer. Primeiramente é apresentado o capítulo da revisão de literatura, que traz discussões sobre o *envelhecimento bem-sucedido* e os processos de uma educação com pessoas idosas. Tal revisão possibilitou uma melhor direção para a busca do referencial teórico, apresentado no capítulo seguinte, que está fundamentado na gerontologia educacional a partir das seis dimensões de uma educação com idosos (DOLL, 2008) e no conceito de *lazer sério* (STEBBINS, 1982). O Grupo de Canto Vozes da Ilha apresenta um equilíbrio entre diversão e empenho, revelando o caráter do que significa essencialmente um *lazer sério*. Em seguida, é apresentado o capítulo da metodologia, mostrando as etapas da pesquisa; e por fim, o capítulo das análises, que traz a contextualização do grupo pesquisado e a ótica dos participantes referente à prática do canto coletivo com a terceira idade.

2 EDUCAÇÃO MUSICAL E ENVELHECIMENTO

Esta revisão de literatura inclui diversos trabalhos que tratam da música e do envelhecimento de maneira ampla e abrangente. Foram realizadas buscas em artigos, dissertações, textos em anais de eventos e outras publicações da área de música, educação, educação musical, educação ambiental, educação física, fisioterapia, fonoaudiologia, gerontologia e psicologia.

A partir da leitura e análise de textos selecionados foram estabelecidos quatro grandes temas que abarcam questões que se alinham aos propósitos desta pesquisa. São eles: *envelhecimento bem-sucedido*; educação e envelhecimento; educação musical e idosos; e canto coral na terceira idade.

2.1 ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO

O foco desta seção é discutir diferentes definições do termo *envelhecimento-bem sucedido* por ser este um conceito-chave da presente investigação. Esta seção também apresenta algumas práticas, mencionadas pelas pesquisas, que podem contribuir para o desenvolvimento de um *envelhecimento bem-sucedido*.

A etapa da velhice deve ser entendida como o resultado de uma construção social e não como fruto do avanço cronológico (DEBERT, 1998). A velhice é um processo no qual acontecem declínios e perdas, todavia não se traduz necessariamente em uma etapa onde há ausência dos fatores saúde, produtividade e desenvolvimento. Trata-se de uma fase na qual o indivíduo pode adquirir muitas oportunidades de mudanças válidas e desenvolver atividades produtivas (SILVA; LIMA; GALHARDONI, 2010; FERNANDES, *et al.*, 2011).

A Organização Mundial da Saúde preferiu adotar o conceito “envelhecimento ativo” para referir-se ao *envelhecimento bem-sucedido*, alegando ser aquele um conceito mais abrangente, que reconhece um tipo de envelhecimento que não abarca apenas os cuidados com a saúde, mas também “outros fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem” (OMS, 2005, p. 14). O documento define como “envelhecimento ativo” “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o

objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (p. 13). O termo “participação” revela que os indivíduos que possuem um envelhecimento ativo são aqueles que buscam participar de forma empenhada na sociedade, por intermédio de alguma atividade que consideram relevante.

Segundo Teixeira e Neri (2008, p. 89), *envelhecimento bem-sucedido* poderia significar “o processo de estar saudável e ativo, considerando-se as dimensões física, cognitiva e social; porém, fragilidade seria um estado caracterizado por problemas psicossociais e diminuição da saúde”. Para as pesquisadoras, o conceito de *envelhecimento bem-sucedido* não depende exclusivamente de fatores de ordem física, ou seja, envelhecer bem, de modo saudável e ativo, depende de outros aspectos que podem estar envolvidos na determinação de uma velhice bem sucedida. Nesse sentido, é possível desenvolver um *envelhecimento bem-sucedido* mesmo na presença de vulnerabilidades (SILVA; LIMA; GALHARDONI, 2010).

Conforme Fernandes e colaboradoras (2011), o *envelhecimento bem-sucedido* pode ser compreendido sob diferentes perspectivas: para a perspectiva biomédica, o conceito está associado à saúde física e às capacidades funcionais do indivíduo; para a ótica psicológica, envelhecer bem depende “do equilíbrio entre a compensação das perdas associadas ao envelhecimento e da otimização das potencialidades individuais mediante ações educativas, médicas, sociais e outras” (p. 544); para a perspectiva de natureza social, o envelhecimento bem-sucedido depende de políticas públicas promovidas pelas sociedades em prol do suprimento das necessidades dos idosos. Isso significa que o indivíduo pode envelhecer de forma saudável e ativa desde que seu estilo de vida esteja associado a um desses pontos de vista. Para as autoras,

[...] o envelhecimento bem sucedido é um fenômeno determinado por condições positivas de natureza biopsicossocial, cultural e espiritual, sendo evidenciado por bom estado de saúde, capacidade funcional física, mental e social, autonomia, senso de autoeficácia, autoestima e satisfação com a vida (FERNANDES, et al., 2011, p. 543).

Verifica-se, nesta definição de Fernandes e colaboradoras, certa ênfase em elementos psicológicos, como a autoeficácia, a autoestima e a satisfação com a vida. Para as autoras, o *envelhecimento bem-sucedido* está associado ao fato de o indivíduo se sentir útil e produtivo realizando determinadas atividades, de olhar para si mesmo e seus processos de envelhecimento de forma positiva e de enxergar e compreender seu modo de viver de forma

prazerosa. Esta definição, portanto, se aproxima do conceito de bem estar subjetivo que, segundo Teixeira e Neri (2008, p. 82), está relacionado aos fatores “autonomia, bem-estar psicológico, estratégias de enfrentamento e geratividade”. Diante das definições aqui apresentadas, é possível verificar que o conceito de *envelhecimento autônomo* é abarcado pelo conceito maior que é o *envelhecimento bem-sucedido*. Conforme Fernandes e colaboradoras (2011), a autonomia da pessoa idosa significa

[...] um indicador de saúde e bem-estar e, portanto, de envelhecimento bem sucedido. Ela traduz a emancipação do idoso em relação ao meio-ambiente, bem como a busca da realização de seus projetos de vida, mantendo a concepção de sua identidade e o senso de autoeficácia. A cognição assume papel de relevância na manutenção da autonomia. (FERNANDES, *et al.*, 2011, p. 546).

As autoras defendem que o conceito de autonomia possibilita a emancipação, a realização de projetos, a concepção de identidade e o senso de autoeficácia. Esta definição considera que ter autonomia já é indicativo de envelhecer de modo bem sucedido. É certo que o indivíduo que ainda tem o privilégio de usufruir de um bom estado de saúde cognitiva poderá tomar decisões sozinho, agir conforme deseja e, conseqüentemente, desfrutar de um *envelhecimento bem-sucedido*. Vale ressaltar que ter autonomia, segundo as autoras, é indicativo de *envelhecimento bem-sucedido*, mas ter um *envelhecimento bem-sucedido* não garante que o indivíduo terá autonomia. Isso se confirma nas perspectivas já discutidas, ou seja, o *envelhecimento bem-sucedido* não depende necessariamente de fatores físicos e cognitivos, já o envelhecimento autônomo, sim. Entretanto, é possível que atividades específicas voltadas a pessoas idosas promovam o desenvolvimento de aspectos cognitivos e físicos, como por exemplo, as atividades musicais (SARFSON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017), que por sua vez contribuirão para o desenvolvimento do *envelhecimento autônomo*.

Segundo Neri e Cachioni (2004), existem três conotações referentes ao conceito de “velhice bem-sucedida”. A primeira está relacionada com a realização de potenciais individuais com o propósito de alcançar um “[...] grau de bem-estar físico, social e psicológico avaliado como adequado pelo indivíduo e pelo seu grupo de idade” (p. 116). A segunda conotação se refere à necessidade de rejuvenescimento a partir de práticas cosméticas, médicas e cirúrgicas, mas também a partir de práticas físicas, sociais e educacionais. Trata-se da necessidade de “retardar os efeitos do envelhecimento, mascarar ou reabilitar as conseqüências desse processo e promover o envolvimento dos mais velhos em atividades

julgadas a eles apropriadas” (p. 116). A terceira conotação está fundamentada no “modelo psicológico de velhice bem-sucedida” (p. 116), criado por Baltes e Baltes (1990), mais conhecido como modelo SOC (seleção, otimização e compensação). Este modelo evidencia os degraus para se alcançar uma velhice bem-sucedida na medida em que acredita na importância de que o idoso tenha a autonomia para escolher as atividades que deseja realizar e nas quais sente mais satisfação. A partir dessa escolha a pessoa idosa pode se apropriar de diversos recursos para aprimorar ou adquirir habilidades e experiências e, com isso, possivelmente neutralizar os efeitos negativos que porventura a tenham alcançado ao longo da vida.

Alguns autores trazem ainda propostas que visam o alcance de um envelhecimento bem-sucedido, como o engajamento social através de programas da terceira idade e a oportunização de atividades específicas para idosos (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008; SILVA; LIMA; GALHARDONI, 2010), a participação do idoso em atividades de lazer (FERNANDES, *et al.*, 2011) e em atividades educacionais (NERI; CACHIONI, 2004). As atividades educacionais, principalmente, têm sido destacadas na literatura como instrumentos com grandes potenciais para desenvolver diversos fatores benéficos na vida de pessoas idosas, como o seu engajamento social, o seu senso de auto-eficácia e o seu bem-estar subjetivo (NERI; CACHIONI, 2004, p. 124). Dessa forma, por meio da educação, o idoso pode ser melhor incluído na sociedade, sentir-se útil realizando/produzindo algo que considera relevante e melhorando sua perspectiva sobre si mesmo.

Não existe um consenso na literatura sobre o que é envelhecer de forma bem-sucedida, entretanto, todas as perspectivas apresentam aspectos comuns que se referem ao bem estar promovido por diversos fatores de ordem física, psicológica e social. Isso revela o caráter multifacetado que o envelhecimento bem-sucedido pode ter, uma vez que depende de diversos fatores que norteiam a vida dos sujeitos. Cabe destacar que não existe apenas um tipo de velhice, pois a terceira idade é um grupo complexo e heterogêneo (DOLL, 2008; TEIXEIRA; NERI, 2008; LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008), e que os próprios indivíduos podem mudar seus pensamentos e estilos de vida ao longo de sua existência. Tais considerações sobre a terceira idade e a complexidade que a envolve, são motivações relevantes para se considerar o *envelhecimento bem-sucedido* como um processo que está submetido a diversos aspectos da vida. Dessa forma, configura-se a necessidade de mais pesquisas que analisem diferentes perspectivas e contextos com relação ao *envelhecimento bem-sucedido*.

2.2 EDUCAÇÃO E ENVELHECIMENTO

Esta seção tem o propósito de discutir sobre as funções da educação na vida de pessoas idosas e sobre os processos de ensino e aprendizagem que são considerados relevantes para o trabalho com a terceira idade.

2.2.1 Funções da educação na terceira idade

As pesquisas que abordam a relação entre educação e envelhecimento têm enfatizado que a educação com pessoas idosas não deve ser entendida como um processo meramente assistencialista, nem mesmo os idosos como alvos de caridade (CACHIONI; NERI, 2004; DOLL, 2008; VILLANI, 2008; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015). Nesse sentido, os projetos/cursos para os idosos devem ter como foco “promover a participação, autonomia e integração do idoso para uma melhor qualidade de vida.” (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015, p. 354). Em outros termos, a educação com pessoas idosas não é um instrumento que tem como objetivo curar doenças ou atenuar vulnerabilidades, embora esses fatores também possam ser consequências do processo, mas sim, um instrumento que serve para engajar pessoas de formas diversas.

Pesquisadores da área (CACHIONI; NERI, 2004; VILLANI, 2008; SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015; OLIVEIRA; TOSCHI, 2015) têm discutido principalmente sobre o que os processos educacionais são capazes de fazer na vida de pessoas idosas. Para esses autores, a educação é capaz de: potencializar; empoderar; transformar; tornar o idoso um protagonista de suas próprias aprendizagens, permitindo que o indivíduo desempenhe novos papéis sociais; valorizar e melhorar a autoestima; tornar o sujeito ativo; proporcionar experiências diversas; oferecer condições para enfrentar melhor as perdas da vida; desenvolver a socialização e o lazer; e fomentar sentimentos de satisfação.

Na perspectiva de Cachioni e Neri (2004), o trabalho com idosos deve assumir a velhice da forma como ela realmente é, sem desconsiderar que se trata também de uma etapa da vida em potencial. Além disso, as autoras observam a importância de se desenvolver pro-

cessos educacionais nos quais os idosos são agentes de transformação da sua própria aprendizagem.

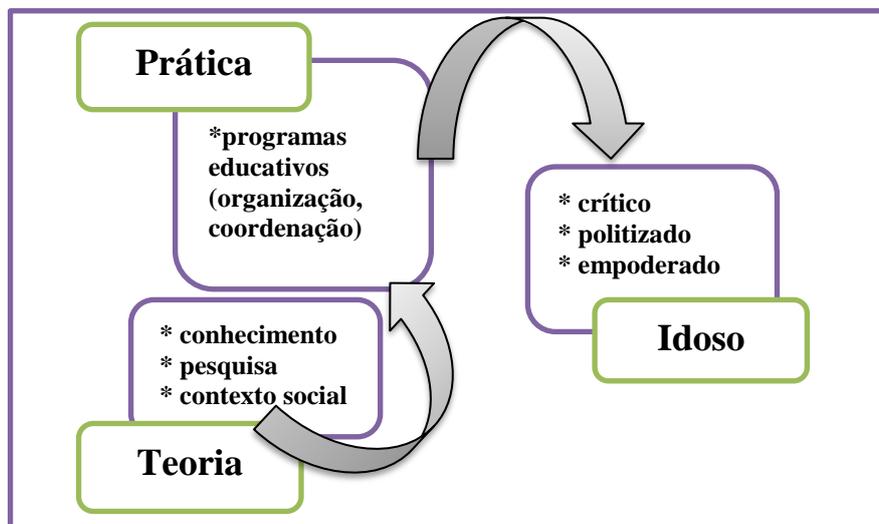
Para Oliveira e Toschi (2015) a educação na vida dos idosos possui caráter de transformação “e vai além da simples transmissão de informações” (p. 10): “[...] a educação é um importante meio de transformação e valorização destas pessoas” (p. 11). Essas pesquisas vêm a transformação no contexto educacional a partir de perspectivas diferentes, dando a indicação de que a educação pode servir como via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que transforma o idoso (OLIVEIRA; TOSCHI, 2015), o idoso também se torna um agente de transformação da educação e de si mesmo (CACHIONI; NERI, 2004).

Segundo Oliveira, Scortegagna e Oliveira (2015):

A educação, entendida como um processo permanente na vida do indivíduo, instrumentalizando-o com conhecimentos, possibilita atualização, oferece informações para maior inserção e participação social, possibilita desenvolver habilidades que além de valorizar o idoso, propicia o empoderamento, preparando-o para desempenhar novos papéis, pela elevação da sua autoestima, valorização pessoal, familiar e social. (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015, p. 346).

O termo “empoderamento”, supracitado, é enfatizado pela área da gerontologia educacional e diz respeito, segundo as autoras, à delegação de poder ao idoso por meio da educação, para que este possa aprimorar os seus próprios processos de aprendizagem e aperfeiçoar seus potenciais, contribuindo também com a sociedade ao exercer alguma atividade produtiva (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015). De acordo com as pesquisadoras, a área da gerontologia educacional ganha destaque, no Brasil, na década de noventa como disciplina científica, assumindo “uma dupla dependência epistemológica: por um lado a pedagógica, voltada para a pedagogia social e educação de adultos e, por outro lado a gerontológica, apoiada fundamentalmente na gerontologia social.” (p. 346-347). A gerontologia educacional “é um campo de estudo e prática que tem por objetivo a educação para e sobre a velhice e o envelhecimento. Inclui duas dimensões (teórica e prática), tendo o idoso como protagonista” (PETERSON, 1976 *apud* OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015, p. 346-347), conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 – Atuação da Gerontologia Educacional



Fonte: Adaptada pela autora, a partir de Peterson, 1976 apud Oliveira, Scortegagna e Oliveira, 2015.

A Figura 1 acima indica que a aquisição de conhecimentos de modo coletivo tem a capacidade de empoderar a terceira idade, ajudando a sociedade a desestruturar a ideia de que o idoso é inativo e improdutivo (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015). A ilustração apresenta a pessoa idosa, por meio de teorias e práticas educacionais, em um lugar de destaque, como um sujeito atualizado diante das constantes transformações do mundo, consciente de seus potenciais e como sujeito que assume papéis sociais relevantes.

Scoralick-Lempke e Barbosa (2012), a partir da perspectiva Life-Span, que se traduziu em uma teoria essencial para o estudo do envelhecimento, ajudando a desconstruir a concepção de que a pessoa idosa é um ser passivo e doente, enfatizaram a partir dessa perspectiva que é possível aprender e continuar se desenvolvendo ao longo da vida. A teoria também apresenta os efeitos que os processos educativos podem desenvolver na terceira idade: o desenvolvimento pessoal, o indivíduo como ser ativo e participante em sua comunidade, a possibilidade de obter novas experiências sociais, o melhor enfrentamento das perdas nesta fase da vida, o lazer e o prazer, a retomada de papéis sociais e a socialização. Tais fatores podem ser sintetizados no conceito de “empoderamento” trazido pela gerontologia educacional, uma vez que o idoso empoderado tem a consciência de que pode desenvolver habilidades, aplicar novos conhecimentos, participar de atividades que fomentem resultados úteis para si próprio e para a comunidade, e aprender constantemente a partir da troca de experiências.

Na concepção de Villani (2008), a educação pode ter uma função ainda mais profunda: a “libertação intelectual”. Em sua pesquisa o autor optou pelo ensino da língua inglesa ao

estudar os processos educativos com a terceira idade pelo prestígio social que esta língua exerce na atualidade. Dessa forma, seria também uma oportunidade de resgatar a autoestima dos idosos, libertando-os intelectualmente (VILLANI, 2008). Aquela pesquisa destaca o caráter emancipatório da educação, pois por meio da aprendizagem de uma outra língua, o idoso pode perceber que tem potenciais e capacidades como uma pessoa de qualquer outra faixa etária.

2.2.2 Processos de ensino e aprendizagem com idosos

No tocante aos processos de ensino e aprendizagem voltados para a terceira idade e seus desafios, Búfalo (2013) aponta a Gerontologia como área de partida para a elaboração de metodologias adequadas de ensino: “Para entender e atender as necessidades sobre a educação para a velhice bem-sucedida é necessário apropriar-se da Gerontologia e, com ela, criar estratégias que promovam a educação do idoso” (p. 199). Todavia, a autora não aponta as implicações da apropriação da Gerontologia nos processos educacionais e também não traz exemplos associados a este ponto de vista.

De modo geral, as pesquisas que trazem mais enfaticamente os principais desafios enfrentados no trabalho educacional com pessoas idosas, bem como a maneira como se espera que este trabalho seja realizado, mostram que é preciso acreditar nas capacidades e potencialidades dos idosos, uma vez que as atividades educacionais “só podem ser oferecidas a pessoas que julgamos capazes de aprender” (DOLL, 2008, p. 16).

Os estudos também têm enfatizado que para trabalhar com pessoas idosas é necessário conhecer o público com o qual se lida – dentro de suas reais necessidades e peculiaridades, considerando sua heterogeneidade –, e valorizar a bagagem de experiências e conhecimentos que trazem consigo (DOLL, 2008; CACHIONI et al., 2015; OLIVEIRA; TOSCHI, 2015; DOLL; RAMOS; BUAES, 2015). Vale ressaltar que o termo “heterogeneidade” trazido nessas pesquisas está associado à definição de envelhecimento discutida na seção anterior. O envelhecimento é um fenômeno complexo e heterogêneo (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008; TEIXEIRA; NERI, 2008) e a(s) velhice(s) é (são) resultado(s) de uma construção social (DEBERT, 1998). Isso significa que o trabalho com pessoas idosas pode ser ainda mais desafiador, já que não há como elaborar um método padrão para se lidar com a terceira idade em virtude das diversidades que apresenta.

Apesar da heterogeneidade deste público, existem especificidades na terceira idade que devem ser compreendidas e respeitadas. Oliveira e Toschi (2015) destacam que, por se tratar de uma faixa etária com características peculiares, é necessário ter uma maior dose de tolerância e uma metodologia interdisciplinar por parte do educador que supra as expectativas de aprendizagem dos idosos, envolvendo “prioritariamente todos os sentidos, como possibilidade de favorecer a assimilação do conhecimento e a apropriação dos recursos culturais e tecnológicos, em todos os segmentos sociais” (p. 15). As autoras trazem uma sugestão de metodologia baseada na área da gerontologia educacional, a partir de “uma recriação didática e pedagógica na perspectiva de ressignificar a vida do idoso” (p. 12). As pesquisadoras também defendem uma educação baseada no desenvolvimento do pensamento em prol da autonomia da pessoa idosa, possibilitando assim uma melhor qualidade de vida. No entanto, essa perspectiva traz aspectos mais teóricos do que práticos relacionados aos processos de ensino e aprendizagem.

Já Cachioni e Neri (2004) e Cachioni e colaboradores (2015) estudaram primordialmente a maneira como o trabalho com idosos pode ser realizado. Os autores concluíram que os aspectos fundamentais que poderiam nortear a educação com idosos são: “o aspecto humano”, o “paradigma didático” e a “conceitualização da aprendizagem”. Apesar de esses aspectos terem sido pensados para programas universitários destinados à terceira idade, é possível estabelecer uma relação com outros contextos educacionais.

O “aspecto humano” trata da relação entre professor e aluno, ou seja, “[...] a aprendizagem deve concentrar-se no educando, conduzida por ele; o professor tem o papel de facilitador” (CACHIONI, *et al.*, 2015, p. 84). O “paradigma didático” sugere que a aula deve ser um lugar de encontro, que instigue a interação e a troca de experiências “para a construção de um conhecimento que possa ser socialmente compartilhado”. (CACHIONI, *et al.*, 2015, p. 84). Seria possível transpor este ideal de “aula” também para um ensaio de banda, coral ou orquestra, ou simplesmente uma conversa entre amigos, contextos que são passíveis de ensino e aprendizagem. A “conceitualização da aprendizagem”, por sua vez, recomenda que o ambiente de ensino e aprendizagem seja significativo, ou seja, o conteúdo deve ter relevância prática para a vida do aluno idoso (CACHIONI; NERI, 2004; CACHIONI, *et al.*, 2015). Como resultados das pesquisas dos autores mencionados, esta relevância prática é um dos aspectos que mais motivam os idosos a participarem de atividades educativas: “Uma das razões pelas quais os adultos continuam aprendendo com eficácia é que concentram sua aprendizagem nas áreas de experiência de seu interesse” (CACHIONI, *et al.*, 2015, p. 84).

Esses estudos também têm buscado compreender quais são os recursos facilitadores da aprendizagem de alunos idosos, contribuindo com a área da gerontologia educacional. Cachioni e colaboradores (2015), ao observarem diferentes contextos educacionais, concluíram que alguns dos fatores que facilitaram a aprendizagem de alunos idosos eram: a repetição de informações, a união da teoria com a prática, “a demonstração de empatia, vínculo afetivo, atenção e paciência por parte do educador” (p. 96), e “dinâmicas de grupo, as que envolvem a partir da experiência, interesse e demandas individuais dos alunos, e metodologias participativas” (p. 96).

Cachioni e colaboradores (2015) ressaltam ainda a importância de conhecer as características do público idoso antes da aplicação de qualquer estratégia de ensino, uma vez que tal atitude:

[...] ajuda a melhorar as relações interpessoais, possibilita a compreensão de suas atitudes, permite explorar melhor seu potencial, favorece a integração e o crescimento; o diálogo se estabelece quando há uma relação horizontal, empática, em que todos se colocam como sujeitos do processo, passíveis de ensinar e de aprender; a valorização do idoso é fator preponderante para o estabelecimento de ações mais críticas, reflexivas e participativas. (CACHIONI, *et al.*, 2015, p. 97-98).

A ideia de que há maior fluência quando “todos se colocam como sujeitos do processo”, coloca os idosos no mesmo patamar que o educador no tocante à função de ensinar e à oportunidade de aprender. Nesse sentido, o fato de valorizar as bagagens de experiências e conhecimentos dos idosos é também responsável por transformá-los em protagonistas do seu próprio processo de aprendizagem, e o educador deve ser aquele que media o processo (CACHIONI; NERI, 2004).

De maneira geral, esses estudos têm defendido que “[...] o trabalho que envolve os mais velhos deve constituir-se, preferencialmente, com eles e não por eles e para eles”. (BOTH, 1998 *apud* CACHIONI; NERI, 2004, p. 110). Dentro dessa ótica, se o trabalho com idosos fosse feito “por eles”, seria uma educação assistencialista; se fosse feito “para eles”, seria uma educação tradicional e depositadora de conteúdos. Porém, uma educação “com os idosos” mostra que eles também são protagonistas nos processos educacionais.

Compreende-se que a gerontologia educacional pode possibilitar uma maior amplitude e fundamentação teórico-metodológica para as discussões científicas da área de educação musical na medida em que apresenta, a partir dos textos analisados, diferentes estratégias didáticas para o trabalho com os idosos, enxergando a terceira idade como uma fase da vida na qual há diversos potenciais a serem explorados e desenvolvidos. O fato de compreender as

funções que a educação pode ter na vida de pessoas idosas, bem como conhecer diferentes processos de ensino e aprendizagem com a terceira idade pode contribuir diretamente para a formação e a atuação de professores de música que atendem este público específico, focando no bem estar dessas pessoas e no aperfeiçoamento de suas habilidades.

2.3 EDUCAÇÃO MUSICAL E IDOSOS

As pesquisas que discutem sobre idoso (a)s em situação de aprendizagem musical abordam dois assuntos de modo mais enfático: os benefícios da educação musical na terceira idade e os processos de ensino e aprendizagem musical com idosos, considerando as demandas específicas do público idoso e os saberes que norteiam a atuação de professores de música que lidam com a terceira idade.

2.3.1 Os benefícios da educação musical na terceira idade

Os benefícios da educação musical para os idosos, enfatizados por Souza e Leão (2006), estão relacionados à memória, ao processo criativo, à socialização, às relações interpessoais e afetivas e à qualidade de vida. Sobre a memória, as autoras afirmam que a música tem a função de evocar lembranças do passado, e este processo é fundamental para proporcionar ao idoso o resgate de experiências musicais que teve anteriormente. A partir do resgate dessas experiências o idoso pode desenvolver seu potencial criativo apropriando-se do que já tem construído. A socialização e as relações interpessoais e afetivas também foram aspectos enfatizados nesta pesquisa, pois as atividades educacionais que envolvem música, por acontecerem em grupo, propiciam a construção de novos laços de amizade (SOUZA; LEÃO, 2006).

Sarfson Gleizer e Larraz Rábanos (2017) identificaram a qualidade de vida como benefício de atividades de educação musical. “Os resultados mostram que as atividades musicais realizadas de forma sistemática podem proporcionar uma melhoria na qualidade de

vida em idosos, alcançando um maior bem estar subjetivo” (p. 2733, tradução nossa)¹. As pesquisadoras concluíram que o programa dedicado ao aprendizado musical sistemático (áudio-perceptivo e canto em grupo) pode afetar “positivamente a melhoria do bem-estar subjetivo dos participantes.” (p. 2733, tradução nossa)². Também houve naquela pesquisa a identificação de que o aprendizado musical contribuiu para a preservação de habilidades cognitivas (SARFSON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017).

Interessante notar como os benefícios da educação musical com idosos, enfatizados por Sarfson Gleizer e Larraz Rábanos (2017), estão relacionados com o conceito de *envelhecimento bem-sucedido* discutido anteriormente. Vale destacar que, se a educação musical pode melhorar a perspectiva dos participantes sobre os seus próprios processos de envelhecimento (“bem-estar subjetivo”), então a educação musical também pode contribuir para o desenvolvimento de um “envelhecimento bem sucedido”, já que este pode ser validado principalmente por aquele (TEIXEIRA; NERI, 2008).

Outra questão importante a ser considerada na pesquisa de Sarson Gleizer e Larraz Rábanos (2017) é a noção de que o aprendizado musical contribuiu para a preservação de habilidades cognitivas. Conforme já destacado, a cognição é responsável pela manutenção da autonomia do indivíduo (FERNANDES, *et al.*, 2011). Isso significa que, se a educação musical pode contribuir para a preservação da função cognitiva, também pode contribuir para o desenvolvimento de um *envelhecimento autônomo*.

Ainda sobre os efeitos da educação musical na vida de pessoas idosas, a dissertação de Bueno (2008) investigou os procedimentos metodológicos que visam uma melhor condição de vida ao idoso por meio da musicalização com a flauta doce. A partir dos resultados da pesquisa concluiu que “a música favorece um envelhecimento bem-sucedido, pois contribui para uma melhor socialização, comunicação, criatividade e coordenação motora de indivíduos na terceira idade” (BUENO, 2008, p. 7). Nota-se que o melhoramento da coordenação motora é um efeito relacionado ao âmbito físico e cognitivo do indivíduo, portanto, aquela pesquisa destaca o caráter multifacetado que a educação musical pode ter, alcançando diversos aspectos que vão além dos objetivos principais dessas atividades, ou seja, dos fatores especificamente musicais.

É possível verificar na literatura que os benefícios proporcionados pela educação

¹“Los resultados ponen en evidencia que las actividades musicales realizadas en forma sistemática pueden proporcionar una mejora en la calidad de vida en adultos mayores logrando un mayor bienestar autopercebido” (SARFSON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017, p. 2733).

²“[...] el programa desarrollado, dedicado al aprendizaje musical sistemático (audioperceptiva y canto grupal), incide positivamente en la mejora del bienestar subjetivo de los participantes” (SARFSON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017, p. 2733).

musical nesta fase da vida são também os fatores que motivam os idosos a participarem dessas atividades. Mattos (2014) investigou a contribuição da educação musical para a terceira idade, entrevistando idosos entre 60 e 80 anos que faziam aula de canto. Seu propósito foi buscar compreender os aspectos motivacionais que levavam idosos a terem interesse por este tipo de atividade, bem como os efeitos que a educação musical proporcionava em sua vida. Os pontos destacados foram os de que esta atividade significava uma realização pessoal, uma “terapia ocupacional”, a descoberta de novos amigos e de novas potencialidades, e a oportunidade de estarem em um ambiente agradável. Como efeitos da educação musical na vida dos idosos foram destacados o desejo de expandir conhecimentos através da realização de novos projetos musicais, o bem estar proporcionado pela atividade, o melhoramento de *performances* vocais, a elevação da autoestima e o estímulo à produção intelectual e à criatividade. O autor amplia a discussão concluindo que os processos de educação musical com a terceira idade são também uma maneira de incluir ativamente os idosos na sociedade (MATTOS, 2014).

Bergmann (2012) objetivou em sua pesquisa de mestrado, a partir das opiniões dos idosos, conhecer a influência da educação musical na memória, concentração, coordenação motora, socialização e disposição dos alunos idosos participantes das aulas de música do Curso de Extensão em Música Litúrgica da Arquidiocese de Campinas (CEMULC). A autora identificou que os fatores motivacionais que levam idosos a buscarem atividades de educação musical estão mais relacionados a aspectos técnico-musicais do que a aspectos sentimentais: “eles [os idosos] não relacionam direta e conscientemente a motivação para tocar e cantar com aspectos sentimentais, mas com a técnica e a necessidade do treino.” (BERGMANN, 2012, p. 119).

É evidente a conexão entre os resultados dessas pesquisas e a gerontologia educacional, uma vez que esta área considera o aperfeiçoamento pessoal uma das conquistas das atividades educacionais com pessoas idosas (NERI; CACHIONI, 2004). Considerando que o aperfeiçoamento pessoal abarca o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades dos participantes, os autores da área da educação musical corroboram tal afirmação, uma vez que destacam a técnica musical e o treino (BERGMANN, 2012) e a execução de projetos musicais e *performances* vocais (MATTOS, 2014) como partes do processo da atividade educacional, que também visam a um tipo específico de aperfeiçoamento.

2.3.2 Processos de educação musical com idosos

Este subitem tem o propósito de discutir dois pontos fundamentais: o perfil do idoso como aprendiz de música e o educador como responsável pela mediação de processos de educação musical, de forma a atender as demandas específicas do público idoso.

Bergmann (2012) entrevistou idosos que frequentavam um curso de extensão voltado à música e identificou que o perfil dos alunos, em relação aos processos de ensino e aprendizagem musical, apontava principalmente para os aspectos físicos dos participantes, como, por exemplo, o incômodo com o aspecto visual das partituras e a perda da capacidade auditiva. “O envelhecimento acarreta mudanças no corpo físico, que podem dificultar o aprendizado musical.” (p. 113). Além desses fatores, a autora destacou que os idosos “mencionaram dificuldades com relação ao processo de aprendizagem musical [...]: dificuldades referentes a aspectos cognitivos, mnemônicos e teóricos e dificuldades que dizem respeito ao fazer musical, que, em geral, se referem ao aspecto prático das aulas.” (p. 80). Foi mencionado também que, para a maioria dos idosos entrevistados, mais desafiador que aprender a teoria musical é o fazer musical no instrumento, acertando o ritmo e as pausas. Apesar desses desafios identificados nos processos educacionais, a autora enfatizou que “todos eles estão conseguindo acompanhar o curso e aprender música.” (p. 23). Dentre os conteúdos musicais que os idosos consideraram mais importantes estão a técnica vocal e a apreciação musical (BERGMANN, 2012).

Em relação às qualidades que o educador musical deve adquirir ao conduzir um trabalho com o público idoso, Bergmann (2012) enfatizou a “paciência” como uma característica relevante. A pesquisadora percebeu que os professores de música daquele curso eram conscientes sobre essas questões, uma vez que repetiam as informações e explicavam em uma velocidade mais reduzida, ou diminuía a quantidade de conteúdo para que todos pudessem aprender de forma satisfatória. Bergmann também observou que os professores atendiam muitas vezes os alunos de forma individual. A autora destacou ainda que processos educacionais devem acontecer a partir dos idosos e não para os idosos.

Fugimoto (2015) investigou, em um grupo de canto direcionado ao público idoso, os significados que foram construídos por 16 senhoras, no decorrer de uma experiência de composição musical colaborativa. A autora destacou que a valorização das sabedorias das pessoas idosas é fundamental para o desenvolvimento de processos de composição musical no coletivo, e que os conhecimentos pré-adquiridos pelos mais velhos são ampliados a partir da

experiência musical em conjunto. “No tocante à construção social do conhecimento de cada senhora, é sabido que este não surgiu apenas no momento em que a experiência de composição foi vivida, mas foi sendo agregado às sabedorias que cada uma trazia consigo” (FUGIMOTO, 2015, p. 176). No tocante ao papel do educador nos processos de educação musical com idosos, a pesquisadora enfatizou que a pessoa que conduz o trabalho deve estar consciente do que propõe, assumindo o papel de facilitadora da improvisação por meio da colaboração e possibilitando um ambiente criativo e propício para a construção social do conhecimento.

Luz (2008) discute, em seu livro *Educação Musical na Maturidade*, o perfil do educador musical para trabalhar com idosos. Sobre este perfil, o autor considera que o educador musical deve construir sua prática metodológica pautada nos seguintes fatores: “formação gerontológica”; “habilidades técnicas e táticas para o relacionamento interpessoal”; confiança na “capacidade de desenvolvimento” dos idosos; “paciência, tolerância, senso de humor”; e facilidade de “comunicação” (LUZ, 2008, p. 48). No entanto, o autor não traz neste livro indicações específicas sobre o tipo de formação em gerontologia para lidar com a terceira idade.

Rodrigues (2009), em sua pesquisa de mestrado, identificou a paciência docente como um dos “saberes relacionais” necessários nos processos de educação musical com idosos. A autora parte do pressuposto de que atender alunos idosos exige do educador formação e atuação específicas. O foco daquela pesquisa foi discutir, a partir da ótica dos professores de música que atendem alunos idosos, os tipos de saberes docentes para lidar com este público. Os tipos de saberes foram identificados como: disciplinares, curriculares; experienciais; de outras áreas; e relacionais ou do ‘domínio de relações’. A autora identificou, naquele contexto, que os saberes considerados essenciais pelos professores de música para atender as demandas do público idoso são aqueles advindos da experiência de se trabalhar com eles, ou seja, os saberes denominados “relacionais” ou do “domínio de relações” (RODRIGUES, 2009).

Dentre os saberes relacionais foram destacados os seguintes: “‘aprender a ter paciência’ [...] conhecer o idoso e suas deficiências e limitações, aprender a exercer tolerância; saber ouvir o idoso; aprender a não discriminar as pessoas em função da idade ou de alguma dificuldade musical” (RODRIGUES, 2009, p. 177). Isso significa que, no contexto estudado pela pesquisadora, todas as qualidades que são importantes para a atuação de um professor de música, na perspectiva dos professores entrevistados, não são adquiridas necessariamente em um curso superior de música ou gerontologia. Todos os fatores

imprescindíveis para a educação musical com idosos são construídos, naquele contexto, a partir da experiência que se tem com este público. Não quer dizer que a formação superior em música ou gerontologia não seja importante para lidar com idosos em situação de aprendizagem musical. Significa, para a pesquisadora, que nenhuma dessas áreas, sozinhas ou desvinculadas da prática, conseguiriam dar conta de todas as implicações que podem nortear a educação musical com idosos.

2.4 CANTO CORAL NA TERCEIRA IDADE

As pesquisas realizadas sobre/em grupos corais enfatizam, em suas reflexões, o perfil do coralista idoso no tocante aos aspectos vocais, fisiológicos e motivacionais, e os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem na prática coral. Parte destas pesquisas está apresentada nesta seção da dissertação.

2.4.1 O perfil do coralista idoso: aspectos vocais, fisiológicos e motivacionais

Rocha, Amaral e Hanayama (2007) estudaram a extensão vocal de idosos coralistas e concluíram que ela é maior do que a de idosos não coralistas. Mesmo que a pessoa idosa apresente diferentes limitações vocais e fatores fisiológicos que dificultem a realização musical, a investigação naquele contexto específico demonstrou que existe a possibilidade de adquirir habilidades musicais a partir da experiência de cantar em coro.

Diversos autores têm discutido aspectos relacionados às características vocais de pessoas idosas que exercem a prática do canto coletivo. Considerando que o envelhecimento traz mudanças ao organismo como um todo (BORNHOLDT; EGG, 2016), diferentes autores descreveram resultados de pesquisa com o uso da voz na terceira idade apresentando as seguintes características: mudança do timbre vocal e envelhecimento da voz (RODRIGUES; PEDERIVA, 2006): “[...] a voz da mulher tende para o grave, enquanto a do homem tende para o agudo” (BLOCH, 1980 apud RODRIGUES; PEDERIVA, 2006); “a voz passa a apresentar características como tremor ou instabilidade, alterações na afinação, tessitura restrita, ataque vocal suave ou aspirado, ressonância com predomínio laringo-faríngeo”

(SANTOS, 2013, p. 604); voz soprosa [...], fadiga vocal, imprecisão da afinação, agilidade e extensão vocal reduzidas, volume e controle respiratório reduzidos (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016, p. 2); “o esqueleto laríngeo funde-se, de forma que o cantor idoso geralmente desenvolve um vibrato excessivo na voz, como um *tremolo*, que pode ser difícil de controlar” (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016, p. 4). Diante dessas características vocais que a pessoa idosa pode apresentar, é importante que o regente do coro adeque o repertório e as estratégias de ensino conforme as necessidades vocais deste público tão específico.

Sobre os aspectos fisiológicos do idoso que canta em coro, é importante destacar que, de acordo com Figuerêdo (2010), existe uma relação entre os aspectos biopsicossociais e a aprendizagem musical. Ou seja, o fato de demonstrar um “ritmo de aprendizagem mais lento”, “esquecer as letras das músicas (cantando com insegurança)” e “apresentar dificuldades para manter o fôlego até o fim de um trecho musical” (FIGUERÊDO, 2010, p. 686), pode influenciar os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem no ensaio coral. Em contraposição, não se pode afirmar, com certeza, que as dificuldades citadas neste artigo são encontradas especificamente em todos os corais da terceira idade, e determinado perfil apresentado pelo coralista idoso não o torna doente, necessariamente, mas apenas alguém que pode necessitar de cuidados específicos. Nesse sentido, é importante que o regente conheça as características vocais do público idoso em prol de um trabalho satisfatório.

Fatores motivacionais, que levam idosos a ingressarem em grupos corais, foram encontrados na literatura com perspectivas diferentes. Existem os fatores motivacionais relacionados aos âmbitos sociais, educacionais e técnico-musicais e os fatores motivacionais relacionadas ao efeito compensatório propiciado pelas atividades musicais.

Rocha, Amaral e Hanayama (2007) destacaram fatores motivacionais no âmbito social: os idosos têm buscado nas atividades de canto apenas o “prazer, fazendo desta atividade uma terapia para sua vida. Seu interesse é estar com seus amigos passando mensagens através da música e muitas vezes não dão importância à qualidade de seu canto, mas à qualidade de seu envolvimento” (p. 248).

Outras pesquisas apontam para fatores motivacionais do âmbito educacional. Andrade e Rodrigues (2014), por exemplo, defenderam que o ensino musical é uma ferramenta para alcançar os objetivos contemporâneos de pessoas idosas, como a busca por atividades que propõem a troca de saberes e experiências. Segundo os autores, por intermédio dessas atividades as pessoas idosas se tornam dispostas a realizar expectativas pessoais, atualizando-se perante as intensas transformações do mundo e apresentando-se como seres ativos na

sociedade. Com o propósito de alcançar esses objetivos, a educação musical tem sido a opção de pessoas na faixa etária da terceira idade.

O artigo de Degani e Mercadante (2011, p. 151) ressaltou o âmbito técnico-musical dos fatores motivacionais que levam idosos a ingressarem em grupos corais. O estudo afirma que algumas pessoas “vêm no canto uma oportunidade para expandir seu potencial de comunicação, ou simplesmente descobrem que pode ele ser um meio de serem ouvidas e aprovadas”. A motivação para cantar em coro pode ser, por exemplo, a busca pela qualidade vocal: “Para muitos, a busca se concentra no aprimoramento e no desenvolvimento de novos e melhores recursos vocais (agudos, agilidade, potência)” (DEGANI; MERCADANTE, 2011, p. 151).

Sobre a busca pela qualidade musical, Scharra (2007) destacou que os motivos pelos quais os idosos entram no coral, no contexto no qual a autora pesquisou, não são necessariamente aqueles que os fazem permanecer, pois embora a maioria dos idosos tenha entrado no coral buscando distração, ocupação de tempo e novas relações de amizade, “o interesse pelo estudo de música surgiu ao perceber a boa *performance* de outros participantes, e pensar que também poderia melhorar seu desempenho musical” (SCHARRA, 2007, p. 11).

Além dos fatores motivacionais citados, a pesquisa de Marques (2011) destacou fatores motivacionais relacionados ao efeito compensatório que as atividades musicais podem proporcionar aos envolvidos. A autora concluiu que a busca pelo canto coletivo estava também associada à oportunidade de realização de desejos da infância e da mocidade, à capacidade que o ato de cantar tem de “tocar” as pessoas e de tornar-se um “refúgio da solidão”, à possibilidade de facilitar a comunicação com outras pessoas e à sensação de esquecer-se dos problemas, deixando-os que fiquem “do lado de fora” no momento do ensaio coral.

Verifica-se, a partir das pesquisas apresentadas, que o canto coletivo pode despertar diferentes motivações na vida de pessoas idosas. Por isso, torna-se importante também que os regentes estejam atentos aos objetivos de aprendizagem do público com o qual irão trabalhar, pois as pessoas idosas, diferentemente de um público infantil, por exemplo, participam de atividades educacionais específicas porque desejam, e não porque seus responsáveis determinam. É evidente que os idosos que escolhem atividades musicais estão lá porque decidiram estar. Conforme Baltes e Baltes (1990 *apud* NERI; CACHIONI, 2004), a velhice bem-sucedida é determinada também pela seleção da atividade pelos próprios idosos, que escolhem as atividades nas quais consideram que ressaltarão suas habilidades e que poderão desenvolver conhecimentos e capacidades.

2.4.2 Processos de ensino e aprendizagem musical no canto coral

A partir do conhecimento sobre o perfil do grupo com o qual os regentes corais irão trabalhar, bem como a ciência sobre as necessidades e motivações de seus integrantes, a elaboração das estratégias de ensaio pelo educador poderá ser mais adequada ao contexto, ou seja, em conformidade com o que o público idoso espera e ao que se pode esperar dele. Sobre os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem em corais de idosos, Luz (2008) destaca:

No caso de um trabalho de canto-coral, este pode ser proposto de forma lúdica e prazerosa, com atividades pedagogicamente organizadas, considerando o potencial e os limites dos participantes que não devem ser tratados apenas como meros repetidores de melodias. Portanto, a práxis de que tratamos aqui não é formar um “coral com velhinhos”, tal como podemos constatar frequentemente em atividades musicais com grupos na maturidade. Propõe-se fazer música vivenciada, decodificada como forma de linguagem e que exija capacidades cognitivas dos participantes, na construção de efetivos significados (LUZ, 2008, p. 53).

Na mesma linha de argumentação de Luz (2008), Silva (2016) defende que o canto coral na terceira idade pode desenvolver aspectos cognitivos relacionados à atenção, à memória e ao pensamento. Nessas pesquisas é evidente a importância de se promover metodologias que aperfeiçoem esses fatores, e que desenvolvam uma proposta que compreenda a pessoa idosa como sujeito capaz, para que este também possa desenvolver sua autonomia.

Uma maneira de desenvolver aspectos cognitivos e, por sua vez, promover a autonomia da pessoa idosa no canto coral, é a atenção que o regente deve ter no momento da escolha e do treino do repertório. Em relação à escolha das músicas, o regente deve respeitar as características vocais do coro e ao mesmo tempo trazer desafios saudáveis (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016). O fato de trazer desafios que sejam adequados ao público já pode ser indício de uma prática que valoriza as potencialidades da pessoa idosa, sem desconsiderar suas possíveis limitações.

No contexto pesquisado por Santos (2013), “o repertório incluía boleros, canções da jovem-guarda, músicas italianas, Ludwig van Beethoven, canções da MPB, músicas natalinas, entre outras” (p. 611), pois estas eram as canções que faziam sentido para os coralistas idosos daquele contexto. O conjunto de músicas apresentado naquela pesquisa indica um repertório

diversificado que buscou atender diferentes demandas dos cantores, e que não inibe a tentativa de resgatar e aperfeiçoar habilidades.

Outras pesquisas destacaram alguns procedimentos metodológicos que valorizam uma ação em conformidade com as eventuais dificuldades que o público idoso pode apresentar. As estratégias de ensino sugeridas foram a imitação (REIS; OLIVEIRA, 2004; FIGUERÊDO, 2010), a repetição das execuções musicais (REIS; OLIVEIRA, 2004); e o aumento do tamanho das letras das canções (SCHARRA, 2007). Além disso, deve fazer parte da metodologia do regente que ele tenha muita dedicação e sensibilidade para compreender as necessidades dos idosos que, muitas vezes, são exteriorizadas de modo não verbal (REIS; OLIVEIRA, 2004).

Ainda sobre o repertório, Hauck-Silva, Igayara-Souza e Ramos (2016) destacaram que no momento de escolhê-lo o regente não deve apenas pensar sobre o estilo musical a ser executado, mas na “presença de extremos de dinâmica ou de extensão vocal, passagens rápidas ou melismas, frases muito longas e saltos não preparados, que são aspectos normalmente difíceis de serem realizados por idosos” (p. 6). No coral pesquisado por Bornholdt e Egg (2016), por exemplo:

[...] há uma rotina de trabalho por meio de relaxamentos, exercícios de respiração e aquecimento vocal, reintegração social e motivação. Durante os ensaios, o trabalho desenvolvido com o grupo é direcionado à educação da voz, além de fornecer informações sobre leitura e escrita musical da partitura (teoria e solfejo), desenvolvendo aspectos rítmicos e melódicos. (BORNHOLDT; EGG, 2016, p. 2).

Naquele contexto, as autoras identificaram que “[...] trabalhar atenciosamente os alongamentos e relaxamento corporal, bem como desenvolver a respiração correta atrelada aos exercícios vocais adequados à terceira idade, propiciou um bom retorno vocal” (BORNHOLDT; EGG, 2016, p. 7). Os termos “atenciosamente” e “adequados”, utilizados pelas autoras, enfatizam que o mais importante não são necessariamente os tipos de exercícios que serão realizados com os idosos, e sim a maneira como eles serão conduzidos.

Vale ressaltar, mais uma vez, que a terceira idade é constituída por um público heterogêneo (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008; TEIXEIRA; NERI, 2008), que possui necessidades, limitações e capacidades diversas. Dessa forma, os procedimentos metodológicos sugeridos por essas pesquisas poderiam ser utilizados, adaptados, aprimorados ou ainda reavaliados para que se possa atender a públicos específicos de idosos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem como propósito apresentar doze conceitos essenciais que fundamentam esta pesquisa: seis deles advêm da área da gerontologia educacional a partir das dimensões de uma educação de idosos desenvolvidas por Johannes Doll (2008). Os outros seis fazem parte do conceito de “lazer sério”, da Perspectiva do Lazer Sério criada por Robert A. Stebbins (1982).

3.1 AS SEIS DIMENSÕES DE UMA EDUCAÇÃO DE IDOSOS

As três grandes áreas que abrangem a atuação da gerontologia educacional são: “o trabalho educacional com pessoas idosas, a divulgação de informações sobre o envelhecimento para a população em geral e a formação de profissionais que lidam com questões do envelhecimento” (DOLL, 2017, p. 1598). Doll (2008) compreende essas três grandes áreas como as três interfaces entre educação e envelhecimento, e ainda destaca que o primeiro aspecto (atividades para idosos) é o que mais tem sido desenvolvido nos últimos anos, em contraste com os outros dois aspectos.

Dentro dos âmbitos que envolvem as atividades educacionais para pessoas idosas, Doll (2008) aponta que suas razões e objetivos podem ser completamente distintos: “De fato, sabemos hoje que as pessoas idosas constituem um grupo altamente heterogêneo que também possui interesses educacionais muito diferentes” (p. 18). A partir desse pensamento, o autor desenvolve seis diferentes dimensões de uma educação de idosos para estruturar de modo mais específico o campo da gerontologia educacional. São elas: a dimensão socioeducativa; do lazer; compensatória; emancipatória; de atualização; e de manutenção das capacidades cognitivas (DOLL, 2008).

É possível notar que essas seis dimensões estão relacionadas especificamente aos benefícios que as atividades educacionais podem proporcionar aos participantes dessas práticas. Esses benefícios são referentes a âmbitos sociais, psicológicos, intelectuais, cognitivos, de lazer, ou que dizem respeito à autonomia do indivíduo.

A *dimensão socioeducativa* tem como foco as relações sociais, o desenvolvimento de contatos e a capacidade de se conviver com outras pessoas. O autor defende que nesta

dimensão existe um tipo de aprendizagem relacionado ao compartilhamento e troca de ideias e experiências, à elaboração coletiva de atividades e à sensibilidade de escutar e respeitar as pessoas com as quais se convive (DOLL, 2008).

É evidente para o autor que no âmbito de uma educação que é dirigida a pessoas idosas existem fatores sociais que incentivam este grupo específico a participar de atividades educacionais. Ter a oportunidade de aprender coisas novas e compartilhar saberes e experiências nesta fase da vida pode ser muito gratificante, produtivo e um instrumento de luta contra a ociosidade e a solidão. É possível compreender a primeira dimensão proposta por Doll como uma esfera social criada através das interações sociais e do compartilhamento de bagagens de vida.

A *dimensão do lazer* traz uma perspectiva de oportunizar a ocupação do tempo livre gerado pela saída do mundo do trabalho e a saída dos filhos de casa, por exemplo. Doll (2008) aponta essas “perdas” na terceira idade como geradoras de tempo disponível e que por sua vez podem significar um vazio na vida dessas pessoas. Na busca pelo preenchimento deste vazio, pessoas idosas têm procurado cuidar da sua formação adquirindo novos conhecimentos, fazendo leituras, visitando museus e buscando outras atividades com teor educativo para ampliar esta formação. No entanto, dentro da dimensão do lazer, o autor destaca que esta concepção, sobre a importância de ampliar a formação na terceira idade, tem sido objetivo de um pequeno grupo de pessoas idosas, uma vez que nem todas as pessoas relacionam atividades educacionais a um ambiente propício ao lazer e capaz de gerar prazer (DOLL, 2008).

Dizer que as atividades educacionais possuem uma dimensão específica de lazer é reconhecer que a educação pode oferecer, a partir de si mesma, uma oportunidade de divertimento e de melhor enfrentamento de perdas para os indivíduos da terceira idade. Todavia, nem todas as pessoas podem desfrutar desse tipo de dimensão simplesmente porque não sabem que atividades educacionais podem funcionar como lazeres específicos em sua vida. Nesse sentido, é evidente que as atividades educacionais funcionarão como atividades de lazer somente a partir do momento em que os idosos tiverem o privilégio de escolherem e praticarem as áreas que são do seu interesse.

A *dimensão compensatória* mostra a oportunidade de se estar adquirindo novos saberes, algo que não foi possível anteriormente devido a problemas financeiros, familiares, dentre outras razões (DOLL, 2008). Segundo Doll, esta dimensão leva as pessoas idosas a ingressarem em cursos de alfabetização, de línguas e até mesmo em cursos universitários para finalmente realizarem um sonho. “Nesta perspectiva, atividades educativas procuram

compensar o que não foi possível ou alcançado na juventude ou na vida adulta.” (DOLL, 2008, p. 19). Praticar uma atividade educacional pode ser o privilégio de se estar alcançando um objetivo antigo de vida. Além disso, pode ser uma ação tão realizadora que acaba por compensar o tempo no qual não se pôde exercê-la.

A *dimensão emancipatória* traz a ideia de que os processos educacionais permitem que os idosos se desprendam das forças externas a eles, permitindo que o sujeito tome partido nas suas próprias decisões e intervenha mais no meio em que está inserido (DOLL, 2008). Para que isso aconteça são necessários dois aspectos: o primeiro é “acreditar na sua capacidade de aprender e compreender o mundo e, segundo, dispor das competências ou de instrumentos adequados para participar de forma ativa na sociedade” (DOLL, 2008, p. 19). O pesquisador ainda enfatiza que esta dimensão é um foco de grande importância em favor das pessoas idosas que ainda sofrem na sociedade discriminações em relação a sua idade.

A *dimensão de atualização* mostra que a educação permite tornar a pessoa idosa mais participativa na sociedade mediante o fato de estar a par das diferentes realidades e mudanças que acontecem no mundo (DOLL, 2008). O autor dá o exemplo do uso da informática e do computador como meios necessários para trazer vantagens neste aspecto. É em busca do objetivo de atualização que idosos têm procurado cursos de inclusão digital elaborados especificamente para a sua faixa etária, pois “a educação preenche uma função importante para se manter atualizado.” (p. 20).

Por fim, a *dimensão de manutenção das capacidades cognitivas* permite que o idoso mantenha sua capacidade funcional em constante desenvolvimento e de forma ativa, amenizando a possibilidade de adquirir doenças. Pesquisas na área da gerontologia têm mostrado que o uso constante de capacidades e habilidades pode preservar as funções do organismo humano de modo geral. Em contraposição, a passividade gera a perda dessas capacidades. Nesse sentido, o fato de manter o cérebro em atividade, mantendo-se informado, aprendendo coisas novas e treinando a memória são recursos úteis para obter proteção contra as perdas cognitivas geradas principalmente por doenças (DOLL, 2008).

3.2 A PERSPECTIVA DO LAZER SÉRIO

A Perspectiva do Lazer Sério foi criada na década de setenta por Robert A. Stebbins, sociólogo canadense, que dividiu a perspectiva em três tipos de lazeres: “lazer sério”, “lazer casual”; e “lazer baseado em projeto” (OLIVEIRA; DOLL, 2012; 2014). Stebbins (2014) define o termo “lazer” como a “atividade não coerciva, enquadrada no contexto do tempo livre que as pessoas fazem, utilizando suas habilidades e recursos, de uma maneira tanto satisfatória quanto gratificante.” (STEBBINS, 2012 *apud* STEBBINS, 2014, p. 53).

Stebbins (1982) considera que a sociedade pós-industrial não tem mais percebido o lazer como uma maneira de descansar do trabalho, mas “como uma oportunidade primordial de expressão pessoal, aumento da auto-identidade e auto-realização.” (p. 253, tradução nossa)³. Isso significa que os adultos “[...] procurarão cada vez mais no mundo do lazer formas de expressar suas habilidades, realizar seu potencial e identificarem-se como seres humanos únicos” (p. 251, tradução nossa)⁴. Essas constatações ressaltam a importância social, psicológica e educacional que as atividades de lazer podem oferecer aos seus envolvidos. Na perspectiva de Stebbins, as pessoas não têm mais enxergado o lazer como uma proposta “anti-trabalho”, mas como uma oportunidade de se aperfeiçoarem em algum aspecto de modo empenhado.

Embora a totalidade da “Perspectiva do Lazer Sério” possua três conceitos fundamentais, “lazer sério”, “lazer casual”⁵, e “lazer baseado em projeto”⁶, este trabalho se apropriou do primeiro conceito, o lazer sério, pelo fato de ser o termo mais adequado para compreender, fundamentar e analisar os dados coletados nesta pesquisa, e por ser o conceito que “dialoga” com as seis dimensões de uma educação de idosos propostas por Doll (2008). Conforme Stebbins (2008), o lazer sério é por definição:

[...] a prática sistemática de uma atividade central por amadores, praticantes de hobby ou voluntários, considerada substancial, interessante e realizadora, que em

³ “[...] they now see leisure as offering a prime opportunity for personal expression, self-identity enhancement, and self-fulfillment” (STEBBINS, 1982, p. 253).

⁴ “Whether or not their jobs ever provided such things, they will increasingly be searching the world of leisure for ways to express their abilities, fulfill their potential, and identify themselves as unique human beings” (STEBBINS, 1982, p. 251).

⁵ O lazer casual é uma atividade imediata, com satisfação relativamente curta, que não requer uma habilidade específica para ser aproveitada (STEBBINS, 2008 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2012).

⁶ O lazer baseado em projeto é uma tarefa criativa que acontece ocasional ou excepcionalmente e que, diferentemente do lazer sério, não existe uma intenção pelos participantes no desenvolvimento de qualidades (STEBBINS, 2008 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2012).

casos típicos, lança-lhes numa carreira (de lazer) centrada na aquisição e expressão de uma combinação de habilidades especiais, conhecimento e experiência (STEBBINS 2008 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2014, p.4).

Para o pesquisador, a prática do lazer sério se constitui numa atividade que é essencial, atrativa e compensatória para os envolvidos, e que pode desenvolver habilidades específicas, saberes e experiências. “[...] Os sentidos a serem enfatizados do adjetivo “sério” são seriedade, sinceridade, importância e cuidado, em vez de gravidade, solenidade, falta de alegria, angústia e ansiedade” (STEBBINS, 1982, p. 258, tradução nossa) ⁷. Tais atributos evidenciam que a atividade de lazer sério não é uma prática feita de qualquer maneira ou simplesmente por diversão, e sim, uma ação com compromisso e empenho mesmo diante das adversidades que podem aparecer neste meio.

De acordo com Stebbins (1982), o lazer sério possui seis qualidades, ou características: *perseverança*; *carreira*; *esforço pessoal significativo*; *presença de benefícios duráveis*; *ethos único* ou *mundo social específico*; e *identificação*.

A primeira característica, a qualidade de *perseverança*, revela que os praticantes do lazer sério sentem a necessidade de continuar perseverando e participando da atividade, independentemente dos fatores desagradáveis que possam surgir. Os aspectos positivos instigados pela prática do lazer sério acabam sendo maiores do que as adversidades advindas deste meio. Dentre as adversidades podem estar o medo do palco, embaraço, frio, ansiedade, fadiga e lesão, dentre outros aspectos (STEBBINS, 1982). A *perseverança* evidencia que a prática do lazer sério envolve pessoas que estão dispostas a enfrentar situações contrárias em prol de um objetivo maior que é, sobretudo, realizar uma atividade através da qual obtêm prazer. Trata-se de “perseverar na atividade para continuar a vivenciar o mesmo nível de satisfação.” (STEBBINS, 2014, p. 52). Vale ressaltar que a disposição para o enfrentamento de dificuldades já revela o caráter sério desse tipo de lazer.

A segunda característica, a qualidade de *carreira*, é definida como:

[...] um percurso ou transição típicos de um amador, praticante de hobby ou voluntário, que levam a pessoa através de e para um papel social de lazer e possivelmente através de e para um papel social de trabalho. A essência de qualquer carreira, seja no trabalho, lazer, ou em outro lugar, encontra-se na continuidade temporal das atividades associadas a ela (STEBBINS, 2008 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2017, p. 224).

⁷ “[...] the senses to be stressed of the adjective "serious" are earnestness, sincerity, importance, and carefulness, rather than gravity, solemnity, joylessness, distress, and anxiety” (STEBBINS, 1982, p. 258).

Exercer uma *carreira* no lazer sério significa se apropriar continuamente de novos papéis sociais, de lazer, sem desconsiderar a possibilidade de esta ação envolver aspectos relacionados a uma espécie de trabalho. Stebbins refuta a ideia do senso comum de que trabalho e lazer são coisas distintas, uma vez que o sentimento de prazer não está associado única e exclusivamente ao lazer, mas também pode estar relacionado ao tipo de atividade proporcionado por um trabalho específico. Da mesma forma, os praticantes do lazer sério, segundo o pesquisador, desempenham um esforço máximo, muitas vezes como num serviço/trabalho obrigatório, com o objetivo de alcançar o resultado que desejam ou que se espera que alcancem. Desta forma se configuram as similaridades entre trabalho e lazer, pois assim como é possível encontrar lazer no trabalho, também é possível encontrar trabalho no lazer (STEBBINS, 2014).

A terceira característica/qualidade que dá significado ao lazer sério é o *esforço pessoal significativo*, que consiste na presença de um dos três elementos, ou até mesmo dos três juntos: “conhecimento especial”, “treinamento” e “habilidade” (STEBBINS, 1982). Segundo o pesquisador, esta qualidade pode envolver “[...] destreza manual, conhecimento científico, habilidades verbais, longa experiência em uma função, carisma, proezas atléticas e, acima de tudo, esforço individual persistente” (STEBBINS, 1982, p. 256, tradução nossa)⁸. O termo “conhecimento especial” pode indicar um tipo de saber bem específico ou ainda um conhecimento que seja importante para o aprendiz, ou seja, que faz parte do seu grupo de interesses. Conforme Stebbins, os praticantes do lazer sério se esforçam de modo significativo para obterem conhecimento, treinamento e/ou habilidade em alguma área que consideram relevante.

A quarta característica/qualidade do lazer sério é a *presença de benefícios duráveis*, dentre os quais o pesquisador identificou oito privilégios bem específicos: “auto-realização, auto-enriquecimento, recriação ou renovação de si mesmo, sentimentos de realização, aprimoramento da auto-imagem, auto-expressão, interação social e sentimento de pertencimento, e produtos físicos duradouros da atividade.” (STEBBINS, 1982, p. 257, tradução nossa)⁹. Nota-se certa ênfase em componentes psicológicos e sociais a partir dos benefícios apontados pelo pesquisador. Os benefícios psicológicos revelam que, a partir da prática do lazer sério, os participantes se sentem realizados ao exercerem determinadas

⁸ “As subsequent sections of this analysis demonstrate, such characteristics as manual dexterity, scientific knowledge, verbal skills, long experience in a role, showmanship, athletic prowess, and, above all, persistent individual effort” (STEBBINS, 1982, p. 256).

⁹ “[...] self-actualization, self-enrichment, re-creation or renewal of self, feelings of accomplishment, enhancement of self-image, self-expression, social interaction and belongingness, and lasting physical products of the activity” (STEBBINS, 1982, p. 257).

atividades, percebendo um aumento do seu bem estar e melhorando a perspectiva que têm sobre si mesmos.

A quinta característica/qualidade que compõe a definição do lazer sério é o *ethos único*, ou *mundo social específico*, que nasce a partir das outras características já apresentadas: *perseverança*, *carreira*, *esforço* e *benefícios duráveis* (STEBBINS, 1982). As pessoas que participam de uma prática que contém tais características acabam por “desenvolver subculturas compostas de crenças, valores, princípios morais, normas e padrões de desempenho especiais. Em outras palavras, os participantes do lazer sério mantêm seus interesses dentro de seu próprio mundo social” (STEBBINS, 1982, p. 257, tradução nossa)¹⁰. De acordo com essa perspectiva, o *ethos único* revela que determinado grupo de pessoas corre atrás dos mesmos objetivos, apesar das diferenças presentes, e possivelmente desconsidera qualquer espécie de poder centralizado. “No centro deste *ethos* está um mundo social especial que começa a tomar forma quando os entusiastas em um campo em particular, perseguem interesses substanciais em comum por muitos anos” (STEBBINS, 2014, p. 52-53).

A sexta e última característica/qualidade é a *identificação*, que envolve as cinco características anteriores (STEBBINS, 1982) e está mais relacionada com a maneira como os participantes do lazer sério enxergam a atividade e enxergam a si mesmos exercendo a atividade. Neste modo de olhar e analisar, existe um entusiasmo evidente na fala dos indivíduos que exercem esse tipo de lazer:

[...] os participantes em atividades de lazer sério tendem a se identificar fortemente com suas escolhas feitas. Inclina-se a falar com orgulho, entusiasmo e com frequência sobre eles a outras pessoas, e a apresentarem-se a partir de termos próprios quando conversam com novos conhecidos. Pesquisas sobre amadores indicam que eles percebem que às vezes são muito entusiasmados com suas atribuições ao discuti-las com os outros (STEBBINS, 1982, p. 257-258, tradução nossa)¹¹.

A expressão de que os participantes do lazer sério tendem a “apresentarem-se a partir de termos próprios” está relacionada ao fato de que criam seus próprios códigos, expressões e valores, ou seja, são características peculiares desta prática.

A escolha de Stebbins (1982) e Doll (2008) como referenciais teóricos desta investigação foi feita com base na constatação, a partir dessas leituras, de que a maneira como

¹⁰ “[...] to develop subcultures composed of special beliefs, values, moral principles, norms, and performance standards. Put otherwise, serious leisure participants carry on their interests within their own social world” (STEBBINS, 1982, p. 257).

¹¹ “Participants in serious leisure tend to identify strongly with their chosen pursuits. They are inclined to speak proudly, excitedly, and frequently about them to other people, and to present themselves in terms of them when conversing with new acquaintances. Research on amateurs indicates they realize they are sometimes too enthusiastic about their avocations when discussing them with other” (STEBBINS, 1982, p. 257-258).

esses autores pensam e abordam práticas educacionais com pessoas idosas se relacionam com a revisão de literatura estudada e, principalmente, com os processos que acontecem no contexto desta investigação, o Grupo de Canto Vozes da Ilha. O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) e as atividades desenvolvidas no Grupo de Canto Vozes da Ilha permitem uma aproximação das dimensões de uma educação de idosos (DOLL, 2008) e da proposta do lazer sério (STEBBINS, 1982) na medida em que defendem a pessoa idosa como um sujeito empoderado, autônomo, protagonista no meio social e empenhado na busca do seu próprio aprendizado e *envelhecimento bem-sucedido*.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e apropriou-se do estudo de caso como método de investigação. Segundo López-Cano e Cristóbal Opazo (2014) os estudos qualitativos focam “na investigação minuciosa das motivações, expectativas e significados das ações de atores individuais” e procuram perceber “o sentido da experiência humana” (p. 108, tradução nossa). Além disso, os autores consideram preferencial “uma descrição e compreensão interpretativa da conduta no âmbito do próprio indivíduo, grupo ou cultura investigada” (p. 108, tradução nossa).

Tendo este estudo foco na compreensão da prática de canto coletivo de um grupo da terceira idade, esta pesquisa apresenta um caráter qualitativo na medida em que buscou investigar de forma minuciosa aspectos relacionados a tal prática a partir da perspectiva dos participantes do grupo. Reforçando o caráter qualitativo, foram considerados: “os dados tipicamente coletados no ambiente do participante, a análise dos dados indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador acerca do significado dos dados” (CRESWELL, 2010, p. 26). Os dados foram coletados junto ao grupo de canto participante desta pesquisa, sendo as análises derivadas de interpretações da pesquisadora sobre temas específicos que emergiram a partir dos procedimentos de coleta de dados.

4.1 MÉTODO

Considerando que esta pesquisa analisou com maior profundidade os processos que são desenvolvidos no contexto investigado, o estudo de caso foi escolhido por indicar uma estratégia que se adequou a essas exigências. Segundo Yin (2015), o estudo de caso é recomendado quando o pesquisador necessita responder às perguntas “como” e “por que” para explicar determinadas situações. “O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e “profunda” de algum fenômeno social” (YIN, 2015, p. 4).

Para essas situações, segundo o autor, adotar o estudo de caso como principal instrumento de investigação pode ser muito útil. “Seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender

fenômenos sociais complexos” (YIN, 2015, p. 4). Em resumo, um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real (YIN, 2015). Nesta pesquisa, o caso investigado foi o Grupo de Canto Vozes da Ilha, e a visão holística se deu a partir da compreensão de diferentes pontos de vista dos sujeitos que participaram deste estudo.

4.2 OS INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como instrumentos de coleta de dados, esta pesquisa utilizou os seguintes: a) observação não participante dos ensaios do Grupo de Canto Vozes da Ilha; b) entrevista semiestruturada com a presidente do Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (CENETI); c) entrevista semiestruturada com a coordenadora do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI); d) entrevista semiestruturada com o regente; e) questionário com os cantores; e, f) grupo focal com os cantores.

O primeiro instrumento de coleta utilizado, a observação não participante, como o próprio nome já declara, é a técnica de pesquisa que permite ao pesquisador entrar em contato com o campo de coleta sem integrar-se a ele, ou seja, permanecer de fora dos fenômenos que ali acontecem apropriando-se da função de espectador (MARCONI; LAKATOS, 2012). Considerou-se essencial a função de espectador nesta pesquisa por não permitir que a pesquisadora se envolvesse diretamente com as situações que aconteciam nos contextos investigados. Sendo assim, como não se teve aqui o intuito de ser um membro do Grupo de Canto Vozes da Ilha, e sim priorizar “o olhar de fora”, o processo de investigação foi conseqüentemente mais imparcial, sem influências do meio no qual a pesquisadora esteve inserida. Nesta pesquisa, a observação não participante teve o propósito de compreender a maneira como os ensaios são desenvolvidos, bem como conhecer as interações pedagógico-musicais que acontecem neste meio. O roteiro de observação se encontra no Apêndice D.

O segundo instrumento de coleta desta pesquisa, a entrevista semiestruturada, é, dentre os tipos de entrevista que existem, aquela que não segue rigidamente uma lista de perguntas, mas possui um guia básico que pode ser modificado durante o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (LÓPEZ-CANO; CRISTÓBAL OPAZO, 2014). A intenção da utilização deste método de pesquisa teve o propósito de oferecer uma certa liberdade aos entrevistados no

momento em que estavam discutindo um determinado assunto. Dessa forma, compreende-se que outras questões importantes não previstas foram levantadas para enriquecer a coleta e a posterior análise dos dados, visto que este procedimento não se prendeu a questionamentos fixos, mas sim, flexíveis.

Para cada entrevista realizada nesta pesquisa, houve um objetivo específico. A entrevista com a presidente do CENETI teve o intuito de investigar as suas perspectivas em relação aos ensaios do Grupo de Canto Vozes da Ilha e questões administrativas que o envolvem. A presidente teve participação duplamente relevante para esta pesquisa por ser a pessoa que atua na parte administrativa do centro dos estudantes idosos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), além de ser fundadora e cantora do Grupo de Canto Vozes da Ilha. Digno de nota é que a entrevistada possui 88 anos de idade e tem participação ativa neste contexto, exercendo diferentes funções dentro da instituição. O roteiro da entrevista com a presidente se encontra no Apêndice E.

A entrevista com a coordenadora – enfermeira e gerontóloga – do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), foi realizada com o propósito de compreender o funcionamento geral do NETI e sua relação com o Grupo de Canto Vozes da Ilha. Além disso, a partir desta entrevista buscou-se conhecer os princípios teórico-metodológicos que norteiam o trabalho com os idosos neste contexto. A coordenadora teve participação importante para esta pesquisa porque, além de administrar o NETI, acompanha com frequência o Grupo de Canto Vozes da Ilha, através da apreciação de apresentações públicas, observação de diversos ensaios e, também, por intermédio da relação que possui com alguns cantores que participam de cursos oferecidos pelo NETI, onde a coordenadora atua como professora. O roteiro da entrevista com a coordenadora se encontra no Apêndice F.

A entrevista com o regente buscou investigar suas perspectivas em relação à prática do canto coletivo na terceira idade e à condução do trabalho musical com esta faixa etária específica. O regente, formado em Ciências Sociais e Letras, foi convidado a participar desta investigação por ser a pessoa que administra a prática musical do Grupo de Canto Vozes da Ilha. Assim, a experiência do regente com o público idoso no campo da música traz grande relevância para este estudo, já que conduz, além deste coral, outros dois grupos de canto da terceira idade. O roteiro da entrevista com o regente se encontra no Apêndice G.

O terceiro instrumento utilizado, o questionário, deve conter, segundo Gil (2008), questões elaboradas com o objetivo de coletar informações dos participantes “sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado” (p. 121). Dessa forma, buscou-se “traduzir objetivos da

pesquisa em questões específicas” (p. 121) para serem respondidas pelos cantores do Grupo de Canto Vozes da Ilha.

Existem três tipos de questionário: aberto, que pergunta a opinião do informante; fechado, que oferece apenas duas possibilidades de resposta: sim ou não; ou de múltiplas escolhas, que contém perguntas fechadas com uma série de respostas possíveis (SILVA; MENEZES, 2005). Nesta pesquisa, o questionário incluiu os três tipos de estrutura, caracterizando-se como misto, pois haviam perguntas fechadas, abertas e de múltiplas escolhas para serem respondidas pelos idosos. O questionário aplicado teve como objetivo conhecer o perfil socioeconômico do grupo e investigar aspectos relacionados à experiência musical e motivação dos cantores, além de identificar os principais benefícios que a prática do canto coletivo pode proporcionar aos participantes. O questionário aplicado se encontra no Apêndice H.

O quarto instrumento de coleta utilizado, o grupo focal, é uma técnica de pesquisa que se apropria das interações grupais como meios de coletar dados enquanto discutem um tópico específico sugerido pelo pesquisador (GONDIM, 2003). No grupo focal, o indivíduo que mediar o diálogo em grupo “assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema” (GONDIM, 2003, p. 151).

O ato de realizar um grupo focal exige que o pesquisador esteja atento a tudo o que acontece a sua volta, instigando os participantes a interagirem uns com os outros. O que mais importa é fazer com que os integrantes conversem entre si, em vez de apenas responderem ao pesquisador que está mediando o diálogo. Para o grupo focal, é necessário que o pesquisador elabore um roteiro que deve ser criado pensando nos aspectos que os participantes podem ter em comum, mas também oportunizando a abertura de discussões divergentes em relação a um determinado tema (BARBOUR, 2009). Sobre isso, vale ressaltar que durante o grupo focal realizado com os cantores, estes conversavam entre si para confirmarem e/ou corrigirem informações, e isso foi importante para dar mais veracidade e espontaneidade ao diálogo.

Nesta pesquisa, o grupo focal teve como objetivo compreender as perspectivas que os cantores idosos têm sobre a prática do canto coletivo realizada nessa fase da vida, incluindo percepções sobre a atuação do regente diante das demandas específicas do público idoso. Os cantores idosos tiveram grande importância para esta investigação por serem de alguma forma os protagonistas dos processos de ensino e aprendizagem que acontecem neste meio. O roteiro do grupo focal se encontra no Apêndice I.

4.3 ETAPAS DA PESQUISA

As etapas da pesquisa estão sintetizadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Etapas da Pesquisa

Etapa	Atividade	Período
1	Primeiro contato com o grupo	Agosto/2017
2	Início das observações não participantes	Agosto/2017
3	Elaboração de roteiros + questionário	Agosto/2017
4	Entrevista com a presidente do CENETI	Novembro/2017
5	Entrevista com a coordenadora do NETI	Novembro/2017
6	Entrevista com o regente	Dezembro/2017
7	Questionário com os cantores	Dezembro/2017
8	Grupo focal com os cantores	Dezembro/2017

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

A primeira etapa da pesquisa consistiu do contato pessoal com a presidente do Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (CENETI) e com a coordenadora do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), no dia 17 do mês de agosto de 2017. Neste dia, a presidente do CENETI, que é a pessoa responsável pelo grupo estudado, concordou com a realização da pesquisa naquele contexto, de modo muito satisfatório e acolhedor, e assinou o documento nomeado “Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas” (Apêndice A), necessário para a conclusão da submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ainda na primeira etapa do trabalho, o próximo passo, após a apresentação da pesquisa ao CENETI e ao NETI, foi conhecer o regente do grupo de canto, e isso se deu no dia da apresentação pública do grupo na Comemoração dos 35 anos do NETI, 22 de agosto de 2017. Após esses primeiros contatos, procedeu-se a organização das demais etapas.

A segunda etapa constitui-se na elaboração do roteiro de observação e nas observações não participantes, que aconteceram no Templo Ecumênico da UFSC, local onde o Grupo de Canto Vozes da Ilha realiza os ensaios. No total foram observados cinco dias de ensaio, que não aconteceram em sequência em virtude da quantidade de feriados e apresentações públicas, datas essas nas quais não houve ensaios. Durante os ensaios observados, a pesquisadora

registrou eventos em um diário de campo, além de filmá-los. Os ensaios foram parcialmente filmados, pois houve algumas falhas no processo de gravação e nem sempre a pesquisadora estava com o equipamento de filmagem disponível. Dessa forma, as filmagens foram utilizadas para complementar e reforçar os dados coletados por outros meios.

A terceira etapa consistiu no planejamento e elaboração dos roteiros de entrevista (com a presidente do CENETI, com a coordenadora do NETI e com o regente); do roteiro do grupo focal; e do questionário.

A quarta etapa, a entrevista com a presidente do CENETI, aconteceu de modo muito espontâneo. Inicialmente, o objetivo da pesquisadora era conhecer um pouco mais sobre o grupo a partir da fala da presidente, pois ainda não havia sido agendada a entrevista com ela. Entretanto, a presidente explicava com grande detalhamento sobre o funcionamento do Grupo de Canto Vozes da Ilha, demonstrando que tinha muito interesse em discutir o assunto e tempo disponível para conversar naquele instante. Desse modo, a presidente aceitou que a conversa fosse gravada, e a pesquisadora aproveitou o momento para aplicar o roteiro da entrevista que já havia sido elaborado.

A quinta etapa, a entrevista com a coordenadora, foi gravada a partir de dois instrumentos de gravação (celular e notebook). Durante a entrevista, notou-se que a coordenadora estava muito a vontade para conversar e sentiu a liberdade de discutir sobre vários outros assuntos que não haviam sido perguntados. Alguns desses assuntos estavam no roteiro para serem discutidos, outros não. Dessa forma, por ser uma entrevista semiestruturada, percebeu-se que o diálogo fluiu com muita naturalidade, sem ter a necessidade de haver várias interrupções da pesquisadora.

A sexta etapa, a entrevista com o regente, foi gravada também a partir de dois instrumentos de gravação (celular e notebook). Durante a conversa, o regente explicava com muitos detalhes sobre assuntos que não envolviam necessariamente os objetivos da pesquisa. Portanto, foi necessária a intervenção da pesquisadora em vários momentos para manter o foco do diálogo. Quando essas intervenções aconteciam, os dados coletados ficavam mais claros e pontuais, permitindo uma melhor contribuição do regente com a pesquisa e enriquecendo a posterior análise.

A sétima etapa consistiu na aplicação de um questionário contendo dezessete questões. Como explicado anteriormente, o questionário era misto, contendo perguntas fechadas, abertas e de múltiplas escolhas. Vale destacar que a maioria das perguntas era de múltiplas escolhas, o que facilitou muito o processo de entendimento dos idosos na hora de responderem, já que precisavam apenas assinalar um ou mais itens, tornando o processo bem

objetivo. Havia duas perguntas abertas (discursivas): uma perguntava o que significava para eles o ato de envelhecer cantando; a outra perguntava o que levarão do Grupo de Canto Vozes da Ilha. Percebeu-se que nessas questões, que eram as últimas a serem respondidas, os idosos tiveram mais dificuldades, tanto na escrita quanto na compreensão, necessitando do auxílio da pesquisadora.

Na oitava etapa, o grupo focal com os cantores, buscou-se perguntar quais as perspectivas do grupo sobre a prática do canto coletivo realizada nesta fase da vida. Foram introduzidos tópicos de discussão sobre o ensaio (organização, repertório, processos de ensino e aprendizagem musical e preparação para as frequentes apresentações públicas), motivações, potencialidades e expectativas. Todos os seis cantores presentes se pronunciaram, incluindo a presidente, que chegou ao final do diálogo. Alguns cantores falavam mais, outros menos. Mas todos manifestaram suas perspectivas de alguma forma, concordando ou não com os colegas.

O procedimento de análise dos dados coletados se deu mediante as transcrições das observações (a partir dos diários de campo e de filmagens), das entrevistas e do grupo focal. É importante ressaltar que as filmagens, fotografias e gravações tiveram fim estritamente acadêmico. Todos os registros mencionados foram utilizados apenas pela pesquisadora e por seu orientador.

4.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no dia seis de julho de 2017, tendo sua aprovação no dia vinte e quatro de agosto de 2017¹². Importa ressaltar que todos os participantes da pesquisa (presidente do CENETI, coordenadora do NETI, regente e cantores) receberam e assinaram prontamente os documentos solicitados com relação aos procedimentos éticos.

O anonimato dos participantes foi mantido no relatório da pesquisa, sendo os participantes identificados como apresentado na Tabela2.

¹²Número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAEE): 70825417.1.0000.0118

Tabela 2– Identificação dos participantes da pesquisa

Participantes	Identificação
Coordenadora do NETI	Coordenadora
Presidente do CENETI	Presidente
Regente	Regente
Cantores idosos	Pseudônimos

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Os pseudônimos foram escolhidos pelos (as) próprios (as) cantores (as) a partir de sugestão da pesquisadora que fossem utilizados nomes de pedras preciosas/minérios, conforme a Tabela 3.

Tabela 3 – Pseudônimos dos (as) cantores (as)

Pseudônimos masculinos	Idade dos cantores
Ônix	71
Euclásio	81
Pseudônimos femininos	Idade das cantoras
Ágata	63
Jade	65
Turmalina	66
Azurita	66
Pérola	69
Magnetita	70
Selenita	70
Alexandrita	71
Olivina	72
Ametista	72
Jaspe	73
Hematita	74
Safira	76
Turquesa	76
Morganita	76

Fluorita	77
Esmeralda	79
Obsidiana	79
Presidente	88

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

5 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE ESTUDO

Este capítulo trata das análises dos dados, trazendo informações sobre o contexto da pesquisa, trechos sobre as observações dos ensaios e apresentações públicas, e as perspectivas dos participantes em relação à prática do canto coletivo no Grupo de Canto Vozes da Ilha.

5.1 O GRUPO DE CANTO VOZES DA ILHA

O grupo de canto foi oficialmente criado em maio de 2008 pela atual presidente do CENETI em parceria com a coordenadora do NETI na época, com a denominação Grupo de Canto Vozes da Ilha. O grupo de canto está vinculado ao CENETI, sendo independente do NETI de forma jurídica, porém, dependente do seu apoio institucional, que, de acordo com a presidente, é fundamental para a manutenção do grupo (Presidente – Entrevista).

A proposta inicial de criação do Grupo de Canto Vozes da Ilha, pela presidente, objetivou fomentar maior integração entre os alunos que já participavam de atividades oferecidas pelo NETI. O primeiro ensaio do grupo aconteceu no dia 15 de maio de 2008 com a presença de 30 cantores, e a primeira apresentação ocorreu no dia 15 de julho do mesmo ano, na II Conferência Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, em Ponta das Canas, no município de Florianópolis (GRUPO..., s/d, p. 1).

O Grupo de Canto Vozes da Ilha possui uma coordenação administrativa, cargo este ocupado pela presidente do CENETI, que é também a cantora mais longeva do grupo. As questões musicais estão sob a responsabilidade de um regente. Os ensaios acontecem todas as sextas-feiras das 14 às 16 horas, no Templo Ecumênico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e contemplam hoje a participação de 51 cantores com idade a partir de 50 anos, todavia, a idade mínima para fazer parte do grupo é preferencialmente sessenta anos. A comunidade é administrada pelo CENETI e os cantores pagam uma taxa mensal no valor de R\$ 25,00 para compor o salário do regente (Presidente – Entrevista). Nos ensaios observados, a média do número de cantores foi 25 participantes: dez sopranos, doze contraltos e três tenores.

Para ingressar no coral não é necessário passar por teste de voz. Segundo a presidente do CENETI, o ingresso “é bem livre”, basta apenas querer cantar, estar dentro da faixa etária

exigida e comprometer-se com a mensalidade. Segundo o regente, para fazer parte do grupo, o indivíduo deve passar apenas por um teste musical que tem o intuito de identificar em qual naipe o futuro participante ingressará (Regente – Entrevista). Os naites são divididos pelo regente do seguinte modo: o “soprano, naturalmente, é a voz mais importante, digamos, né?”, disse a presidente do CENETI, afirmando que o naipe das sopranos é responsável por cantar a melodia principal das músicas; “as contraltos”, que cantam geralmente a voz da melodia numa oitava abaixo das sopranos; e “os homens”, também chamados “tenores”, que cantam principalmente a melodia da música em uníssono.

O repertório musical do grupo, atualmente, contempla setenta músicas de diferentes gêneros: folclóricas, nacionais e internacionais, MPB (samba, forró, sertanejo) e também músicas litúrgicas, repertório este separado aos eventuais convites para apresentações em igrejas católicas e evangélicas. O grupo ensaia com frequência o Hino Nacional, o Hino de Florianópolis e o Hino do NETI, para a abertura de eventos municipais, estaduais e nacionais.

Todas as execuções musicais recebem o acompanhamento do violão, tocado pelo regente, e da percussão, tocada eventualmente por um senhor que acompanha o grupo. O regente também ensaia com o grupo as músicas que ele mesmo compõe, e faz arranjos e novas versões para as letras das músicas quando considera necessário. As músicas são geralmente cantadas a partir da utilização de uma pasta com a letra das canções. Durante os ensaios, todos cantam com muita vivacidade e alegria, geralmente dançando e sorrindo, criando coreografias coletivamente e interagindo uns com os outros.

Durante a entrevista com a presidente do CENETI, na qual houve uma breve participação da coordenadora, esta informou que o grupo de canto é “Uma atividade artístico-cultural do centro estudantil [CENETI]”, não sendo uma oficina do NETI, mas “uma ação do CENETI”. Quando a coordenadora mencionou que o grupo de canto não é uma oficina do NETI, a presidente olhou para ela na mesma hora, e brincou dizendo: “ainda não é”, dando ênfase no termo “ainda”. A presidente continuou: “[...] eu propus, já há uns 8 anos, que o grupo de canto fosse [...] um curso, uma oficina de canto, mas oficialmente do NETI, e não aceitaram, quer dizer... me disseram que eu tinha que arrumar um regente gratuito, voluntário, eu não conheço ninguém” (Presidente – Entrevista). Ficou evidente o desejo da presidente de que, num futuro próximo, o grupo de canto seja parte integrante de uma das oficinas do NETI, para que o trabalho musical seja melhor divulgado e consolidado como um todo.

Na perspectiva da presidente, o Grupo de Canto Vozes da Ilha também “é considerado cantoterapia, porque [...] não é tão rígido como um coral. Coral tem 4 vozes, tem aquela

exigência... conosco é mais brando” (Presidente – Entrevista). A presidente considera que o grupo de canto funciona também como um instrumento de terapia na vida dos participantes, ou seja, pode proporcionar a eles momentos de relaxamento e prazer. Logo, por ter também um foco mais direcionado aos aspectos psicológico e social, o grupo de canto não possui exigências específicas daquelas cobradas em um grupo coral profissional, por exemplo. Todavia, embora o grupo tenha um foco psicossocial, existe uma cobrança por parte de quem administra tal atividade de que o coral realize uma *performance* de qualidade. Verifica-se que o Grupo de Canto Vozes da Ilha é um coro amador que se empenha na busca por uma *performance* adequada para as apresentações públicas. Atualmente, os objetivos principais do Grupo de Canto Vozes da Ilha, são: “[...] aprender a cantar, e se apresentar” (Presidente – Entrevista).

O coral realiza muitas apresentações por ano em eventos diversos. Segundo a presidente, no ano de 2016 houve trinta e três apresentações públicas; e no ano de 2017, até o momento da entrevista, que aconteceu no mês de novembro, foram registradas vinte e oito apresentações públicas, e já muitas outras estavam agendadas até o final daquele ano (Presidente – Entrevista).

O Grupo de Canto Vozes da Ilha possui um documento que visa o bom funcionamento da atividade coral. Este documento trata dos 21 Deveres do Cantor, que, de alguma forma, possibilitam uma melhor convivência e organização para o desenvolvimento das ações do grupo. Segundo a presidente, os Deveres do Cantor estão sintetizados em 12 itens, os quais considera os mais importantes:

- 1) Presença nos ensaios; 2) Justificar a ausência; 3) Atenção especial no começo das músicas; 4) Obedecer ao comando do regente; 5) Não perturbar os ensaios e apresentações; 6) Dúvidas pergunte ao regente; 7) Respeitar a todos os membros do grupo; 8) Evitar fofocas e cochichos; 9) Participar em harmonia com o grupo; 10) Manter-se cantando em conjunto; 11) Desistências comunicar ao Regente/Coordenação, pagando até essa data; 12) Ao chegar atrasado, aguarde o término da música para entrar. (OS DEVERES, s/d, p. 1).

Embora algumas dessas regras pareçam óbvias como, por exemplo, “não perturbar os ensaios e apresentações”, o fato de enfatizá-la como um dos principais deveres do grupo dá um caráter verossímil e transparente ao relacionamento entre cantores e regente, e entre cantores. É possível perceber que, mesmo realizando uma atividade de lazer como o canto coletivo, muitas vezes é preciso haver normas para que haja melhor aproveitamento da

atividade, e para que a harmonia entre os membros do grupo seja preservada. Nesse sentido, as normas dentro do lazer revelam um lazer sério.

Apesar de o Grupo de Canto Vozes da Ilha não possuir um Estatuto ou Regimento Interno próprio, além dos Deveres do Cantor (Presidente – Entrevista), entende-se que o coral possui os mesmos objetivos enraizados no seu centro gerador, que é o Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (CENETI).

O CENETI, órgão representativo dos estudantes do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica do NETI, foi fundado no dia 23 de novembro de 1994, através de um grupo de alunos idosos da quinta fase deste curso. Conforme os estatutos do órgão dos estudantes, aprovado pela Câmara Municipal de Florianópolis através do Projeto de Lei nº 6484/95, o CENETI tem como principais objetivos:

- a) Reconhecer, estimular e levar adiante as reivindicações dos sócios e das classes em defesa de seus interesses no âmbito do NETI;
- b) O aperfeiçoamento constante das condições de ensino continuado e o desenvolvimento cultural, social, político e desportivo dos estudantes da terceira idade;
- c) Reivindicar o aperfeiçoamento do direito, das instituições e das ações governamentais com respeito ao amparo à terceira idade para que toda a população, hoje e no futuro, goze de justiça e igualdade social. (p. 2).

Nota-se que os principais objetivos do CENETI estão pautados na oportunidade de educação e acesso à cultura da população idosa. Segundo a coordenadora, o CENETI é constituído por alunos do programa de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Nós [NETI e CENETI] trabalhamos bem em consonância, até porque, através dos alunos, podemos justificar algumas ações, requerer algumas coisas na universidade” (Coordenadora – Entrevista).

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), conhecido como o primeiro programa de educação permanente para pessoas idosas no contexto das universidades brasileiras, foi fundado em 1982 por intermédio das professoras Neusa Mendes Guedes e Lúcia HisakoTakase Gonçalves. Nesta época, surgiram as primeiras inspirações na busca por um trabalho com pessoas idosas de maneira mais consolidada. As propostas que se desenvolveram foram apresentadas à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pelas professoras supracitadas. No ano seguinte, o NETI foi oficialmente reconhecido através da Portaria 0484/GR/83 do Reitor Ernani Bayer. Desde então, estabeleceu-se uma parceria entre o programa e a universidade na busca do envelhecimento saudável em caráter nacional. Esta

meta se dá até o presente momento através da produção de conhecimentos na área da gerontologia, da valorização das potencialidades da pessoa idosa socialmente produtiva, e do incentivo de idosos na aquisição de conhecimento e seu devido compartilhamento à sociedade (NETI, 2017).

O NETI dispõe de formação de recursos humanos em gerontologia e pesquisa através, por exemplo, do Curso de Especialização em Gerontologia, *lato sensu*, que “visa capacitar profissionais de nível superior de diferentes áreas no campo da Gerontologia, tendo como perspectiva a construção de uma prática interdisciplinar” (NETI, 2017). O NETI também oferece outros cursos, oficinas e grupos de diversas modalidades. Há cursos de línguas estrangeiras (alemão, inglês, francês, espanhol, italiano), Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica, Cinedebate em Gerontologia I e II, Curso Contadores de História, e o de Leitura e Escrita Para Pessoas Idosas e Adultas. Dentre as oficinas estão a Oficina de Teatro, a Oficina Qualidade de Vida, a Oficina de Auto Conhecimento, Oficinas de Criação Literária e a Oficina de Dança e Movimento na Terceira Idade (NETI, 2017).

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade vem adquirindo ampla divulgação, consolidando o trabalho através da parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mas também com o engajamento de alunos, professores, pesquisadores e voluntários envolvidos neste processo. Conforme dados atualizados da coordenadora, no dia da entrevista, o Núcleo contava com 39 turmas de cursos e oficinas, no segundo semestre de 2017:

São 25 cursos e oficinas diferentes, fora os grupos e os projetos em andamento. [...] A gente tá com quase 700 vagas ocupadas nesse semestre [referindo-se ao segundo semestre de 2017]. Então, no ano, somando, dá cerca de 1500 vagas ocupadas, mais ou menos, ao longo do ano. (Coordenadora – Entrevista).

Verifica-se que o NETI realiza um trabalho bem ativo, que está constantemente recebendo novos alunos idosos, abrindo mais cursos e mais turmas. A partir de tantas opções de atividades, o Núcleo busca oferecer à população idosa uma vida de melhor qualidade, fundamentada na educação e na socialização. Em entrevista realizada com a coordenadora, esta apontou alguns princípios bem específicos, nos quais o trabalho do Núcleo está baseado:

[...] promover a formação de pessoas capacitadas pra lidar com idosos, a questão de manter esse princípio de que o homem é capaz de aprender ao longo da vida, independentemente da idade, que uma vez que ele aprende, esse conhecimento que ele acessa pode transformar a própria vida, pode transformar o meio onde ele vive, e consequentemente vai transformar a nossa sociedade criando uma nova cultura de envelhecimento. E, o princípio de que a pessoa se realiza fazendo coisas que

acredita, então, quando o idoso, que tem acesso ao conhecimento, e ele se sente empoderado com esse conhecimento, ele realmente pode fazer coisas, coisas que transformam; então ele é um agente transformador. O conhecimento pode transformá-lo, se assim ele desejar e assim ele permitir. E esse conhecimento, uma vez transformando, essa pessoa pode transformar a sociedade. Então, que é na linha do Paulo Freire, que é um dos princípios que a gente utiliza, da educação participativa. E o último princípio é a questão de que o homem se realiza no mundo! Então essa ideia de que a pessoa pode ressignificar a sua vida, fazer novos projetos de vida, aprender a conviver com outras pessoas, o convívio que tá tão difícil na nossa sociedade, né? E que de certa forma também atinge as pessoas idosas (Coordenadora – Entrevista).

O NETI defende uma “nova cultura do envelhecimento”, como destacou a coordenadora. Essa nova maneira de compreender os significados do envelhecimento está relacionada com o compromisso de empoderar a terceira idade através de um processo coletivo, fundamentado na auto-realização e na ressignificação da vida, a partir da proposta de novos projetos e ações educativas. A nova cultura do envelhecimento defendida pelo NETI também está relacionada com o fato de considerar as potencialidades das pessoas idosas e enxergá-las como seres ativos no meio social. A coordenadora do NETI, na entrevista concedida ao Jornal Hora de Santa Catarina, enfatizou: “essa ideia de que o idoso é ultrapassado, doente ou inapto vem de preconceitos construídos ao longo dos anos. Precisamos parar de comparar pessoas a coisas. Coisas ficam velhas e podem ficar inúteis. Pessoas, não” (Entrevista com a Coordenadora, 2017). Nota-se aqui uma fala enfática da coordenadora em relação às pessoas que não buscam desconstruir a imagem social negativa que foi enraizada culturalmente ao longo do tempo a respeito da velhice.

O NETI também está fundamentado nos quatro pilares educacionais indicados pela *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (UNESCO): “[...] aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser” (DELORS, 2010, p. 31). A coordenadora salientou a importância dos princípios de Delors (2010), considerando que tudo parte da convivência. É a partir da convivência que se aprende, se realiza e se transforma a si próprio, ou seja, a partir da convivência se constrói um ser mais sensível, mais “humano”. A coordenadora também explicitou de que maneira os princípios de Delors (2010) estão imbricados no desenvolvimento das atividades do Grupo de Canto Vozes da Ilha, de modo específico, além de moverem o Núcleo de Estudos da Terceira como um todo.

[...] são pessoas [os cantores do Vozes da Ilha] que às vezes não tinham ideia que eram capazes de cantar. Outras vezes tinham esse desejo, mas, não se sentiam à vontade, ou não tinha a coisa do grupo, que pudesse dar esse início. Então, o grupo de canto ele realmente é um exercício desses conceitos todos [de Delors]: de acesso ao conhecimento, porque eles têm que aprender, uma vez acessado esse

conhecimento, de colocá-lo em prática, então eles têm que realmente cantar... eles têm que conviver porque eles estão num grupo: ninguém pode cantar de uma maneira que se sobressaia ao outro ou em descompasso do outro. Então eles têm que fazer esse exercício do convívio no grupo de canto. Agora, “o ser”, me parece o auge. Porque quando eles recebem os aplausos, quando eles recebem os convites pra ir cantar em cerimônias muito importantes [...] esse reconhecimento, o convite, os aplausos, o compromisso [...] têm um prazer individual. Porque tem um ganho pessoal, individual, né... então eu acho que o grupo de canto coloca em exercício esses conceitos que o NETI traz, de empoderamento, de protagonismo, de autonomia (Coordenadora – Entrevista).

É possível enxergar relações diretas entre a perspectiva da coordenadora em relação ao envolvimento dos idosos no Grupo de Canto Vozes da Ilha com os aspectos referentes ao *envelhecimento bem-sucedido* apontados pela área da gerontologia. Dentro da perspectiva psicológica, o fato de se envelhecer bem depende do equilíbrio entre a compensação das perdas na velhice e a descoberta de potencialidades (FERNANDES, *et al.*, 2011). Nota-se que através do grupo de canto os idosos podem descobrir e aperfeiçoar potencialidades. Desse modo, vê-se que o coral pode contribuir com o *envelhecimento bem-sucedido* de seus participantes a partir de ações educativas e sociais, uma vez que os cantores idosos podem desenvolver habilidades nas quais se sentem úteis para si mesmos e para a sociedade.

5.2 O REGENTE E OS CANTORES

O regente do grupo, compositor, bacharel e licenciado pelo curso de Letras e Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), está com o grupo há aproximadamente nove anos e prefere ser chamado de professor em vez de regente, apesar de, em vários momentos da entrevista com a presidente, a mesma ter se referido ao professor como “regente”. O professor, durante a entrevista, compartilhou sua história de vida, e grande parte do que foi contado, está envolvido por experiências musicais junto à família e amigos (Regente – Entrevista).

O regente contou com entusiasmo que começou a tocar violão e cantar com oito anos de idade, e desde essa época, já era convidado para cantar em festas e bailes junto com os familiares. Quando chegou à fase da adolescência, deu início a sua carreira musical na televisão e conheceu artistas famosos, chegando a abrir o show do Roberto Carlos, em Florianópolis, no período da jovem guarda.

[...] eu faço música, eu componho músicas desde os onze anos de idade. Eu tenho várias composições. Principalmente quando tinha aqui em Florianópolis festival de carnaval, e eu sempre compus músicas para o festival, e até hoje, algumas dessas músicas que eu canto no coral [Vozes da Ilha], algumas são dos concursos de festivais, que eu sempre participei. A gente sempre tirava assim segundo lugar, terceiro lugar... eu junto com uma banda. Tinha também o prêmio Zininho, da música popular aqui de Florianópolis (Regente – Entrevista).

Os anos se passaram e, desde quando o regente se aposentou, recentemente, passou a ter interesse por grupos corais. Foi o período em que conheceu o coral da UFSC e ingressou no grupo como coralista e, mais tarde, como violonista do grupo. No mesmo coral, o regente aperfeiçoou seus estudos musicais por dois anos, onde foram ministradas, por um professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), as disciplinas Teoria Musical I, II e III, e História da Música Geral. Quando o regente já estava bem envolvido com o coral da UFSC, foi convidado pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) para ministrar aula de música no NETI, por indicação de uma colega do coral da UFSC. “O conteúdo era só as músicas que a gente cantava, os ensaios em uníssono” (Regente – Entrevista). Este grupo foi crescendo, e hoje é o Grupo de Canto Vozes da Ilha.

Atualmente, além do Grupo de Canto Vozes da Ilha, o regente dirige outros dois grupos de canto específicos para a terceira idade: “Vozes do Mar”, na Marinha, e o grupo da “Associação dos Moradores da Santa Mônica”. E, além dos grupos que dirige, o regente se envolve em outras atividades musicais. “Tô sempre envolvido [com música], quase diariamente. Como agora, eu estou aqui com você, à tarde vou lá na cidade cantar, depois seis horas na Catedral. [...] Depois à noite ainda às vezes eu vou lá na outra igreja cantar, tocar” (Regente – Entrevista).

O regente contou que a sua principal motivação para ter aceitado conduzir o Grupo de Canto Vozes da Ilha foi o fato de gostar de ser professor, gostar de cantar e também para preencher o tempo livre gerado pela aposentadoria: “juntei o útil ao agradável, que é cantar, fazer aquilo que eu gosto, né? Eu me aposentei, então, sem fazer nada, bem dizer em casa, né? Procurando assim várias coisas pra fazer” (Regente – Entrevista).

Na perspectiva do regente, a sua maior conquista alcançada com o Grupo de Canto Vozes da Ilha “é fazê-los cantar e bonito. Essa é uma conquista, fazê-los cantar bonito e ser elogiado [...] O grupo de canto é elogiado em todos os lugares que nós vamos. Então essa é uma grande conquista. Eles cresceram muito!” (Regente – Entrevista).

As informações sobre o perfil dos cantores foram coletadas a partir da aplicação do questionário. O coral conta atualmente com a participação de 51 cantores. Todavia, no momento da aplicação do questionário, havia vinte e um cantores, com idade média de 73

anos: onze contraltos, oito sopranos e dois tenores. Todos, incluindo a presidente, responderam ao questionário, mas não de forma completa, pois algumas pessoas não responderam a todas as questões. As respostas dos cantores foram sintetizadas nas Tabelas 4, 5 e 6 para facilitar a visualização e a comparação entre os dados.

Tabela 4 – Perfil dos cantores idosos [parte 1]

PERGUNTAS	GRUPO DE RESPOSTAS			
Raça/cor	21 brancos			
Situação trabalhista	18 aposentados			
Estado civil	8 viúvos	8 casados	3 divorciados	2 solteiros
Situação familiar	11 moram sozinhos	6 moram com esposo (a)	3 moram com filho (s)	1 mora com irmão

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Sobre a situação trabalhista, dezoito pessoas responderam e declararam estar aposentadas: três como professoras; uma como empresária; uma como doméstica; uma como do lar; e uma afirmou ser pensionista. Os demais não declararam suas profissões ou não responderam. Importante salientar que uma das professoras mencionou fazer trabalho voluntário no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) atualmente. Esse fato mostra que o NETI é também um campo de estímulo para que as pessoas idosas, mesmo após alcançarem a aposentadoria, mantenham-se ativas trabalhando em áreas de seu interesse, além de terem a oportunidade de se desenvolverem intelectualmente, independentemente do seu nível de escolaridade. Observa-se que a aposentadoria serve também como um recurso facilitador da procura de idosos por novas aprendizagens, já que permite que o indivíduo tenha mais tempo livre para o lazer, e também para realizar projetos que são do seu interesse de vida.

É possível observar no grupo de respostas dos cantores, a preponderância de pessoas que moram sozinhas e também que são viúvas. As oito respostas que se referem à viuvez são de mulheres. Doll (2006) possui estudos sobre a viuvez enfrentada por mulheres idosas. Para o autor, a oportunidade de interagir com atividades inovadoras e de descobrir potencialidades pode ajudar a compensar as perdas da velhice e oportunizar um melhor enfrentamento dos desafios que perpassam essa etapa da vida das mulheres. “[...] A necessidade de se relacionar de uma nova maneira com amigos, filhos e familiares e a descoberta de atividades novas que elas [as mulheres] são capazes de fazer melhoram a auto-imagem e trazem forças novas” (DOLL, 2006, p. 1348). O Grupo de Canto Vozes da Ilha é um local onde as cantoras que

perderam seu esposo podem encontrar melhores formas de enfrentamento através do incentivo à aprendizagem do canto e do aumento das relações sociais.

A área de gerontologia considera a diminuição das relações sociais uma das principais causas dos problemas de saúde na terceira idade, e não necessariamente os fatores naturais do organismo ou a exposição a riscos (FERNANDES, *et al.*, 2011). Logo, fundamentando-se na área da gerontologia, é possível afirmar que o canto coletivo pode ser uma atividade que contribua para melhorar a saúde de seus participantes através da socialização e da educação.

Doll (2017) afirma que “o desenvolvimento de contatos e relações sociais e a capacidade de conviver com outras pessoas” (p. 1601), são o foco da dimensão socioeducativa nos processos educacionais com pessoas idosas. Dessa maneira, compreende-se a importância que os grupos direcionados à terceira idade podem ter na vida de seus participantes, focando na socialização como forma de lutar contra a ociosidade e a solidão que podem atingir essa etapa da vida. Interessante destacar que as onze pessoas idosas que afirmaram morar sozinhas representam 55% dos respondentes, o que pode revelar o caráter autônomo de mais da metade do grupo que respondeu ao questionário, já que uma dessas pessoas é a mais longeva do grupo (a presidente, com 88 anos de idade).

Sobre o nível de escolaridade, houve vinte respostas, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Perfil dos cantores idosos [parte 2]

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	NÚMERO DE REPSOSTAS
Nenhuma	1
Fundamental incompleto	2
Fundamental completo	2
Médio incompleto	3
Médio completo	3
Superior incompleto	3
Superior completo	3
Pós graduação	3

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Verificou-se que o nível de escolaridade do grupo é bem diversificado, pois todas as opções foram em algum momento assinaladas. Em entrevista realizada com a presidente do CENETI, ela complementou a questão sobre a escolaridade do grupo e a diversidade de níveis de formação existentes:

[...] o NETI não tem exigência de currículo escolar pra entrar aqui, então nós temos uma sociedade muito diversa, tem gente que não tem estudo nenhum, porém tem conhecimento através da vida [...], e nós temos muita gente hoje formada em faculdade, aqui no NETI (Presidente– Entrevista).

Durante a entrevista, a presidente referiu-se não apenas aos níveis de escolaridade no NETI, mas especificamente no Grupo de Canto Vozes da Ilha. Isso mostra que o fato de não haver requisito mínimo de escolaridade para fazer parte do grupo de canto possibilita que um número maior de pessoas seja alcançado por meio da atividade coral. Pessoas têm a oportunidade de adquirir e aprimorar conhecimentos independentemente de seu nível de escolaridade.

A Tabela 6 se refere aos seguintes elementos: experiência musical dos cantores; tempo que cantam no Grupo de Canto Vozes da Ilha (GCVI); e a maneira como conheceram o GCVI.

Tabela 6 – Perfil dos cantores idosos [parte 3]

PERGUNTAS	GRUPO DE RESPOSTAS			
EXPERIÊNCIA MUSICAL	12 participaram de outros grupos de canto/corais	6 frequentaram aulas de canto	4 tiveram aulas de instrumento	1 canta em dupla fora do GCVI
TEMPO NO GCVI	9 menos de 2 anos	8 mais de 6 anos	4 entre 2 e 6 anos	
COMO CONHECERAM O GCVI	11 através de amigos	8 através do NETI	2 fundaram o GCVI	1 através de uma palestra para idosos

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Foi perguntado aos cantores há quanto tempo cantam no GCVI, e todos responderam à questão. Entre os idosos mais antigos do coral, duas idosas declararam fazer parte da sua fundação. Observa-se que o perfil do grupo é bem dividido também em relação ao tempo de convivência no coro, uma vez que foram encontrados dois extremos: enquanto nove cantores são novatos, oito são antigos. Essa relação de equilíbrio pode ser significativa no tocante à troca de experiências no grupo.

Em relação à maneira como os cantores conheceram o Grupo de Canto Vozes da Ilha, todos responderam, sendo que algumas pessoas assinalaram mais de uma alternativa. Nenhuma pessoa assinalou o item “pela internet” que havia no questionário, enquanto onze pessoas (mais da metade dos respondentes) afirmaram ter conhecido o GCVI através de amigos. Isso mostra que a maior divulgação de uma atividade que é específica para a terceira idade pode ser feita através dos próprios participantes. Se a maioria dos idosos conheceu a prática coral através de amigos, é porque esses amigos tinham a atividade de canto como algo significativo e desejavam que outras pessoas tivessem o mesmo acesso que eles. Dessa forma,

o convite de pessoas próximas e a “propaganda” que se faz do coral foi fundamental para o ingresso dos cantores neste coral, assegurando que o Grupo de Canto Vozes da Ilha seja uma opção interessante para as pessoas nesta fase a vida.

Nota-se que a opção por exercer uma atividade relacionada ao canto na terceira idade pode ser compreendida também como o início de uma carreira de lazer. Um conceito muito utilizado sobre este aspecto é o conceito de “*dabbling*” (STEBBINS, 2014 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 314), que “representa a descoberta acidental da possibilidade da carreira e, conseqüentemente a realização pessoal através dela” (OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 314). Outro conceito é o “contato memorável”, que se trata de “uma experiência em que a pessoa entra em contato com uma atividade e, a partir dessa experiência deseja se envolver com a atividade, iniciando uma carreira no lazer” (STEBBINS, 2014, *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 315). Para Stebbins (2014), existem graus diferentes de envolvimento no lazer, tanto daqueles que conheceram determinada atividade acidentalmente, quanto daqueles que tiveram um contato memorável com ela (OLIVEIRA; DOLL, 2016). É possível verificar que existem diferentes graus de envolvimento no Grupo de Canto Vozes da Ilha, demonstrando que o coral tem efeitos positivos na vida dessas pessoas.

O fato de os idosos serem cantores no Grupo de Canto Vozes da Ilha independe de serem também alunos do NETI. Por este motivo, o questionário buscou identificar a relação entre o grupo de canto e o NETI no tocante à participação dos idosos em ambos os campos. A questão perguntava se eram alunos do NETI, ou seja, se estavam envolvidos com as atividades oferecidas pelo núcleo, além de cantarem no Vozes da Ilha, já que o grupo de canto não é oferecido pelo NETI diretamente, e sim pelo CENETI. Dos respondentes, quinze idosos afirmaram que são alunos do NETI, além de cantarem no coral. Apenas uma pessoa não respondeu à questão. Este resultado demonstra que uma parte significativa do grupo tem interesse em participar de outras atividades além da prática coral, e, de certo modo, pode-se dizer que essas pessoas procuram ser ativas no ambiente em que frequentam semanalmente, já que a maioria busca outras experiências educativas.

5.3 A ÓTICA DOS PARTICIPANTES

Nesta seção são apresentadas as análises das conversas com os participantes da pesquisa (coordenadora, regente e cantores, incluindo a presidente), e as considerações realizadas pelos cantores a partir do questionário. As subseções foram divididas pelos assuntos mais enfatizados nos instrumentos de coleta deste estudo, incluindo análises complementares a partir das observações realizadas junto ao grupo. Os assuntos mais mencionados nas conversas com os participantes da pesquisa geraram seis categorias específicas: 1) razões para cantar; 2) benefícios do canto; 3) empenhos e desafios; 4) demandas específicas; 5) interações pedagógico-musicais; e 6) repertório.

Vale lembrar que vinte e um cantores responderam ao questionário. Do grupo focal, cinco cantores participaram: quatro mulheres do naipe das contraltos (Ágata, Jade, Esmeralda e Safira) e um tenor (Ônix). Durante o grupo focal, a presidente, que também canta no naipe das contraltos, entrou na sala para participar deste momento e respondeu a algumas perguntas. Logo, trechos da conversa com a presidente aparecem em dois momentos distintos (a partir do grupo focal e da entrevista específica com ela). No total havia seis cantores presentes no grupo focal, incluindo a presidente. Em cada uma das seis categorias estão presentes contribuições do regente e da coordenadora do NETI, como forma de complementar as perspectivas dos cantores em diversos momentos da análise.

5.3.1 Razões para cantar

A primeira categoria agrupa as respostas dos participantes referentes às motivações dos cantores para o ingresso no coral. Essas informações foram coletadas a partir do questionário e das entrevistas com os participantes da pesquisa.

Uma das questões do questionário buscou saber quais as principais razões que levaram os cantores a participarem do grupo. Nesta questão estava escrito que eles poderiam assinalar quantas opções desejassem, referentes a essas razões. As respostas dos cantores estão apresentadas na Tabela 7.

Tabela 7 – Razões para o ingresso no Grupo de Canto Vozes da Ilha

Pergunta: Indique a razão que influenciou sua decisão de fazer parte deste grupo. Marque quantas opções desejar.	Respostas
Paixão por cantar	13
Fazer novos amigos	13
Aprender a cantar	12
Gosto das músicas	11
Manter contato com outras faixas etárias	10
Aperfeiçoamento da voz	9
Viajar/passear com o grupo	8
Aprender músicas	7
Fazer apresentações públicas	7
Sou aluno do NETI	4
Encontrei aqui a oportunidade de fazer o que não consegui antes	4
Outras razões	4
Meus amigos/família cantam neste grupo	3
O grupo é famoso e respeitado	3

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Interessante notar que as principais razões pelas quais os cantores decidiram fazer parte do Vozes da Ilha, conforme a Tabela 7, estão relacionadas a aspectos sociais, principalmente, mas também ao grande interesse que possuem por esta prática musical específica e pela necessidade de se aperfeiçoarem musicalmente.

Os aspectos sociais ficaram evidentes quando os cantores mencionaram que ingressaram no coral para fazer novos amigos (treze respostas), manter contato com outras faixas etárias (dez respostas) e viajar/passear com o grupo (oito respostas). Nota-se que essas pessoas buscam novas amizades dentro de uma prática que consideram atraente. Os cantores querem companhia e, mais que isso, querem companhia para realizarem atividades que os entusiasma. Verificou-se que a *dimensão socioeducativa*, que é uma das características mais fortes das atividades educacionais com pessoas idosas (DOLL, 2008), foi também um dos motivos pelos quais esses cantores decidiram ingressar no coral, pois aqui têm a oportunidade de aumentar suas relações sociais.

Em relação ao contato com outras faixas etárias, notou-se que o grupo faz apresentações musicais para diferentes públicos, em escolas, igrejas, universidades, praças, dentre outros lugares. Logo, esse contato com pessoas de diferentes faixas etárias e em diferentes lugares os faz se sentirem importantes em espaços diversos e para um grupo amplo de pessoas que os prestigiam.

A razão relacionada ao fato de ingressarem pelo interesse que possuem pela prática do canto foi destacada no item “paixão por cantar” (treze respostas), que recebeu o mesmo número de respostas do item “fazer amigos”, sendo essas as principais motivações para os cantores decidirem participar do coral. Verifica-se que esses cantores idosos ingressaram no

grupo principalmente para aumentarem suas relações sociais ao mesmo tempo em que praticam uma atividade da qual gostam intensamente.

A necessidade que esses cantores têm de aperfeiçoarem-se musicalmente foi enfatizada nos itens “aprender a cantar” (doze respostas) e “aperfeiçoamento da voz” (nove respostas). Existe o desejo por parte desses cantores de aprenderem a exercer esta atividade de forma aprimorada, ou seja, eles querem aprender a cantar para exercerem uma atividade pela qual são apaixonados, mas não querem fazer isso de qualquer maneira. É possível identificar aqui um objetivo que exige um empenho dos cantores na busca por um resultado de qualidade. Trata-se de fazer o que se gosta, porém com dedicação.

Durante o grupo focal, o aperfeiçoamento musical também foi evidenciado como uma das principais razões para o cantor Ônix ingressar no coral: “[...] vim pro grupo pra poder aprimorar as minhas técnicas de cantar [...]. Gosto de cantar e [...] eu consegui ali cantar outros tipos, outro segmento da música!” (Ônix). No decorrer do diálogo, o cantor mencionou que seu interesse pela aprendizagem musical começou após a aposentadoria, tendo sua primeira experiência a partir do canto em dupla com um colega. Foi possível notar também que o cantor está disposto a ampliar seu repertório musical, conhecendo outras culturas musicais e estilos diversos de canto. Ônix declarou que encontrou alguns desafios aprendendo músicas que não são do seu conhecimento, mas mostra que se esforça para conseguir um bom resultado e acompanhar o grupo. O desejo de aprender músicas novas também foi apresentado na Tabela 7, por sete cantores, como algumas das razões para o ingresso no grupo. Além disso, onze cantores se identificaram com o repertório que o grupo já cantava, e por este motivo também decidiram entrar no grupo.

No grupo focal, a cantora Jade, que ingressou no grupo a partir do convite de uma amiga coralista, ressaltou a sua realização por estar participando do grupo: “Eu posso dizer que eu tô feliz” (Jade). A cantora também compartilhou que decidiu ingressar no coral porque não sabia cantar e percebeu no grupo uma oportunidade para aprender, além de ter o privilégio de fazer algo a partir do qual possui satisfação. Ficou evidente que neste meio a cantora encontrou pessoas queridas com as quais pode desenvolver novas amizades e que o grupo de canto é um lugar que proporciona, simultaneamente, novas aprendizagens e bem estar.

O item “outras razões”, apresentado na Tabela 7, refere-se às seguintes respostas: uma pessoa afirmou que entrou no grupo porque gostaria de “deixar a vergonha de lado”; uma enfatizou que aceitou participar do grupo porque realmente gosta de cantar; uma mencionou que decidiu ingressar no grupo para se “distrair”; e uma declarou que aceitou participar

porque gosta de “conviver com outras pessoas”. Havia mais um item na questão, a razão de “ficar conhecido”, porém, este não foi assinalado por ninguém.

Conforme a Tabela 7, os cantores também ingressaram no coral para realizarem apresentações públicas (sete respostas). Ou seja, existe a necessidade de tornarem conhecida a atividade que praticam com dedicação. No dia do grupo focal, Esmeralda salientou que gosta de cantar para um grande público. Isso mostra a necessidade que tem de mostrar resultados musicais ou de simplesmente vivenciar o prazer de uma *performance* e de ser vista pelas pessoas, amigos e familiares, de poder interagir com o público e, de certa forma, também de poder se sentir importante realizando essa atividade. Na entrevista com a coordenadora, a mesma comentou que o grupo de canto, na vida dos cantores:

[...] traz esse retorno do reconhecimento, dos aplausos, que deve fazer muito bem pra pessoa. E o próprio convívio com o grupo, assim [...]: ‘Ah, tô sozinha em casa, meu marido morreu agora, meus filhos viajaram, casaram, tô sozinha... ah, eu não quero estudar, eu quero cantar’. Lá [no Vozes da Ilha] elas descobrem que vão ter que estudar também [risos] (Coordenadora – Entrevista).

Nota-se a importância que os aplausos e o reconhecimento do público podem ter para uma fase da vida na qual há consideráveis mudanças e perdas. Todavia, simultaneamente às perdas, vale destacar que potenciais e habilidades podem ser desenvolvidos na terceira idade, possibilitando ao idoso a oportunidade de tornar-se um protagonista social no meio onde atua. Em entrevista, o regente explica o que considera ser “protagonismo social” e de que maneira o Grupo de Canto Vozes da Ilha possibilita esse protagonismo na vida de seus participantes:

[...] Elas se sentem importantes no grupo. [...] Elas se sentem sendo observadas, sendo como uma artista! Se sentem protagonistas mesmo! Às vezes, numa apresentação ficam lá atrás e não cantam nada! Mas, ‘eu faço parte do grupo’. Entendeu? Esse protagonismo é isso! [...] É ser importante para o grupo e para si mesmo. Para mostrar para o público que... até subir no palco... só em subir no palco já é pra elas importantíssimo! (Regente – Entrevista).

Verifica-se que este é o sentimento de “pertencimento” destacado por Stebbins (1982) como um dos benefícios duráveis do lazer sério, pois os cantores se sentem importantes por pertencerem a este grupo. A coordenadora destacou algo na entrevista que complementou a discussão sobre o protagonismo social:

Eles têm a necessidade, e eu acho que isso é muito positivo, de se renovar. Então, muitos não ficaram apenas no grupo de canto. Alguns até mudaram de grupo, saíram daqui, foram pra outro grupo fora do Neti, ou vice versa. Mas eles têm a necessidade de se reinventar. Tanto que a partir do grupo de canto [Vozes da Ilha] nasceu a “Seresta”, nasceu “As Açorianas”, nasceu “As Manezinhas em Flor” [...]. São outros

grupos [...]. Então, por exemplo, no Fórum de Tocantins, em 2015, que a gente foi pra lá, eles [os alunos idosos] se organizaram, e eles montaram o grupo “Açorianas” [...]. Iniciativa única e exclusivamente deles. Eles que organizaram, eles que desenharam e confeccionaram a roupa açoriana, então, eles queriam mostrar em Tocantins um canto que fosse mais da cultura local de Florianópolis. Foi um sucesso! [...] Agora, no Fórum [Fórum Nacional de Projetos da Terceira Idade, UFSC, outubro/2017], algumas pessoas do grupo de canto também queriam fazer uma coisa nova. Dai fizeram “As Manezinhas em Flor”, que na verdade é um grupo de samba. Então fizeram uma roupa característica, sabe, tudo delas! Elas inventaram, elas criaram, elas pagaram o que tinha que pagar, e o [regente] ensaiando, coitado, o que elas mandam fazer! [risos]. Mas elas [as pessoas idosas] vêm com as ideias e ele [o regente] acata (Coordenadora – Entrevista).

Observa-se que o protagonismo social, ou seja, a necessidade de ser o ator principal na realização de projetos, criando ideias para as apresentações públicas, construindo novos personagens, confeccionando roupas e trazendo diversas novidades ao grupo, motiva as pessoas idosas a ingressarem no coral porque vêm que suas opiniões são ouvidas e sentem que podem executar suas próprias criações. Isso é extremamente importante para que as pessoas nessa fase da vida, já com idade mais avançada, percebam o quanto podem ser úteis, e quantas potencialidades e habilidades elas ainda têm para explorar na vida, revelando o melhor delas mesmas. Da mesma maneira como afirmou a coordenadora, que no coral os cantores idosos têm a necessidade de se renovar/reinventar, Stebbins (1982) aponta a “recriação ou renovação de si mesmo” como um dos principais benefícios promovidos pelo lazer sério.

Vale ressaltar, como indicou a coordenadora, que o professor possibilita que os idosos também sejam protagonistas nos processos de ensino e aprendizagem (CACHIONI; NERI, 2004). Nota-se uma parceria entre os cantores e o regente para que os projetos funcionem. Isso pôde ser observado no dia da apresentação do grupo “As Manezinhas em Flor”. A apresentação foi observada pela pesquisadora deste trabalho, no Fórum Nacional de Projetos da Terceira Idade, mencionado pela coordenadora. As cantoras idosas do Grupo de Canto Vozes da Ilha, que criaram o grupo de samba e apresentaram no palco junto com o regente, cantavam e dançavam no dia da apresentação de modo que contagiava a todo o público. Elas sorriam, cantavam e brincavam, rodopiando no palco com o vestido que elas mesmas confeccionaram. Isso mostra a presença da *dimensão emancipatória* de uma educação com idosos, na qual a terceira idade tem a liberdade para intervir no meio em que está inserida, através de suas competências e participações ativas (DOLL, 2008).

Outra razão para fazer parte do coro foi apontada no item “encontrei aqui a oportunidade de fazer o que não consegui antes”, que foi assinalado no questionário por quatro cantores. No dia do grupo focal, essa razão também foi mencionada por Esmeralda.

Após ouvir o que os colegas tinham a dizer sobre as razões que incentivaram sua decisão de cantar no grupo, a cantora complementou: “[...] antigamente era muito complicado pra cantora. Meus irmãos não deixavam, não podia se cantar em casa, porque era tudo muito complicado. Porque, quem era cantora, era uma pessoa não bem vista na sociedade” (Esmeralda). A cantora confessou que não teve oportunidade de cantar quando era mais jovem, por isso, uma das razões pelas quais veio para o grupo foi o privilégio que encontrou aqui de realizar o que não foi possível anteriormente. Dessa forma, vê-se que o Grupo de Canto Vozes da Ilha possui também uma *dimensão compensatória* na vida de Esmeralda, pois, através de uma atividade educativa, a cantora pode compensar os desejos não alcançados na juventude (DOLL, 2008).

A cantora Ágata, que foi convidada pela sua irmã para entrar no coral, também compartilhou suas motivações para fazer parte do grupo. A cantora compartilhou a necessidade de ocupar o seu tempo livre após a aposentadoria e a oportunidade que encontrou de realizar algo novo, e que abrisse seus olhos para um mundo totalmente diferenciado daquele no qual estava acostumada a viver: “[...] Eu acho que eu precisava disso pra me... sei lá, me soltar mais, sabe? Era disso que eu precisava. Por enquanto tá sendo o que eu tô gostando de fazer” (Ágata). Foi possível notar o contentamento da cantora enquanto explicava a maneira como ingressou no grupo de canto. Isso indica o percebimento de um bem estar subjetivo, que pode estar relacionado ao bem psicológico da cantora (TEIXEIRA; NERI, 2008).

Safira também fez questão de expressar algumas razões que a incentivam a permanecer no grupo coral: “[...] me senti outra pessoa. Porque tu só ficavas em casa trabalhando, trabalhando... porque três filhos pra criar não era fácil” (Safira). A cantora decidiu ingressar no coral não para ocupar seu tempo livre, já que depois de se aposentar não parava de trabalhar, mas justamente para fazer algo além de trabalhar em casa. Ela buscava algo que a fizesse se sentir útil além dos deveres e cuidados que tem com o seu lar. A frase “me senti outra pessoa” se aproxima do conceito de “carreira realizadora”, que “[...] serve como meio para que a pessoa descubra profundos significados de realização pessoal, pois através da realização, os participantes compreendem seu potencial, descobrindo seus gostos e talentos únicos para uma ou várias atividades” (STEBBINS, 2014 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 313).

Safira continuou expressando seu entusiasmo de estar presente no Vozes da Ilha: “[...] aqui não foi pra envelhecer, aqui foi pra rejuvenescer!”. A cantora também mencionou que sente sua maneira de cantar mais valorizada no coral. Ficou evidente que as razões que

levaram a cantora a participar do grupo de canto estão pautadas no sentimento de aceitação, na oportunidade de se relacionar com outras pessoas e de enxergar-se como uma pessoa mais ativa neste meio.

Existe, para as pessoas que decidiram ingressar nesta atividade de canto coletivo, a necessidade de realizarem algo significativo para si mesmas e para a sociedade, com o intuito de, principalmente, evitarem o isolamento social. É com este intuito que elas ingressam em grupos cujas atividades desenvolvidas fazem parte de seus principais interesses de vida, como o Grupo de Canto Vozes da Ilha. Esta ação também permite que essas pessoas desenvolvam um envelhecimento ativo.

Segundo o regente do grupo, para o indivíduo alcançar um envelhecimento ativo, é preciso que ele seja um participante ativo em algum grupo específico: “Ela [a pessoa idosa] tem que participar, porque senão ela fica em casa, o pensamento vai reduzindo, as articulações... eu acho que ela vai ter problemas de dor, de saúde” (Regente – Entrevista).

Por fim, na perspectiva do regente, uma das principais razões pelas quais as pessoas buscam a prática do canto coletivo é o melhoramento do seu próprio bem estar: “elas não vão pra lá se não for pra melhorar o seu bem estar. [...] É um compromisso para o seu bem estar” (Regente – Entrevista). Para o regente, os cantores do Grupo de Canto Vozes da Ilha vão a todas as sextas feiras ao ensaio porque têm a consciência de que participam de um lazer com compromisso, onde eles mesmos são o foco. Nota-se que o coral acolhe seus participantes com cuidado e que os cantores também se sentem responsáveis pelos benefícios promovidos por esta prática. Isto é, a seriedade neste contexto funciona como uma via de mão dupla, pois, assim como o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) e o Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (CENETI) têm o compromisso de atender as demandas dos idosos, os cantores têm a responsabilidade de comparecer semanalmente aos ensaios e de comprometerem-se com as apresentações públicas, além de outros compromissos que assumem neste meio. Dessa maneira, compreende-se que esta prática funciona quando todos os envolvidos trabalham conjuntamente para a promoção do bem estar de seus envolvidos.

5.3.2 Benefícios do canto

A segunda categoria de análise agrupa as respostas dos cantores referentes aos efeitos do canto em sua vida. São os elementos que os cantores não imaginaram, necessariamente, que adquiririam no coral, mas que foram sendo conquistados ao longo da permanência na atividade. Essas informações foram coletadas a partir do questionário e da entrevista com os participantes da pesquisa.

Como complemento das razões que influenciaram o ingresso desses idosos no coral, uma das questões do questionário buscou saber quais as funções que o Grupo de Canto Vozes da Ilha tem na vida de seus participantes. Todos responderam a essa questão, conforme a Tabela 8.

Tabela 8 – Funções do Grupo de Canto Vozes da Ilha na vida dos cantores idosos

Pergunta: Que funções o Grupo de Canto Vozes da Ilha tem na sua vida? Marque quantas opções desejar.	Respostas
Socialização	14
Lazer	13
Aperfeiçoamento da minha voz	12
Aprendizagem musical	11
Melhoramento da minha saúde	11
Contato com outras faixas etárias	8
Atualização perante as transformações do mundo	5
Autonomia	3

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

É possível notar que os aspectos sociais e de aperfeiçoamento vocal/musical foram também os mais destacados como efeitos que a prática coral pode proporcionar a seus participantes, além de serem as razões pelas quais ingressaram no grupo. Isso comprova que os idosos entraram por motivos específicos e perceberam que suas necessidades iniciais estão sendo preenchidas no grupo. Os cantores mencionaram que entraram no coral, principalmente, para fazer novos amigos, e notaram que a socialização (quatorze respostas) tem sido uma função importante dessa prática, incluindo a possibilidade do contato com outras faixas etárias (oito respostas). Da mesma forma em relação ao aspecto musical, entraram no grupo principalmente porque são apaixonados pelo canto e querem aperfeiçoá-lo, ou seja, para eles é um prazer estar neste ambiente porque gostam do que fazem e porque querem aprender a cantar melhor. Sobre esse aspecto, o grupo tem percebido que o coral

aperfeiçoa a voz (doze respostas) e desenvolve a aprendizagem musical (onze respostas), suprimindo mais uma vez seus objetivos iniciais.

A função do coral como lazer também foi uma resposta preponderante entre os cantores. Existe, simultaneamente à preocupação com o aperfeiçoamento vocal/musical e à socialização, o usufruto de momentos prazerosos na atividade do canto coletivo. Os cantores têm a consciência de que esta atividade traz benefícios pelo simples fato de que estão tendo o privilégio de realizarem algo que gostam. Doll (2008) afirma que o lazer é uma das principais dimensões de uma educação com idosos, todavia, nem toda a população idosa percebe o quanto as ações educativas e de lazer podem estar interligadas, logo, nem todas as pessoas buscam atividades educativas nessa fase da vida. Doll (2008) defende que a educação na terceira idade pode funcionar como um lazer na vida dos envolvidos, e é perceptível que os cantores do Grupo de Canto Vozes da Ilha identificam a função do lazer a partir dessa formação musical.

Vale ressaltar que os itens “aprendizagem musical” e “melhoramento da saúde” tiveram igualmente onze respostas. Esse resultado demonstra o caráter multifacetado que a prática coral pode ter na vida das pessoas, alcançando o âmbito da saúde dos indivíduos, além dos aspectos socioeducacionais. Todavia, não foi possível identificar, a partir do questionário, a relação direta da participação no grupo com o fator “saúde”, uma vez que muitas questões mereceriam ser discutidas antes dessa conclusão. Por exemplo, a que tipo de saúde os cantores se referem: saúde psicológica, emocional, física, espiritual, ou fonoaudiológica? Talvez o fato de terem assinalado que sentem sua saúde melhor se deve à simples razão de se sentirem bem neste ambiente em que frequentam – e isso para eles já significaria ter uma boa saúde. Além disso, vale perguntar: se esta suposta saúde se refere ao ponto de vista médico, os idosos são saudáveis porque cantam no coral ou cantam no coral porque são pessoas saudáveis? Isso mostra que o questionário, sozinho, não foi suficiente para responder detalhadamente à questão, uma vez que o item “saúde” pode significar qualquer elemento que seja bem sucedido na vida dos idosos.

Cinco cantores assinalaram que o Grupo de Canto Vozes da Ilha tem a função de atualização em sua vida. Ônix, na categoria anterior, “razões para cantar”, expressou sua necessidade de ampliar o repertório e de aprender novas técnicas de canto, indicando aqui uma necessidade de atualização musical. “As pessoas que buscam por uma carreira realizadora são orientadas por um desejo de melhorar em seus lazeres ou atividades profissionais” (STEBBINS, 2014 *apud* OLIVEIRA; DOLL, 2016, p. 313).

Doll (2008) afirma que a educação com idosos possui a *dimensão de atualização* para os seus participantes. O autor dá um exemplo a partir do uso da informática e do computador. Ampliando essa dimensão para o contexto de educação musical, é possível concluir que a atualização está presente a partir da aprendizagem de novas músicas correspondentes a diferentes gerações, gêneros e culturas, e também ao contato com outras faixas etárias proporcionado pela prática coral.

O item autonomia, embora tenha sido assinalado por apenas três idosos, vale ressaltá-lo, porque também é uma função presente na vida desses cantores. Como já discutido, a cognição é responsável pela preservação da autonomia do indivíduo (FERNANDES, *et al.*, 2011). A educação na terceira idade pode preservar a capacidade cognitiva dos sujeitos porque permite o treinamento da memória, e isso ajuda a manter a funcionalidade do indivíduo (NERI; CACHIONI, 2004). Logo, é possível dizer que a educação musical pode contribuir para a *manutenção das habilidades cognitivas* (DOLL, 2008) dos idosos, já que a aprendizagem musical potencializa os aspectos cognitivos dos envolvidos (SARFON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017). Essas pesquisas, juntamente com as respostas dos cantores idosos, comprovam o quanto a saúde e a aprendizagem musical podem estar relacionadas, desencadeando um *envelhecimento autônomo e bem-sucedido* na vida daqueles que praticam música.

Nota-se que o item autonomia é um tanto subjetivo para estar presente no questionário ao lado dos outros itens. Talvez os demais respondentes, que não assinalaram a autonomia como sendo uma função do coral, não entenderam o significado deste conceito e, conseqüentemente, não compreenderam a relação da autonomia com a atividade que realizam.

No grupo focal, Ônix afirmou que um dos principais benefícios que adquiriu por intermédio da aprendizagem musical foi a influência direta sobre a sua memória:

[...] depois que comecei a mexer com música, que aprendi a tocar o pouquinho que eu sei, hoje, quanto mais rápido você fala, mais rápido eu pego! [...] Eu acredito que seja depois da música, e só me aconteceu depois que eu comecei a pegar música. [...] A primeira música que eu fui decorar, eu levei dois meses para decorar. Hoje eu tô com 71 anos, você me pede pra eu tirar uma música pra você, eu pego ela na internet, copio ela, vejo as notas dela, a cifra dela, tiro a cifra dela, canto ela umas duas, três vezes, é... leio ela, copio ela a segunda vez, e no dia seguinte eu já tô cantando ela sem olhar nada. [...] Talvez a pessoa que canta desde criança, à mente dela não vai fazer novidade, porque ele já tá praticando aquilo desde criança. [...] Agora, quem aprende a cantar, que foi meu caso, que comecei a praticar música depois de cinquenta e cinco anos, ela estimula áreas do cérebro que não eram usadas antes, ta entendendo? Isso eu digo com respaldo. E essa diferença dá grande influência na sua vida, saúde, um monte de coisas (Ônix).

Ônix não entrou no grupo para melhorar a memória, necessariamente, mas este fator foi algo que colheu pela sua continuidade na prática. O cantor, além de afirmar que a música melhorou a sua memória, alegou que influenciou sua saúde de modo geral. Não foi possível identificar o que o cantor quis dizer com “saúde”, ou seja, o que significa saúde para ele, mas é evidente que as atividades musicais das quais participa com mais ênfase desde os seus cinquenta e cinco anos de idade possuem uma contribuição positiva em sua vida, proporcionando-lhe sensações de lucidez e bem estar.

A presidente, ao explicar sobre os benefícios do canto para o grupo, fez questão de exemplificar: “[...] a respiração é o pulmão; a memória seria decorar [as músicas]; e a parte social, que é o convívio, ter esse grupo, esses amigos. Então, memorizar é bom, decorar é bom pra memória, você ativa a memória, usando” (Presidente – Entrevista). A presidente tem a consciência de que o ato de cantar pode proporcionar benefícios amplos e muitas vezes simultâneos na vida dos cantores. A presidente reconhece que o canto envolve aspectos respiratórios, cognitivos e sociais através de momentos específicos da aprendizagem das músicas. Quando se canta, a capacidade respiratória é fortalecida através dos exercícios constantes de respiração; quando se decora as músicas, os fatores cognitivos estão sendo favorecidos; e quando há convivência e aprendizagens coletivas, a socialização é enriquecida.

Segundo a coordenadora, a música pode desenvolver a plasticidade cerebral do idoso, permitindo que a capacidade de aprendizagem seja mantida e também renovada:

[...] a possibilidade de uma pessoa adulta fazer uma resignificação, dos seus pensamentos, das suas maneiras de agir, das suas histórias de vida, das vivências que ela teve, essa possibilidade de ela fazer isso, realmente pode contribuir, e muito, com o seu aprendizado. Um outro aspecto, além dessas diferenças de idade que é o ‘pra quê que eu tô aprendendo’. É a capacidade funcional mesmo. Claro que uma criança, um adolescente, eles estão em pleno crescimento e desenvolvimento. Então, é o momento de construir a sua caixa, de saberes. É um momento de construção, pra ele poder dar saltos qualitativos na vida. Mas o idoso também continua tendo esse momento, de renovar a sua caixa de saberes, de construir novos saberes e de alimentar o seu cérebro, a parte funcional. De estimular que o seu cérebro continue produzindo a capacidade de aprendizagem, as sinapses, a plasticidade cerebral. Quanto mais você estimula, mais você faz com que o cérebro trabalhe a seu favor (Coordenadora – Entrevista).

Para a coordenadora, o idoso pode renovar saberes e experiências já adquiridos, além da possibilidade de construir novos saberes, fato este que permite a continuidade da aprendizagem ao longo da vida, independentemente da idade, e que preserva as capacidades cognitivas do sujeito. Dessa forma, o ganho que uma pessoa idosa pode ter a partir da aprendizagem musical é, neste ponto de vista, superior ao ganho que uma pessoa jovem pode

adquirir, já que a terceira idade possui mais vivências e experiências para serem compartilhadas e ressignificadas.

Segundo Ágata, o coral “dá uma motivação maior pra viver, [...] dá um ‘*up*’, digamos assim, a gente fica mais alegre, mais animado” (Ágata). Sobre isso, os demais cantores presentes concordaram com Ágata. A cantora ainda manifestou os benefícios do coral no tocante à socialização e a oportunidade de conviver em grupo.

[...] eu não tive convivência com pessoas assim de mais idade. E agora eu tô vendo como é gostoso trabalhar, ou conviver, ou ficar perto de pessoas assim como eu, que já tô com sessenta e pouco, e os outros que são mais velhos do que eu, então eu acho assim sensacional. Eu achei assim uma experiência boa e tô gostando (Ágata).

Ágata reconhece que conviver com pessoas da mesma faixa etária é gratificante. Talvez o motivo disso seja porque, convivendo com essas pessoas, ela pode se sentir melhor compreendida e compartilhar dos mesmos interesses e objetivos de vida.

Segundo a cantora Jade, os benefícios proporcionados pelo coral giram principalmente em torno de aspectos psicológicos:

[...] eu amo vir pra cá, eu adoro cantar! Eu adoro estar nesse meio! E pra mim, pra minha vida pessoal, eu acho que só trouxe coisas boas. Eu não gostaria de sair nunca! Enquanto eu puder, enquanto tiver, enquanto a gente puder cantar, eu gostaria de continuar! Eu sentiria muito se acabasse isso aí. Eu acho que faz um bem não só pra mim, mas também pra todo mundo! (Jade).

Enquanto Jade falava, todos concordavam, inclusive Esmeralda e Safira, que, neste momento da discussão sobre os benefícios do canto, preferiram ouvir o que os colegas tinham a dizer. Para Jade, este grupo proporciona um bem estar que é fundamental em sua vida. Chega a ser uma resposta tão óbvia para a cantora, que acaba por não especificar que tipos de benefícios recebe através do coral. Em seguida, Jade afirmou: “Eu sinto uma emoção muito grande!”. Os aspectos psicológicos e os sentimentos gerados pela prática coral são os benefícios mais relevantes na vida da cantora. É possível fazer uma relação entre a perspectiva de Jade com alguns dos benefícios que o lazer sério pode proporcionar aos envolvidos, como a “auto-realização” e os “sentimentos de realização” (STEBBINS, 1982).

Em entrevista realizada com o regente, este também apontou benefícios específicos que o canto pode proporcionar na vida de seus envolvidos.

Às vezes tem pessoas que vão para o grupo até pra escutar, porque sabe que a música ela é... sensitiva, ela faz a pessoa até melhorar de vários problemas de saúde!

[...] Eu fui um, que me curei, realmente eu estava com estresse e problema de diabete, e eu escuto música, eu canto música quase o dia todo! Isso me faz... a sensação da música ela traz o benefício mental extraordinário [...]. A música em si ela transforma a pessoa. Se você toca numa missa, na entrada você é uma pessoa [...] no final da missa você é outra pessoa! [...]. Você esquece todos os males da vida [...]. Por isso que eu toco na catedral, canto lá... em todas as igrejas. Pros doentes do HU aqui, toda quarta-feira. [...] Na Santa Paulina, Angelina, eu toco em todos os lugares. Mas é a sensação que a música nos dá. A gente tem sensibilidade. Todos têm essa sensibilidade (Regente – Entrevista).

O entusiasmo com o qual o regente explicou a funcionalidade da prática musical em sua vida pessoal foi muito grande no momento da entrevista. Não significa que a música é em si mesma a solução para todos os problemas da vida, mas a sensação de bem estar que ela proporciona pode trazer muitos fatores positivos na vida daqueles que praticam música.

A coordenadora também compartilhou, durante a entrevista, que os benefícios que os cantores idosos recebem, através do Grupo de Canto Vozes da Ilha, estão principalmente relacionados a um retorno pessoal da atividade ali exercida.

[...] eles [os cantores] estão ali voluntariamente. Eles estão porque querem estar. Mas não é via de mão única, assim, na mesma medida que eles se dão, eles também têm um retorno, que não é só pro grupo, é um retorno pessoal também, por todo o reconhecimento que eles recebem. Pelos aplausos que eles recebem, pelo carinho que eles recebem cada vez que encerra uma apresentação, o desafio de se reinventar, porque de certa forma eles estão quebrando algumas barreiras. São pessoas que não são cantoras, são donas de casa, são profissionais liberais aposentados, né? Algumas pessoas mal sabem ler e escrever, outras têm até doutorado, mas elas estão ali no convívio independente do status social que elas tinham ou têm. [...] É o grupo que está em jogo, mas o sentimento é pessoal (Coordenadora – Entrevista).

Verifica-se que a grande quantidade de apresentações públicas e o compromisso que o grupo tem com a *performance* são vistos como grandes desafios para os participantes do coral, pois são cantores amadores. Os cantores sentem necessidade de se reinventarem, ou seja, de encontrarem habilidades muitas vezes esquecidas durante a vida e de aperfeiçoarem capacidades que talvez só estejam sendo descobertas após o ingresso no coral.

A presidente do coral considerou que existem benefícios ainda mais amplos para a vida dos participantes: “Eu acho que a gente nem reconhece, não imagina o bem que está fazendo pra saúde, pra parte social [...] a gente não está dando valor, não está reconhecendo que isso faz bem devido ao canto. É esse grupo que tá dando pra nós” (Presidente – Grupo focal). Em entrevista específica realizada com a presidente, ela respondeu o que o Grupo de Canto Vozes da Ilha significa para ela: “[...] é um grupo para a nossa saúde, que dá um retorno para a nossa saúde, e envelhecimento saudável”. (Presidente – Entrevista).

A penúltima questão do questionário, que tem relação direta com os benefícios proporcionados pela atividade coral, buscou compreender o significado que o ato de cantar tem na vida dessas pessoas na medida em que elas envelhecem, conforme a Tabela 9.

Tabela 9 – O significado do ato de cantar na medida em que se envelhece

Pergunta: Envelhecer cantando é...

“sensacional” (Ágata)

“Ser feliz, emocionar-se, crescer, aprender e auto-estima elevada. AMO!” (Jade).

“Rejuvenescer.” (Safira).

“maravilhoso - lindo demais” (Esmeralda)

“viver feliz” (Presidente)

“viver feliz” (Turmalina)

“Muito bom” (Jaspe)

“maravilhoso” (Obsidiana)

“envelhecer feliz” (Olivina)

“felicidade, gratidão, amor, etc” (Pérola)

“bom” (Turquesa)

“Viver como os pássaros, dando corda ao coração.” (Alexandrita).

“gostoso e saudável” (Azurita)

“envelhecer com saúde, otimismo e alegria.” (Fluorita).

“Pura leveza – Amor – Paixão.” (Magnetita).

“Se sentir feliz e realizada” (Morganita)

“Felicidade, alegria, rejuvenescimento. É tudo de bom.” (Ametista)

“Ser feliz; conhecer amigos.” (Selenita).

“Continuar exercendo uma atividade que me dá prazer e ao mesmo tempo trazendo alegria aos corações.” (Hematita).

“uma forma prática de manter-se ativo e é um exercício para ativar a saúde mental e corporal.” (Euclásio).

“melhor que envelhecer cantando é cantar para não envelhecer.” (Ônix).

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

De maneira geral, os respondentes relacionaram o ato de “envelhecer cantando” com sete fatores essenciais para eles: aprendizagem; proatividade; auto-estima; alegria; saúde; “rejuvenescimento”; e “leveza”. Para essas pessoas, participar de uma prática como o canto coletivo significa ter a oportunidade de continuar sendo ativo na terceira idade, proporcionar alegria para o público que os prestigia nas apresentações, aprender coisas novas, ter uma melhor percepção sobre si mesmo e manter a saúde mental e corporal. Além disso, muitos cantores relacionaram o ato de cantar na terceira idade com a sensação de que estão ficando mais jovens. Talvez seja daí também a sua percepção de “leveza” e de melhoramento da saúde, pois, quando cantam, presenciam diferentes sentimentos de satisfação e realização.

Essas respostas, por serem discursivas e mais subjetivas, ajudam a compreender melhor o que o *envelhecimento autônomo e bem-sucedido* significa para esses idosos. Nesse sentido, foi possível verificar o modo como essa contribuição é realizada a partir das relações entre “cantar e envelhecer” feitas pelos idosos. Ou seja, é devido principalmente à

convivência e as amizades com pessoas da mesma faixa etária, e ao privilégio que têm aqui de aprender a cantar melhor, que os participantes vivenciam o envelhecimento de uma forma diferenciada e bem sucedida.

As respostas dos cantores sobre o que levarão do Grupo de Canto Vozes da Ilha, se um dia precisarem sair do coral, por alguma razão, estão apresentadas na Tabela 10. Essas respostas indicam, de alguma forma, as conquistas e/ou benefícios que os cantores têm a partir deste meio.

Tabela 10 – O que os cantores idosos levarão Grupo de Canto Vozes da Ilha

Pergunta: Leverei do Grupo de Canto Vozes da Ilha...
“no meu coração para sempre” (Ágata)
“Conhecimento, amigos, lembranças, e uma vontade enorme de continuar a cantar.” (Jade).
“Bastante sabedoria” (Esmeralda)
“Saudade e alegria” (Safira)
“saudade” (Presidente)
“Muitas amizades” (Jaspe)
“muitas saudades dos amigos” (Obsidiana)
“muita alegria, gratidão e muita amizade” (Olivina)
“saudade, carinho, amor, etc” (Pérola)
“gratidão, amor” (Turmalina)
“Boas amizades” (Alexandrita)
“Muitas amizades e alegria de poder cantar” (Azurita)
“Conhecimento de muitas músicas novas; novas amizades; boas experiências” (Fluorita)
“Conhecimento – Realidade do envelhecimento” (Magnetita)
“Aonde formos nos apresentar; levar alegria” (Morganita)
“Felicidades e alegria” (Ametista)
“Carinho; amor pelas pessoas” (Selenita)
“Muitas saudades” (Hematita)
“uma forma saudável e prática de valorizar a vida” (Euclásio)
“Boas lembranças” (Ônix)

Fonte: Elaborada pela autora, 2018.

Nota-se que há três grupos de respostas que se destacam em relação ao que os cantores levariam do Grupo de Canto Vozes da Ilha, se porventura tivessem que sair do coral por alguma razão: a amizade (30%); o conhecimento (25%); e a alegria (25%). Os cantores que mencionaram o conhecimento como um dos principais itens que farão parte da sua bagagem de vida, a partir da sua experiência no Vozes da Ilha, destacaram principalmente a aprendizagem de músicas novas e do significado do ato de envelhecer como alguns desses conhecimentos. Interessante notar que a resposta da cantora Magnetita referente a essa questão, revela que o conhecimento que a cantora conquistou no coral não está relacionado apenas aos aspectos musicais e sociais, como enfatizaram os demais, mas ao privilégio de ter aprendido neste ambiente, voltado especificamente a pessoas idosas, o verdadeiro significado do processo de envelhecer.

É possível dizer que o Grupo de Canto Vozes da Ilha traz benefícios a seus participantes em diversos aspectos, possibilitando assim, o desenvolvimento de um *envelhecimento bem-sucedido*, conceito este que está relacionado a aspectos físicos, cognitivos e sociais (TEIXEIRA; NERI, 2008). Considerando que os participantes da pesquisa mencionaram fatores físicos, cognitivos e sociais ao falar sobre os benefícios proporcionados pelo coral, é possível concluir que o *envelhecimento bem-sucedido* está presente neste contexto específico.

É evidente que a música pode gerar efeitos terapêuticos e físicos a partir do grupo coral, apesar de este não ser necessariamente o objetivo dessa atividade ou a razão para os cantores ingressarem no coral. Verifica-se que os benefícios acabam sendo ainda maiores e/ou mais subjetivos que as razões pelas quais os cantores ingressaram no grupo. Os cantores perceberam que os efeitos da prática coral estão indo além de suas aspirações, de forma tão intensa, que muitas vezes não conseguem explicar através de palavras sobre isso. Os benefícios que os alcançam ficam mais evidentes na maneira como falam do coral, de forma envolvente e jubilosa.

5.3.3 Empenhos e Desafios

A categoria “empenhos e desafios” se destacou no diálogo com os participantes da pesquisa, pois, de alguma forma, traz um grande contraste à discussão sobre os benefícios da prática coral. Ou seja, ficou claro que, para alcançarem os aspectos positivos advindos desta prática, os cantores se empenham muito para conquistar um bom resultado musical e social, e também enfrentam desafios. Logo, os benefícios não são gratuitos ou uma simples consequência do ingresso no coral, e sim, o resultado de muito treino, disciplina e dedicação. Os empenhos estão divididos nesta seção entre os empenhos musicais e físicos; e os desafios estão divididos entre os desafios administrativos e de relacionamento da atividade coral.

O empenho musical do grupo ficou inicialmente claro na fala da coordenadora. Em entrevista, a coordenadora mencionou que assiste a todas as apresentações públicas do Grupo de Canto Vozes da Ilha e, sempre que possível, quando está passando perto do local onde está acontecendo o ensaio do grupo, aproveita para apreciá-lo:

[...] então chega lá [no ensaio do GCVI] a gente vê assim, que, começa uma música, pára. ‘Fulano, muda de posição’. Tem isso, né? ‘Ciclano, a tua voz vem pra frente, a tua voz vai pra trás’. Tem uns negócios... eu não entendo... eu tô te falando o que eu vi [...]. Ou então o [regente] faz comentários, assim, sobre a voz da pessoa: ‘oh, esse aqui não é o momento desse agudo, ou desse não sei o quê’... sei lá, os termos que ele usa, né. E a pessoa atende. Então não é cantar por cantar, o canto pelo canto. Tem que saber cantar realmente, e tem que estar nas regras, e tem que participar do grupo, e tem que ensaiar, tem um compromisso aí (Coordenadora – Entrevista).

A coordenadora explicou com muita naturalidade que existe no grupo uma seriedade no processo dos ensaios, uma vez que existe um empenho musical na busca por um resultado de qualidade. Interessante perceber que, mesmo analisando a partir de uma perspectiva de alguém que não é da área de música, como a coordenadora, o compromisso musical do Grupo de Canto Vozes da Ilha já é notável, pois todos os participantes demonstram que estão fazendo o melhor que podem. A coordenadora mencionou os dois fatores que mais chamam a sua atenção ao observar o grupo:

[...] me chama atenção a questão da técnica, e a questão do compromisso. O comprometimento de cada um para estar ali fazendo o seu melhor, e esse melhor vai ser pro grupo, porque na hora de parabenizar, ninguém parabeniza uma pessoa. Parabeniza o grupo! É um trabalho coletivo. [...] Mas a satisfação é individual. Cada um é que se sente satisfeito, orgulhoso: ‘Eu estou nesse grupo!’. Então essas duas coisas me chamam bastante a atenção. (Coordenadora – Entrevista).

Há entre os cantores idosos a necessidade não apenas de cantar, mas principalmente de mostrarem resultados dessa prática. Como complemento à afirmação da coordenadora, a entrevista com a presidente do CENETI ressaltou fatores semelhantes. Ficou evidente que os ensaios do Grupo de Canto Vozes da Ilha devem visar principalmente uma boa *performance* para as apresentações públicas, e não um momento para passar o tempo. Nota-se que a presidente sempre traz uma consideração de quem está assumindo um cargo superior, de liderança, de cuidado com a prática coral como um todo. Desse modo, sua perspectiva mostra a responsabilidade que tem de muitas vezes chamar a atenção do grupo para um resultado melhor, sem se colocar como cantora, necessariamente:

o pessoal acha que vir e ensaiar é um encontro social, pra bater papo, e não é; é uma necessidade de se concentrar e estar à disposição do regente, pra gente ensaiar, porque amanhã ou depois nós temos apresentação. O pessoal quer apresentação, só, muitas vezes, não quer essa obrigação do ensaio. [...] Tem gente que vem e sai, porque a intenção dela era vir pra um convívio, uma reunião de convívio, e não é... é um convívio relativo, com a obrigação de ensaiar, e, naturalmente, o regente, ele tem que se impor um pouco, bastante até, pra ter o resultado (Presidente – Entrevista).

Na concepção da presidente, não significa que o grupo não visa o aspecto social, porque este também ficou evidente neste contexto, mas o compromisso com as apresentações previamente agendadas tornam o momento do ensaio um processo que vai além do divertimento. Vê-se que regras e obrigações também podem fazer parte dos processos de lazer, uma vez que se têm o objetivo de alcançar o melhor aproveitamento da atividade, objetivo este que é alcançado também a partir de uma certa ordem. A presidente tem a consciência de que o regente deve conduzir o ensaio da melhor maneira possível e que todos os cantores devem colaborar com o trabalho orientado por ele. Embora o ensaio signifique um tempo de convívio para os envolvidos, que funciona também como uma forma de desfrutar da companhia do outro e aprender coletivamente, o ensaio não significa apenas isso, uma vez que existe um empenho musical que se ressalta na preocupação com o resultado da *performance*. Durante a observação dos ensaios foi possível perceber que a presidente fez algumas indicações coletivas para o melhoramento do resultado musical. Notou-se que o grupo enxerga a presidente do coral como uma líder que trabalha ao lado do regente, tratando-a com muito carinho e respeito.

A presidente, durante a entrevista, demonstrou bastante insatisfação com o calendário do ano de 2017, pois houve muitos feriados e recessos nas sextas-feiras daquele ano, que são os dias de ensaio, e isso de alguma forma prejudicou o processo de treinamento do grupo:

[...] atrapalha pra nós. A gente sente falta quando não há o ensaio, porque isso aqui é uma continuidade, e quando essa continuidade é interrompida, então... no mês de abril, esse ano, não houve ensaio. O objetivo do ensaio é a gente estar apta a se apresentar, não é? Com sucesso, como um retorno desses ensaios. [...] Nós somos obrigados a ensaiar para apresentar, o que significa, pra nós, uma satisfação... de palco... o ensaio é uma preparação para a apresentação, não é? A gente estar apto a se apresentar, a cantar em público, agora, o cantar em público depende do resultado disso, desse ensaio (Presidente – Entrevista).

Aqui é possível notar um *esforço pessoal significativo* (STEBBINS, 1982) por parte desses cantores para que, através do treino, haja um bom resultado para o público e, é claro, para eles mesmos. Ainda sobre a preocupação com a *performance* do grupo, os cantores mais antigos informaram que acabam “segurando” a música porque os novatos demonstram medo de cantar ou de executar notas mais agudas: “[...] A música tem um tom mais alto e elas ficam com medo de cantar [...]. Mas a gente segura. Segura o tranco.” (Esmeralda). Nesse momento, todos concordaram com Esmeralda. O fato de declarar que os mais antigos “seguram o tranco” revela um caráter de empenho musical por parte dos cantores que possuem mais

experiência, porquanto estes se vêem com a necessidade de realizar um esforço extra para não deixar cair a sonoridade do grupo.

Foi possível verificar que o empenho musical do grupo acontece principalmente porque há um regente que cuida dos aspectos musicais. Nos ensaios, observou-se o cuidado que o regente tem com a homogeneidade vocal, pedindo que os cantores não cantem mais forte que o colega do lado, mas que haja suavidade e harmonia entre as vozes. Em alguns momentos também foi possível notar que as vozes não acompanhavam o ritmo do violão. Imediatamente o regente parava de tocar e fazia essa observação, para que o compasso fosse obedecido. Segundo o regente, os conteúdos essenciais que devem ser preservados no momento do ensaio são a afinação e o compasso, resultando em “um bom canto em uníssono” (Regente – Entrevista).

O professor também mencionou que se sente responsável pelo desenvolvimento musical de cada cantor no Grupo de Canto Vozes da Ilha. O regente tenta construir com o grupo os processos de ensino e aprendizagem musical para que o interesse de todos os participantes em cantar no coro seja mantido:

[...] algumas não têm essa habilidade [musical], eu faço tornar a ter essa habilidade! Porque se eu não conseguir fazer com que elas tenham essa habilidade, elas não permanecem no grupo! Geralmente elas fogem. Não porque eu mando embora, mas elas fogem: ‘ahh... eu não tô servindo pro grupo!’. Aí elas saem, entendeu? Então muitas senhoras que vão pra lá, [...] têm que entrar dentro desse contexto, que é a habilidade de cantar um pouquinho. Porque muitas vão também [...] pro seu bem estar, assim... só pra escutar, mas, as que cantam realmente têm habilidade porque se tornam cantoras com a gente, né? Elas cantam, elas vão aprendendo (Regente – Entrevista).

A expressão “se tornam cantoras com a gente” denota o exercício de uma *carreira* de lazer (STEBBINS, 1982). Vê-se que o regente se preocupa em extrair de cada cantor o seu potencial musical, fazendo com que cada indivíduo se sinta útil dentro dessa prática coletiva e seja motivado a exercer uma carreira musical de lazer.

Outro desafio apontado pelo regente é a questão da vida pessoal refletir no desempenho musical no momento do ensaio, pois, se os cantores não estão bem em sua vida particular, isso vai refletir diretamente nos processos de ensino e aprendizagem:

Quando tá com o filho doente, quando tá com a mãe doente, quando ela própria tá doente... é diferente quando você está saudável. Então a gente tem que entender, que nem todo dia... às vezes num ensaio elas dão um show, no outro ensaio algumas não dão show. [...] O show que eu quero dizer é cantar 100%. Tem alguns dias de ensaio

que são 100%! É impressionante! [...] Às vezes todo o ensaio é até aplaudindo, sorrindo, é porque tem dias que dá tudo certo! (Regente – Entrevista).

O regente declarou que nenhum ensaio é igual ao outro. Isso mostra que os professores de música, ao lidarem com pessoas idosas, estejam atentos principalmente ao estado emocional e psicológico dos cantores, uma vez que exigir uma determinada ação do grupo quando este não está na condição de realizá-la, pode ser prejudicial. Vale destacar que quando tudo dá certo no ensaio, como apontou o regente, os próprios cantores aplaudem e elogiam o grupo. Isso também ficou evidente nas observações dos ensaios. Os próprios cantores sabem o que significa o “100%”, que é refletido na *performance* de maneira coletiva, fazendo com que todos percebam que alcançaram um bom resultado e que estão prontos para apresentarem-se publicamente.

Verificou-se que os próprios cantores enxergam a necessidade de haver empenhos musicais no grupo, quando trataram dos aspectos que envolvem especificamente os ensaios e as apresentações públicas. Durante o grupo focal, Esmeralda compartilhou que é preciso realizar um esforço extra para aprender as músicas, principalmente quando se é novo em um grupo e se têm uma idade mais avançada. Entretanto, a cantora, que é uma das mais antigas do grupo, ressaltou que mesmo com menos experiência musical é possível superar desafios quando se têm esforço. Os demais cantores concordaram com Esmeralda. “Quando elas entram [as pessoas novatas do grupo], elas entram meio assustadas. Porque é complicado um bolero, né? Mas elas vão, vão indo, já tão cantando!” (Esmeralda). Vê-se que existe um empenho musical por parte dos cantores novatos também, para que consigam acompanhar o grupo.

Ágata e Jade, talvez por serem as cantoras mais novas do grupo, não mencionaram questões sobre o empenho musical no momento do grupo focal, já que estão mais na fase de perguntar e tirar dúvidas a respeito das músicas. Todavia, o fato de tirar dúvidas e buscar conhecer a maneira de cantar as canções que o grupo já conhece há bastante tempo, também revela um empenho da parte dessas cantoras, na busca pela aprendizagem musical.

Em relação aos empenhos físicos, quando perguntado aos cantores sobre a maneira como eles vêm o ensaio sem intervalos, disseram em unanimidade que é “uma beleza!”, e que acham o período de duas horas pouco. Ou seja, os cantores idosos ainda estariam dispostos a ensaiar por mais tempo. Esta pesquisa identificou essa situação como sendo um empenho físico pelo fato de reconhecer a disposição de cantores que estão na faixa etária da

terceira idade, e que poderiam sentir necessidade de descansar um pouco para recompor suas forças. Mas não é o caso deste grupo e, portanto, esse item merece aqui reconhecimento.

Os cantores exemplificaram que possuem algumas estratégias para não se cansarem durante o ensaio: “Eu, quando eu tô com o joelho doendo eu vejo que ele [o professor] ainda vai procurar a próxima música, aí eu dou uma sentadinha lá e depois eu levanto.” (Ônix). Foi possível notar, a partir das observações dos ensaios, que alguns cantores se sentam entre uma música e outra, mas é raro alguém ficar sentado durante a execução de uma música. É possível dizer que esse empenho físico demonstra também um respeito para com a música cantada, para com o ensaio, para com o professor e os colegas. Foi perguntado o motivo pelo qual os cantores não sentem necessidade de haver intervalo. Os mesmos concordaram com a cantora Esmeralda, que enfatizou:

Porque eu acho que se tiver intervalo, a pessoa já vem com outro tipo de querer cantar. Então já aconteceu isso, que eu fui dez anos do grupo de canto do Hospital Universitário, então tinha o intervalo. No segundo tempo, ou iam embora, ou aquela música não tinha mais... muda a música! Não tinha mais aquele interesse. [A Presidente complementou: “Foge do ritmo, né?”]. Até no começo nós fazíamos, né? Quando nós ensaiávamos aqui na capelinha, nós fazíamos o ensaio, e na volta já tinha ido tudo embora! Aí perde a graça! (Esmeralda).

Já Ágata mencionou que o motivo para não haver necessidade de intervalo se dá pelo entusiasmo do grupo: “Ele [o professor] tenta segurar o pessoal assim nessas duas horas direto, porque o pessoal se anima. Não tem ninguém desanimado ali!” (Ágata). Foi possível perceber essa questão também a partir das observações dos ensaios. Enquanto as pessoas cantavam, elas dançavam, riam e brincavam umas com as outras. As atitudes dos idosos e a maneira como eles enxergam o processo do ensaio fazem com que a hora passe rápido, e que não sintam necessidade de ter intervalos. Segundo o regente, “É o costume. Ninguém pede intervalo, e quando eu peço, elas vão ali, tomam uma aguinha... elas querem cantar! [...] E... já é tão automático o ensaio... que é tudo certinho... são poucas coisas a corrigir” (Regente – Entrevista).

Outro aspecto referente ao empenho físico dos cantores está relacionado com as dificuldades que duas cantoras enfrentaram referentes à perda vocal. Esmeralda fez questão de relatar: “Eu fiz uma cirurgia de coração, então eu perdi a minha voz e fiquei dois meses sem falar. [...] Mas a minha força de vontade foi tanta, tanta [...] que estou cantando. [...] Eu quero morrer cantando” (Esmeralda). Neste momento todos disseram: “isso aí”, “que bonito”. E apoiaram a cantora de alguma forma. Nota-se que Esmeralda possui uma razão para cantar

que vai além das suas possibilidades físicas, pois as doenças vocais não foram um impedimento para que continuasse realizando a atividade na qual sente tanto prazer, que é o canto. Parece que existe no canto coletivo um bem estar pelo qual faz sentido lutar. Vale a pena se empenhar para cantar, mesmo quando as adversidades da vida comprovam o contrário. É perceptível que a voz de Esmeralda, quando fala, ainda é muito debilitada em virtude da cirurgia que realizou, mas isso não a impediu de continuar perseverando para cantar novamente.

Nota-se que existe uma relação entre a fala da cantora com uma das características do lazer sério, a *perseverança*. Tal qualidade demonstra o empenho dos praticantes do lazer sério na realização de uma atividade mesmo na presença de adversidades, como por exemplo, a fadiga e a lesão (STEBBINS, 1982), neste caso, a fadiga e a lesão vocal da cantora.

Safira também destacou: “[...] com vinte e sete anos eu comecei, voltei a cantar, né, mas depois eu perdi a voz, do choque emocional. Um ano pra voltar a cantar, mas graças a Deus!” (Safira). Perder a voz é inadmissível para essas pessoas, mas não pelo fato de não poderem falar, e sim, principalmente, pelo fato de não poderem mais cantar.

A expressão “voltei a cantar” revela também o reconhecimento de que existe uma *carreira* de lazer e um *ethos único* (STEBBINS, 1982) presentes no Grupo de Canto Vozes da Ilha, ou seja, um mundo social específico gerado pela responsabilidade do canto. Uma das evidências de mundo social específico que Oliveira e Doll (2017) identificaram em sua pesquisa é a expressão “[...] voltei. Estou treinando com o grupo agora” (p. 225), ou seja, é o reconhecimento por parte dos praticantes do lazer sério que existe um lugar no qual se desempenha papéis e se mantêm vínculos (OLIVEIRA; DOLL, 2017). Esmeralda e Safira mostraram-se aliviadas por voltarem a realizar essa atividade, isto é, a participarem desse “mundo” que o canto coletivo cria, com todas essas realizações e prazeres.

Em relação aos desafios administrativos do grupo, a presidente mencionou: “o maior desafio é conseguir realizar, e conseguir de uma forma boa, bonita e eficiente, o resultado [...] conseguir vencer as etapas... que tivemos várias, né?” (Presidente – Entrevista). A presidente explicou que essas etapas estão relacionadas principalmente com os desafios burocráticos que o coral enfrentou desde o início da sua fundação. Vale ressaltar que o local onde o Grupo de Canto Vozes da Ilha ensaia, não pertence ao coral, e sim à universidade. Logo, como não possuem um espaço garantido e fixo para ensaiarem, a presidente, a cada semestre, tem a responsabilidade de reservar um local para o grupo dentro da universidade. Esse local tem sido o Templo Ecumênico da UFSC: “[...] Tem que justificar, e temos que mostrar o resultado do uso, do espaço que é da Universidade. [...] Então a gente tem que... mostrar serviço, né?”

(Presidente – Entrevista). Essas atitudes demonstram os esforços administrativos e burocráticos que o grupo precisa ter como parte de seu trabalho. Dessa maneira, é perceptível a *perseverança* (STEBBINS, 1982) do grupo como um todo na busca de seus direitos e metas.

No tocante aos desafios de relacionamento, Esmeralda sentiu a necessidade de manifestar o que tem percebido no grupo sobre o relacionamento entre os cantores. Sobre isso, Jade, Ágata e Ônix concordaram imediatamente. Os demais ficaram em silêncio, não manifestando sua opinião.

Eu acho que o grupo é maravilhoso, só que precisa uma harmonia que não existe. As pessoas não têm assim, algumas, uma amizade, entendeu? Precisava assim, amor, paciência, tranquilidade com a outra amiga, isso não existe. É o que falta no grupo. Conversa. Entre os cantores. Tem pessoas ali que não conversam contigo, não olham pra ti. E tu não sabe o porquê. Então isso existe no grupo. É uma pena. Porque ele é tudo de bom. Só tem esse defeito. E é um defeito complicado, porque cada um tem um modo de ser, né? Mas precisa. Geralmente é quase tudo mulher! Então eu acho que precisa um tipo de amizade (Esmeralda).

Jade completou: “Falta carinho [...] reconhecer o valor do outro” (Jade). Esmeralda voltou a dizer: “Falta carinho e respeito pela pessoa que tá do teu lado. Cada um tem seu valor ali dentro”. Neste momento, Ágata e Ônix, querendo apaziguar um pouco esse momento de tensão emocional que ficou ao final da conversa, mencionaram que essa situação acontecia em todos os grupos. Os demais cantores concordaram, mas afirmaram que é algo que precisa ser melhorado. Por fim, Jade e Ágata concordaram com Esmeralda quando disse que é preciso ter, por parte dos cantores, mais amizade, harmonia, respeito, diálogo, reconhecimento do valor do outro e carinho. Já Safira e a presidente, não manifestaram qualquer opinião sobre o assunto.

A coordenadora também relatou um pouco sobre o que ouviu dos cantores em relação aos desafios de relacionamento que acontecem no coral:

[...] eu nunca presenciei nenhuma cena conflitante. Mas, eu já ouvi relatos de alguns componentes do grupo falando de conflitos entre eles, que alguém quer cantar mais alto, alguém quer ficar na frente, pra aparecer, né? [risos]. Entre os próprios cantores. Ah, alguma dificuldade do regente, em manter o grupo, nas rédeas, né? [risos]. Digamos assim, manter a sua autoridade. Então eu sei que eles têm opiniões próprias, têm egos, que podem gerar conflitos, né, e gera, realmente gera! (Coordenadora – Entrevista).

Eis aqui o grande contraste em relação aos benefícios do coral. Na categoria anterior, os cantores mencionaram que os principais aspectos positivos que recebem do coral são a

socialização e as amizades. Embora no grupo coral exista uma interação social positiva, conflitos também são gerados a partir deste meio. Isso pode ser explicado por Stebbins (1982), quando fala sobre a *identificação*. O conceito de *identificação* não está relacionado apenas aos privilégios e sentimentos prazerosos proporcionados pela atividade do lazer sério, mas à relação entre os participantes dentro da atividade, que é constituída de custos e benefícios. Trata-se da “moeda psicossocial do *ethos único*”, pois, de um lado estão as “recompensas” ou “premiações”, e do outro lado estão os custos específicos da atividade. As “recompensas” ou “premiações” podem ser pessoais (desenvolvimento de habilidades e conhecimentos) ou sociais (a ideia de que se é parte necessária do grupo). Já os custos representam as tensões e os desapontamentos dos participantes do lazer sério (STEBBINS, 1982).

Na entrevista realizada com o regente, ele explicou que possui uma estratégia para amenizar os desafios de relacionamento. Essa estratégia possibilita que todos conquistem a maior aprendizagem de todas:

Se não souberem trabalhar em grupo, o canto sempre é secundário. [...] Se não houver essa integração, entre os do grupo, as pessoas não se dão, se... falam mal um do outro, o canto não vai pra frente. Então, geralmente eu faço... abro espaço lá do palco, e faço eles se abraçarem. Porque é importante você estar cantando do lado do seu colega sem machucá-lo. Sem cantar mais alto do que ele, sem fazer de escada ele (porque às vezes faz que tá cantando e... faz dublagem e deixa o colega cantando sozinho, entendeu?). Então, tem que ter integração no grupo, tem que ser um grupo afinado. [...] Tem que ter esse respeito que eu digo, tem que ter respeito com o próximo, com todo o pessoal do grupo (Regente – Entrevista).

Vê-se que o regente coloca a afinação e o respeito como itens essenciais e desafiadores da prática coral. Para ele, o trabalho é desenvolvido com qualidade quando se têm, além da harmonia vocal, uma harmonia social.

5.3.4 Demandas específicas

Esta categoria abarca as perspectivas que os participantes da pesquisa têm sobre as demandas específicas dos cantores idosos no coral. Foram levantados os seguintes assuntos: principais diferenças entre faixas etárias; atuação do professor diante das demandas dos

idosos; e a necessidade ou não de formação em gerontologia para lidar com a terceira idade em processos de ensino e aprendizagem.

Os cantores foram interrogados sobre os tipos de demandas que possuem no coral. Quando perguntado dessa maneira, não compreenderam. Os cantores não souberam explicar quais eram as “demandas específicas” deles no coral. Portanto, a pergunta foi reformulada de modo a investigar em quais aspectos, na perspectiva dos cantores, o Grupo de Canto Vozes da Ilha se diferencia ou não de um grupo de canto composto por pessoas mais jovens.

Safira se manifestou, dizendo: “[...] é super diferente: a terceira idade e o jovem. [...] Eu, por exemplo, quando eu era mais jovem, tudo o que eu fazia eu gravava, agora eu já tenho dificuldade pra gravar. [...] E tem a voz, que muda, o tom de voz vai mudando” (Safira). Conforme pesquisas (RODRIGUES; PEDERIVA, 2006; SANTOS, 2013; HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016), as características vocais das pessoas idosas podem ser bem específicas e por isso devem ser consideradas pelo regente.

As outras cantoras presentes concordaram com Safira, todavia, Ônix discordou em relação à memória, afirmando enfaticamente: “Não, não. Eu acho que pra mim, por exemplo, eu tô com a memória muito mais aguçada do que quando eu tinha 30 anos!” (Ônix). O cantor, diferentemente das cantoras presentes, alegou que não há diferenças entre um grupo de idosos e um grupo mais jovem, quando se trata da memorização, uma vez que é possível adquirir e aperfeiçoar habilidades também através da experiência com a música.

Ainda sobre as características típicas da terceira idade, o regente explicou que já trabalhou com diferentes faixas etárias, incluindo o público infantil. O professor exemplificou, a partir da sua experiência, algumas diferenças entre o público infantil e o público idoso:

O idoso ele é mais atencioso. O idoso ele trabalha em prol dele. A criança que está... ‘ahhh... eu to aqui porque a diretora me forçou’. Quantas vezes eu escutei isso! ‘Eu to aqui porque, não sei porque eu to aqui’ [...]. O idoso ele trabalha mais pro seu bem estar, assim... e tem que ser! Não adianta ele, já com essa idade avançada, querer cantar pelos outros, não. Ele trabalha mais pelo seu bem estar, e faz muito bem! Seu bem querer (Regente – Entrevista).

Quando o regente mencionou que os idosos trabalham pelo seu bem estar, estava se referindo à ideia de que existe um compromisso evidente dos idosos com as atividades de lazer, pois trabalham para alcançar seu próprio *envelhecimento bem-sucedido*. Sobre isso, a coordenadora apontou aspectos semelhantes durante entrevista específica:

Eu acho que o que diferencia [o jovem do idoso], entre outras coisas, é, primeiro, o objetivo do aprendizado. Por que uma criança precisa aprender? E por que o adulto precisa aprender? Segundo, é a trajetória de vida dessas pessoas. O quê que uma criança tem de conhecimento pra agregar àquele novo conhecimento que ela vai ter acesso, e que essa somatória possa gerar um outro conhecimento? Agora, quanto tu pega uma pessoa idosa, como ela tem uma trajetória de vida mais longa, ela tem mais experiências [...] (Coordenadora – Entrevista).

Na concepção da coordenadora, o objetivo de aprendizado do idoso é diferente do objetivo de aprendizagem do jovem, e essa consideração se refere à mesma observação realizada pelo regente, de que os idosos trabalham para o seu próprio bem estar. Doll (2008), como já discutido, afirma que alguns idosos têm buscado atividades de lazer com teor educativo na busca pela ampliação de sua formação (*dimensão do lazer*). Nesses contextos, os idosos têm a oportunidade de realizarem, simultaneamente, projetos úteis e que são de seu interesse (CACHIONI, *et al.*, 2015), proporcionando-lhes prazer. No Grupo de Canto Vozes da Ilha, os idosos buscam aprendizagens relacionadas à música e realizam projetos inovadores a partir do coral. Dessa forma, podem ampliar sua formação, realizando atividades produtivas para a sociedade e promotoras do seu próprio bem estar.

Outro aspecto levantado pela coordenadora, é o fato de que a terceira idade se diferencia de outras faixas etárias devido a sua trajetória de vida. Vale ressaltar que um professor que lida com pessoas idosas deve levar em consideração as experiências e os conhecimentos dessas pessoas nos processos de ensino e aprendizagem. Cachioni e colaboradores (2015) chamam esse procedimento de “paradigma didático” sugerindo que a aula deve ser um lugar de encontro, que instigue a interação e a troca de experiências. Sobre isso, a coordenadora destacou como deve ser a atitude do professor que lida com os idosos:

[...] ele [o professor] tem que se colocar como facilitador, e ele tem que perceber que ele também é um aprendiz nesse processo de ensino e aprendizagem, nessa relação que ele vai desenvolver, que ele vai estabelecer com os alunos idosos. Por exemplo, quando eu vou dar aula na disciplina de Noções de Saúde, eu tenho duas horas pra desenvolver essa aula. Eu planejo 30 minutos de fala. Porque eu aprendi. No começo não era assim, eu aprendi com eles. Eu aprendi que eles [os idosos] têm necessidade de colocar o seu próprio saber. [...] Por exemplo: eu vou falar sobre quedas. Eu falo 30 minutos sobre quedas. Uma hora e meia eles falam das suas experiências, do que eles já leram sobre quedas, se eles cuidaram de alguém que sofreu uma queda, se eles sofreram queda, eles tiram dúvidas, eles fazem críticas ao sistema de saúde, ao urbanismo da nossa cidade, a mobilidade urbana [...]. Isso não tem preço. É isso que faz com que a aula realmente aconteça, essa troca de saberes. Então eu acho que é básico pro professor que quer atuar na área do envelhecimento, como professor, é que ele desconstrua o conceito de professor como detentor único e exclusivo do saber, que ele se coloque como um igual, que ele tem um conhecimento, mas que cada um dos alunos tem outros conhecimentos, que vão contribuir pra que aquela aula aconteça. [...] Tem que ter olhos pra isso, tem que ter pré-disposição pra isso (Coordenadora – Entrevista).

Ainda no tocante às diferenças entre faixas etárias específicas, a entrevista com a presidente do CENETI também levantou a questão de que a pessoa idosa possui uma trajetória de vida muito maior que a de uma pessoa jovem, o que leva a terceira idade a ter dificuldade para aceitar correções, segundo a presidente:

[...] o diferente é que a gente já viveu uma vida, a gente já venceu na vida, estamos vivos, né, já passamos por tudo isso, e a gente, muitas vezes, não gosta de ser repreendido, não gosta de ser chamado à atenção... e está errado, porque se eu fiz errado, eu devo ser chamado à atenção, entendeu? Em qualquer idade, porém o idoso ele não aceita, né? (Presidente – Entrevista).

Verifica-se que o regente deve estar atento às idiossincrasias de seu grupo, mas, principalmente, estar disposto a aprender com os cantores idosos, reconhecendo que está lidando com pessoas que possuem saberes a compartilhar, e que tais saberes devem ser respeitados e considerados nos processos educacionais. Sobre o idoso não aceitar determinadas correções, a coordenadora explicou: “Eu acho que... tem a questão do ego, e tem a questão da reafirmação pessoal, de querer se colocar, e não querer aceitar tudo pronto e acabado, e uma norma definida, isso também não é transgredir [...] é uma questão de autoafirmação” (Coordenadora – Entrevista).

A atitude do professor para lidar com o público idoso, segundo a presidente, é que o regente, no momento de ensinar, precisa mostrar flexibilidade e compreender que a maneira como cada pessoa aprende é diferente:

Ah, é aquela história: se você insistir muito, pegar no pé, o pessoal não gosta. Então, a gente têm que, têm que ser maleável, têm que ir ao encontro do pessoal, pra gente ter um resultado. É como criança também: se for aquela mãe muito rígida, muitas vezes até essa criança terá problema, futuramente... então você tem que saber conduzir, um filho é diferente do outro filho (Presidente – Entrevista).

O respeito às demandas específicas dos cantores está principalmente em reconhecer a diversidade que existe não apenas no grupo como um todo, mas no próprio ser humano.

Em relação ao cuidado que o professor deve ter no momento de realizar algumas atividades, como o aquecimento corporal, por exemplo, o regente enfatizou:

Antes eu fazia mais [exercícios físicos]. Mas, olha, tem tanta gente com problema de articulações, da perna, de quadril e problemas de saúde, que eu até evito de fazer, porque evitando de fazer, elas até agradecem. [...] O aquecimento [corporal] tem que ser bem maleável. Principalmente com o idoso. [...] Pro idoso não pode fazer muita coisa, não pode pedir muita coisa. Quando você trabalha com jovem você pode

fazer, né... ‘ahh.. abre a perna, sobe a perna... ’ [...]. Mas, pro idoso é bom você resguardar porque você vai estar sendo beneficiado também pelo carinho com eles, e sendo agradecido também por eles porque preferem não fazer (Regente – Entrevista).

É necessário haver no coral uma rotina de trabalho na qual os exercícios corporais/vocais sejam realizados de maneira atenciosa e adequada ao público idoso (BORNHOLDT; EGG, 2016). Sobre a prática do canto em si, o professor destacou alguns cuidados específicos que é preciso ter no momento do ensaio com a terceira idade:

[...] primeiramente, fazer com que eles cantem só o que eles têm capacidade de cantar. Não adianta exigir muita coisa. Através de um carinho [...], com um sorriso, uma amizade e tal... então, realmente... basicamente é isso. É você passar pra eles e fazer com que eles não cantem um soprano lá... [referiu-se a uma voz bem aguda] é uma coisinha simples, maleável, uma coisinha simples mesmo, mas que faça com que eles cantem alguma coisa (Regente – Entrevista).

Seria preciso investigar mais o que o regente quis dizer com “coisinha simples”, uma vez que, se o nível de exigência musical do regente for consideravelmente alto, o significado de “simplicidade”, para ele, poderia ser traduzido em complexidade, na perspectiva de alguém que não é músico, que não vivencia uma prática constante de ensaio coral e apresentações públicas. Vale ressaltar, a partir da observação dos ensaios, que o Grupo de Canto Vozes da Ilha possui um repertório muito eclético, que inclui diversos gêneros musicais e canções cantadas pelos idosos em outros idiomas, como por exemplo, a língua italiana. O indivíduo que não tem uma prática musical constante, diferentemente do regente, certamente não entenderia esse processo de ensino e aprendizagem como sendo “simples”. É necessário que os professores de música que lidam com a terceira idade tenham uma noção muito clara das atividades que podem ser consideradas simples ou complexas para o grupo com o qual lida, respeitando as características vocais do grupo e sabendo como propor desafios saudáveis (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016).

No tocante às demandas que tangem os aspectos vocais do grupo, Ônix revela um pequeno desconforto que sente ao cantar determinadas canções:

[...] a música às vezes fica muito aguda pra mim. A voz não alcança, dói a garganta [...]. Mas eu tento acompanhar. [...] É isso, da necessidade da gente. Eu nunca me manifestei, tô falando aqui pra vocês [olhando para os demais] porque eu não gosto de fazer polêmica no grupo. Evito o possível de fazer polêmica... não é aquele cara chato que quer tudo do jeito dele... ninguém aguenta [risos]... você tem que ser quietinho ali (Ônix).

O cantor manifestou o seu desconforto em relação à tonalidade na qual algumas músicas são ensaiadas, pois são agudas em relação a sua tessitura vocal. Apesar de considerar esse aspecto algo importante, o cantor não expressa essa necessidade ao professor porque considera que é minoria no grupo, ou seja, a maioria é mulher.

Ônix também mencionou no tocante às demandas dos cantores: “Tem que ser feita uma adaptação” (Ônix). O cantor alegou que para trabalhar com pessoas idosas em um grupo de canto é necessário haver adaptações, apesar de ter declarado anteriormente que para ele não existem grandes diferenças entre um grupo de idosos e um grupo de jovens. Todavia, ficou claro que a necessidade que o cantor sente de ter adaptações está relacionada com as características vocais dos cantores, que não necessariamente têm relação com a idade, e sim com questões de gênero (tessituras vocais femininas e masculinas), possibilidade vocal e experiência musical.

Na entrevista realizada com o regente, ele explicou, de modo muito enfático, que uma das coisas mais importantes ao lidar com um grupo de pessoas idosas no coral é adequar o repertório dentro de uma tonalidade que possa ser cantada por todos os cantores. E quando o regente falou “todos”, é evidente que não se referiu apenas ao público feminino, apesar de ser maioria no coral. “É o mais importante para que o grupo cante uníssono e afinado, bem afinado. [...] E aí vem o seu ouvido, [...] a sua percepção: você perceber que a tonalidade está adequada para o soprano, para o contralto e para os homens” (Regente – Entrevista). O regente afirmou que a tonalidade adequada para o grupo possibilita a afinação. É importante que o professor que conduz os ensaios tenha essa noção no momento de adaptar o repertório, para que todos cantem satisfatoriamente e não tenham a sua voz prejudicada de alguma forma.

Uma das demandas mais difíceis com as quais o regente teve que lidar até hoje no Grupo de Canto Vozes da Ilha foi a falta de audição e o analfabetismo. Atualmente o professor menciona que todas as pessoas no grupo sabem ler e também não possuem problemas de audição, ressaltando que isso facilita muito o trabalho musical. “Porque a música você precisa escutar. Se tiver problema de visão não tem problema... qualquer problema... mas a audição, se você não tiver a audição, não tem como!” (Regente – Entrevista). Nessas situações, o regente confessou que não tem condições, nem tempo hábil, para ensinar uma pessoa que possui problemas mais sérios no ouvir, visto que possui um grupo inteiro que o espera para ensaiar. Neste caso, evidencia-se a importância de que os professores de música tivessem o auxílio de um profissional que atendesse a essas pessoas com necessidades específicas, em grupos corais, para que todas as pessoas fossem incluídas nos processos de ensino e aprendizagem musical.

Sobre o analfabetismo, o regente destacou: “Se ela [a pessoa analfabeta] conseguir gravar, decorar as letras, não tem problema! Só que tinha uma senhora, faz tempo, no começo... que ela era analfabeta. [...] Ela reconheceu que tava cantando fora... ela não conseguia decorar!” (Regente – Entrevista). O regente considerou que se a pessoa analfabeta não tiver a possibilidade de memorizar as músicas, o trabalho será mais desafiador, já que a pasta que contém as letras das canções será totalmente dispensável para esta pessoa. O regente mencionou que até se ofereceu para ensinar aquela senhora a ler, todavia, não houve interesse da parte dela. Isso evidencia que nos processos de ensino e aprendizagem é importante que o compromisso musical seja mútuo, isto é, que o empenho seja demonstrado não apenas pelo regente, mas também pelo grupo, na busca por novas aprendizagens. Quando não há empenho mútuo, o trabalho pode ser limitado.

De acordo com a coordenadora, o professor que lida com idosos deve ter, sobretudo, um olhar gerontológico:

O olhar gerontológico é tu conhecer... é... tu saber o quê que é envelhecimento, o que é velhice, tu conhecer os principais conceitos que permeiam o conhecimento gerontológico [...] é... tu saber que existem perdas, sim, na velhice. [...] Então eu acho que a pessoa que vai trabalhar com o idoso, e veja, ‘com’, você não vai trabalhar ‘para’ o idoso, [...] essa pessoa tem que ter esse conhecimento específico, então ela tem que estudar, ela tem que saber do processo [sobre o envelhecimento], saber da capacidade funcional [dos idosos], saber que nem tudo é ‘flor’, porque doi as juntas, entendeu? Doi. A pessoa [idosa] pode perder o equilíbrio, a audição altera, o paladar altera, as doenças crônicas vêm, [...] tem que saber lidar com as doenças crônicas, tem que ter acesso aos serviços de saúde. Então tem assim o ônus do envelhecimento. Mas tem o bônus! Tudo tem ônus e bônus! Não tem jeito. E além desse conhecimento específico, a compreensão de que a velhice deveria ser tratada com mais naturalidade (Coordenadora – Entrevista).

A coordenadora alegou que o professor que lida com pessoas idosas deve conhecer as peculiaridades dessa faixa etária, pois fatores específicos, como por exemplo, a audição e a condição física, podem influenciar no desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem musical (FIGUERÊDO, 2010; BERGMANN, 2012). A coordenadora também salientou que o trabalho deve ser realizado “com o idoso” e não “para o idoso”, é o que se pode confirmar na pesquisa de Both (1998 *apud* CACHIONI; NERI, 2004), uma vez que essa atitude considera que os idosos também são protagonistas nos processos educacionais.

A cantora Ágata, ao falar sobre as demandas específicas do grupo, preferiu analisar a partir da perspectiva do professor, enquanto condutor de um ensaio que é composto por pessoas diferentes, com objetivos e necessidades também diferentes. A cantora afirmou de forma um pouco acanhada, por ser novata no grupo: “[...] Eu acho que se ele [o regente] for

saber a situação de cada um, coitado, ele não vai nem conseguir cantar!” (Ágata). A cantora considerou que existem necessidades específicas no coral, mas se o regente se preocupar com cada uma dessas particularidades, não poderá dar continuidade ao seu trabalho no ensaio. Ágata reconhece que o trabalho do regente é desafiador, principalmente por ter que lidar com muitas pessoas ao mesmo tempo.

A fala de Ágata, de alguma forma, vai ao encontro da fala do regente: “[...] não é fácil trabalhar com pessoas idosas porque são aposentadas, tem que ter carinho, tem que ter aquele afeto, [...] tem que escutar e esquecer algumas coisas, é... briguinhas [...] mas tem que saber relevar, levar o grupo” (Regente – Entrevista). Foi perguntado ao regente no dia da entrevista quais são as qualidades que ele considera essenciais para lidar com a terceira idade. Ele explicou com simplicidade: “Se você tiver educação e respeito, eu acho que os dois itens são essenciais pra que você mantenha o grupo. [...] Não trocar amizade com desrespeito. [Tem que haver] o carinho e ser maleável” (Regente – Entrevista).

Foi perguntado para a presidente, para a coordenadora e para o regente, sobre a necessidade de ser formado em gerontologia para lidar com os idosos. Vê-se que a formação em gerontologia vai além do olhar gerontológico anteriormente discutido, pois se trata de conhecimentos adquiridos em uma formação específica. Sobre essa questão, a presidente respondeu:

É, deveria ter [formação em gerontologia], porque a gente [a terceira idade] se torna mais frágil, e... não quero dizer delicada, mas a pessoa se torna mais exigente, mais fraca, não é? Então, o Bobbio, filósofo italiano, ele disse que o idoso, ele está com seus órgãos, já o seu corpo vivido, cansado, e a sua mente, ela é mais lerda, mas continuamos vivendo... então, o grupo de canto é a mesma coisa, quer dizer... tem que ter um pouco de jogo de cintura (Presidente – Entrevista).

A formação em gerontologia, na concepção da presidente, proporcionaria uma melhor noção sobre as características que são próprias da terceira idade. Dentre essas características, na sua perspectiva, podem estar a exigência, a fragilidade e a morosidade. A presidente concluiu:

[...] a gerontologia é o curso que ensina como envelhecer, quer dizer, cuidar da saúde, cuidar do seu ambiente, alimentação... então tudo isso é uma necessidade pra você ter um envelhecimento saudável... e eu acho que o canto faz parte disso, porque o canto ajuda a respiração, a memória, não é? Então isso é uma parte da nossa saúde que deve ser respeitada, deve ser cuidada (Presidente – Entrevista).

A presidente compartilhou sua perspectiva na posição de uma cantora do grupo que tem uma idade mais avançada. Para ela, se o canto pode contribuir com a sua saúde de maneira positiva, então cabe à pessoa que conduz o trabalho no coral se apropriar de cuidados específicos na busca do *envelhecimento bem-sucedido* de seus participantes.

A coordenadora, que é enfermeira, gerontóloga e professora, também explicou seu ponto de vista em relação à formação em gerontologia. A coordenadora defendeu que a formação em gerontologia “é fundamental” para trabalhar com a terceira idade (Coordenadora – Entrevista), porém, como essa formação não é comum entre os professores que lidam com idosos, considerou que o mais importante é a formação específica na área que o professor vai atuar, mas, sobretudo, que o professor tenha minimamente uma noção sobre quais são os referenciais teórico-metodológicos que fundamentam os processos de ensino e aprendizagem com pessoas idosas. A coordenadora informou que busca apresentar essa mínima noção aos professores que desejam trabalhar no Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). “[...] Não basta ter apenas vontade de trabalhar com idoso! [...] Tem que se qualificar para esse trabalho!” (Coordenadora – Entrevista). Verifica-se que o NETI tem a preocupação de incluir em seu grupo de trabalho professores que sejam qualificados para trabalhar com a terceira idade. Na perspectiva da coordenadora, essa qualificação também deve envolver a compreensão dos aspectos que envolvem o envelhecimento.

Já na perspectiva do regente, para trabalhar com pessoas idosas e atender demandas específicas não é necessário ter uma formação em gerontologia, pois o professor aprende muito com a própria prática, com a experiência de trabalhar com o público: “O diploma é apenas uma certeza de que a pessoa tem o diploma” (Regente – Entrevista). O regente explicou:

[...] nem sempre quem faz gerontologia tem capacidade de dar aula, ou de atender alguém. Depende da pessoa. É a mesma coisa na música [...] nem todo o professor precisa ter gerontologia. Basta ter [...]: respeito, amizade para com todos, e ser capacitado praquilo (Regente – Entrevista).

O regente expressou com simplicidade a sua opinião sobre o assunto. Não significa que a formação em gerontologia não é importante, todavia, de nada adianta ter conhecimento teórico sem a prática.

5.3.5 Interações pedagógico-musicais

A categoria denominada “interações pedagógico-musicais” traz discussões sobre os processos de ensino e aprendizagem de músicas novas, as estratégias de ensino do regente, os conteúdos musicais enfatizados no ensaio, o uso de instrumentos musicais e o aquecimento vocal.

Sobre o ensino das músicas novas, o regente relatou alguns procedimentos específicos que sempre utiliza, fato este que não foi lembrado pelos cantores no dia do grupo focal. Ele fala para os cantores o seguinte: “‘Vocês deixam cantar três vezes sozinho’. Eu canto bem devagar, mostrando todas as três vezes... não pode errar... você [o regente] tem que cantar exatamente a melodia, a mesma melodia. [...] E às vezes eu gravo e coloco no *whatsapp*” (Regente – Entrevista). Vale destacar que a maneira como o regente ensina está pautada na repetição e na velocidade reduzida da execução musical.

Todavia, na perspectiva da presidente, que está sempre preocupada com a qualidade musical do grupo, o regente deveria repetir mais as execuções musicais, para que essa qualidade seja alcançada e para que o grupo perceba que “[...] não foi bom o conjunto... o resultado daquele canto, naquela hora, não foi suficiente, não foi eficiente, não foi o melhor” (Presidente – Entrevista). Mais uma vez a presidente se coloca como líder, e não apenas como cantora, ou seja, ela mostra a sua responsabilidade de cobrar um bom resultado por justamente ocupar um cargo superior: “Eu fico muito preocupada [...] onde está o meu nome, eu zelo pelo meu nome, eu não quero falhas, agora, acontecer uma falha por causa dos outros... mas é o nome da coordenadora que vai aparecer (Presidente – Entrevista). A repetição das execuções musicais com os idosos pode ser muito eficiente nos processos de ensino e aprendizagem (REIS; OLIVEIRA, 2004; CACHIONI, *et al.*, 2015), e esta prática da repetição pode ser observada no grupo coral analisado.

Para este grupo, o fato de repetir as execuções musicais quantas vezes forem necessárias, e de maneira mais lenta, faz com que o grupo aprenda de maneira mais eficiente. É importante ressaltar que o regente considerou que é ele a pessoa responsável por ser um bom modelo vocal para o grupo. Foi possível perceber uma preocupação do regente em relação à responsabilidade de cantar a melodia corretamente para que os cantores tenham um exemplo a seguir e, dessa maneira, executem a melodia de igual modo. Ele complementou:

[...] se você [o regente] não tem capacidade, vai chegar e vai cantar desafinado, não vai tocar direito, não vai respeitar os compassos da música, vai fugir da melodia; da melodia você não pode fugir em nenhum momento. Se você canta uma vez aquilo ali tem que cantar sempre aquela melodia, porque senão eles ouvem de um jeito, depois se você cantar diferente eles vão ouvir de outro jeito e vão cantar de outro jeito (Regente – Entrevista).

Já Ágata mencionou que não existe um passo a passo no momento do ensaio para aprender as músicas novas. Os cantores também concordaram que não há um detalhamento na metodologia do regente, e por isso talvez contem mais com a ajuda dos colegas para aprender as músicas que desconhecem: “Eu não chego pra ele [o regente] e digo ‘eu não sei essa música’. Eu ouço as pessoas cantarem, e depois eu vou cantando, baixinho e tal... vou me habituando com aquilo ali até eu aprender! A gente vai indo no ritmo do pessoal, que o pessoal é bom” (Ágata). A maneira como a cantora manifestou o seu processo de aprendizagem dá a entender que, se ela transmitisse suas dúvidas ao professor, atrapalharia a condução do ensaio, por isso prefere pedir ajuda ao grupo.

Ônix compartilhou que os processos de aprendizagem de músicas novas partem do processo natural do próprio ensaio: “Geralmente ele [o regente] tira, canta e o pessoal já vai no ritmo da música, e na voz dele... não tem muito essa dificuldade. Ele solta a música ali e no segundo dia a gente já sai cantando!” (Ônix). Todos concordaram com o cantor. Para Ônix, o método do professor é simplesmente ensaiar. Logo, não significa que não há um passo a passo, pois, para o regente, a sua metodologia é o ensaio em si mesmo. O ato de cantar repetidamente, uma música após a outra, não significa necessariamente uma ação irrefletida, já que a própria prática do ensaio possibilita a memorização das canções, na perspectiva do cantor. Todos mostraram que se adequam bem à forma como o regente conduz o ensaio e não possuem nenhuma discordância quanto a isso.

Verificou-se que os cantores ajudam uns aos outros nos processos de ensino e aprendizagem. A cantora Jade confirmou: “[...] às vezes o outro esquece a pastinha, daí vamos sentar juntos... sempre tem uma ajuda” (Jade). Durante a observação dos ensaios, ficou perceptível que os cantores se ajudam no momento da execução musical: chegam perto do colega que está sem a pasta, às vezes ficam conversando sobre o jeito de cantar determinadas músicas, dentre outras ações. São poucas as vezes que os cantores tiram suas dúvidas com o professor, pois fazem isso entre eles mesmos. Na entrevista com o regente, ele confessou até de maneira cômica, interações entre algumas senhoras quando querem corrigir a colega do lado, no momento da execução musical:

[...] A colega do lado às vezes bate [risos] e tem isso também... cutuca. E eu até critico, assim, e falo pra que elas não belisquem... hum, se você soubesse... tem beliscão, empurrão, tudo! ‘Tais cantando errado!’. Tem isso, tem muito disso. [...] Até digo pra elas: ‘não deve fazer isso, qualquer coisa deixa comigo que eu corrijo’. Mas tem sempre alguém que entende mais um pouquinho de música que sempre dá uns cutucão assim. Sempre ajudam. (Regente – Entrevista).

O regente expõe essas situações considerando que a atitude de algumas cantoras idosas, de beliscar e cutucar, acaba ajudando no momento do ensaio, uma vez que o professor nem precisa, necessariamente, parar a execução da música para explicar algo, já que os próprios colegas se corrigem. Interessante notar que, embora um “beliscão” ou “empurrão” seja uma atitude um tanto desagradável, na perspectiva do regente, é dessa maneira que os cantores idosos se entendem. E isso, para o regente, já é muito válido.

Em meio à discussão sobre os processos de aprender uns com os outros, ficou evidente que existe também entre os cantores uma necessidade de aprovação pelo cantor mais experiente. Ágata lembrou de uma situação em que enviou uma gravação dela mesma cantando para a sua irmã, que já canta há uma década no coral. O objetivo disso foi receber um retorno da cantora mais antiga, que já conhece as músicas: “Pra ela ficar sabendo que eu tô treinando a música que eu não sei [...]. Mas daí eu peguei a música assim num ritmo tão bom... depois eu falava com ela no telefone e perguntava: ‘é esse ritmo mesmo?’. Aí eu fui aprendendo... a gente se vira!” (Ágata).

Na entrevista com a presidente, a mesma informou que o grupo aprende as músicas a partir do processo de ouvir atentamente a execução musical, no ensaio, uma vez que a maioria não lê partitura: “Só de ouvido, né? Só pela letra [...] e o ritmo. Eu acho que... 1 ou 2% que lê partitura” (Presidente – Entrevista). Sobre o uso de partituras, o regente explicou em entrevista específica: “Eu já tentei fazer com partitura. Elas não querem. Se for com partituras elas não aceitam. Assim, elas querem cantar. Elas querem se divertir cantando” (Regente – Entrevista). O regente explicou que a ausência da partitura no processo de ensino e aprendizagem é ainda mais desafiador, pois dificulta a explicação sobre os elementos principais da música:

Porque se tem uma nota [exemplifica cantando com fonemas subindo uma escala maior]: ‘na, na, na, na’... eu já aponto com o dedo assim, quando é pra cima, eles já sabem, então é a mesma coisa que uma partitura. Eu vou ditando com o dedo: tã, tã, tã... [exemplifica cantando com o fonema “tã” subindo e descendo uma escala]. Então, esse tãtãtã, às vezes, ajuda, porque o dedo diz que é pra baixo, elas sabem que é pra baixo, e o dedo pra cima é pra cima. Então, eu vou fazendo assim. Então eu vou ditando, apesar de que elas não gostam. Outra coisa importantíssima é cantar dentro do compasso. [...] Dois por quatro, três por dois, assim, dentro do compasso

totalmente. Se alguém fugir do compasso eu páro, faço isso aí de novo, vamos corrigir, e vamos corrigir... só que hoje elas estão tão ligadas [...] elas já estão tão ensaiadas, que não precisa mais eu corrigir compasso, elas cantam certinho, até melhor do que eu imaginei (Regente – Entrevista).

Outro ponto destacado pelo regente é o fato de que a prática do ensaio leva o grupo para um processo natural de aprendizagem coletiva. Isso significa, como apontou o professor, que não há necessidade de explicar sempre o compasso das músicas, pois, mesmo sendo algo difícil de ser ajustado no grupo, os cantores idosos vão aprendendo mediante a própria prática do ensaio, como observou o cantor Ônix anteriormente. Durante o processo de observação dos ensaios, a pesquisadora notou que acontece uma aprendizagem a partir do próprio desenvolvimento do ensaio, pois, na maioria das vezes, o grupo canta uma música após a outra, sem intervenções do regente.

A cantora Jade mencionou que aprende músicas novas principalmente por intermédio de gravações do ensaio e também através da internet, no site do *Youtube*. A cantora, para memorizar as músicas, faz gravações do ensaio em seu aparelho celular com o objetivo de escutar as gravações em casa, e assim vai estudando o repertório. Se a cantora não conseguir estudar através desse meio, coloca a música no site e treina, até memorizar a música que não conhece. É possível notar que o *whatsapp*, o *Youtube* e a internet, de modo geral, que são meios de comunicação contemporâneos, possuem também o propósito de fazer com que a geração idosa esteja se atualizando constantemente perante as intensas transformações do mundo (DOLL, 2008) e, é claro, atualizando seu repertório musical a partir desses meios (*dimensão de atualização*).

No tocante à memorização das músicas, o regente destacou: “tem muitas ali que querem cantar sem pasta, mas já têm oitenta e poucos anos, né... noventa... então, é difícil de decorar todas as músicas” (Regente – Entrevista). O regente considerou que o público idoso tem mais dificuldade de memorização, todavia, o cantor Ônix havia mencionado que a sua memória está muito melhor hoje em comparação com anos anteriores. Semelhantemente, a presidente, que canta no naipe das contraltos, tem quase noventa anos de idade e também considerou que é preciso haver mais exigências ao grupo no incentivo à memorização das músicas. A presidente declarou sua perspectiva enfaticamente: “[...] Acho que nós deveríamos decorar todas as músicas, mas... tem gente que nem o hino nacional sabe... uma vergonha! [...] É pena, né? É porque seria o melhor aproveitamento pra pessoa” (Presidente – Entrevista).

Diante das perspectivas da presidente e do cantor Ônix, considera-se que, muitas vezes, na tentativa de resguardar o público idoso, algumas ações e decisões educativas podem diminuí-lo. Vale enfatizar a importância de se desenvolver desafios saudáveis (HAUCK-SILVA; IGAYARA-SOUZA; RAMOS, 2016) e de exigir capacidades cognitivas (LUZ, 2008) na prática coral com idosos, para que estes também tenham a oportunidade de adquirir e aperfeiçoar habilidades, como por exemplo, a habilidade de memorização, que pode ajudar a manter a funcionalidade do indivíduo (NERI; CACHIONI, 2004), sua autonomia (FERNANDES, *et al.*, 2011) e função cognitiva (SARFON GLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017). Incluindo, nos processos de ensino e aprendizagem musical, desafios adequados aos idosos, o professor estará empoderando a terceira idade (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2015) e contribuindo com a possibilidade de desenvolvimento durante toda a vida (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012).

Ainda sobre os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem no coral, alguns cantores relataram as interações que se dão a partir de gestos e olhares no ensaio. Safira mencionou: “[...] eu sou contralto, mas eu tenho segunda voz baixa e segunda voz alta. Às vezes eu faço acompanhamento com o professor por causa disso. Ele olha e eu já sei o que é pra fazer” (Safira). Nota-se que a cantora possui noção sobre o seu papel musical no grupo, pois sabe que tem uma função diferenciada: fazer, no seu naipe das contraltos, uma segunda voz que contrasta com as demais vozes, já que as demais contraltos cantam, geralmente, a voz da melodia, numa oitava abaixo. Durante as observações dos ensaios, foi possível perceber que há uma interação pedagógico-musical expressa na comunicação por olhares e gestos, isto é, códigos musicais do próprio grupo. Esse fato remete a uma das características do lazer sério, a *identificação*, pois existem códigos criados pelo coral em prol do entendimento mútuo dentro deste *mundo social específico* (STEBBINS, 1982). Observou-se também que o regente oferece liberdade aos cantores em relação à maneira de cantar, desde que estejam dentro do compasso e da afinação.

Esmeralda destacou uma perspectiva geral sobre a condução do ensaio pelo regente: “Ele [o regente], quando está ensaiando, ele percebe. Ele fica só analisando como estão cantando. Quando começa, quando entra, a tonalidade... e lá ele percebe tudo! [...] Tem gente que tá no contralto e é soprano, ele já troca!” (Esmeralda). Os cantores concordaram com Esmeralda, que afirmou que percebe quando o regente analisa as vozes no momento do ensaio, focando na adequação da tonalidade, nas entradas/passagens principais da música, e nos naves. Safira complementou, e os demais concordaram: “E quando ele não está de acordo, ele pára, e começa de novo: ‘agora vocês aqui, vamos ver se dá certo’... ‘agora vamos

pro soprano” (Safira). Embora os ensaios observados tenham sido realizados, na maioria das vezes, sem interrupções do regente, notou-se que, quando havia necessidade, o professor fazia tentativas na busca por um resultado sonoro melhor.

Na entrevista com o regente, este relatou algumas estratégias para corrigir a afinação do grupo. O regente afirmou que se algum cantor desafinar, é preciso

saber escutar, e saber corrigir sem ofender a pessoa [...]. Porque se você tem uma senhora de 80 anos cantando com você no lado esquerdo com o soprano, e ela desafinar, como muitas desafinam, mas você chamar a atenção na frente das outras, ela não vai gostar. Talvez ela até, na próxima hora ela já não venha mais. Então tem que saber falar: ‘pessoal, alguém desafinou, vamos tentar consertar’. Aí: ‘quem foi?’ [os cantores perguntam]. ‘Não importa quem foi. A pessoa vai saber’ [o regente responde]. Aí vamos de novo, aí eu toco de novo, ela canta. Eu digo: ‘ainda está desafinado’. A pessoa corrige. Aí, eu toco de novo. Ela arruma. ‘Presta atenção na melodia’ [o regente fala]. Aí eu: ‘dó’... [canta exemplificando a nota dó]. [...] Aí eu volto: ‘dóóó...’ até ela... mesmo dentro da melodia, eu páro, ensino, com calma. ‘Pô, professor, mas o senhor tem calma mesmo pra isso’ [os cantores dizem]. É assim mesmo. Aí ela entra na melodia, eu digo: ‘ah... agora tá a nota, óh, agora tá todo mundo certinho’ (Regente – Entrevista).

O regente considera que a desafinação é um problema que não se deve ignorar no momento do ensaio coral. Nota-se aqui o empenho do regente para melhorar a afinação do grupo até que o problema seja completamente solucionado, e isso é muito importante para o desenvolvimento de uma *performance* satisfatória. Outro aspecto a ser destacado na fala supracitada é a paciência do regente no momento de ensinar as músicas. A paciência do professor também foi perceptível a partir das observações dos ensaios, pois, nos momentos em que algum cantor cantava mais forte que o colega do lado, ou que o grupo não cantava dentro do andamento da música indicado pelo violão, o professor parava a música e explicava com calma, até aquele trecho da música ser cantado corretamente. Um trabalho com pessoas idosas pode requerer, em muitos momentos, mais tolerância com o público, para que este possa perceber também que é útil e capaz. Sobre essa perspectiva, Rodrigues (2009) apontou que a atitude do professor deve ser fundamentada principalmente na paciência, no conhecimento sobre as limitações dos idosos, na tolerância e no fato de acreditar nas potencialidades dos idosos para aprender música.

Para a cantora Jade, existe dentro dos processos de interação pedagógica uma preocupação do regente em agradar ao grupo e, uma dessas maneiras, é solicitando a contribuição dos cantores no momento da escolha das músicas que serão cantadas. A condução do ensaio não é feita de modo centralizado na figura do professor, mas conta com a participação de todos que desejam sugerir algo: “Ele [o regente] tem a preocupação também

de agradar, né? ‘O que vocês querem ouvir agora?’ Tudo isso né... não é aquela coisa ‘eu, eu...’, não” (Jade). Vale destacar que esses momentos onde o professor pede a opinião dos cantores sobre a escolha das músicas levam o ensaio à possibilidade de maior entrosamento e espontaneidade. A partir das observações, ficou evidente que o grupo busca momentos de descontração, nos quais alguém começava a cantar uma música que não estava no repertório, e todos acompanhavam entusiasmados, cantando e/ou dançando. O regente oferece esse tipo de liberdade em momentos bem específicos do ensaio – geralmente quando já cantaram o repertório completo da próxima apresentação. Nota-se que o professor busca focar nas necessidades que o grupo tem, objetivando pensar no/com o coletivo e na *dimensão socioeducativa* (DOLL, 2008) que determinados instantes podem oferecer.

No tocante à aprendizagem dos conteúdos musicais, os cantores idosos, no dia do grupo focal, não encontraram uma explicação específica em relação ao que eles aprendem sobre música, pois, para eles, aprender sobre música é simplesmente aprender as músicas do repertório do grupo. Já a presidente, no dia da entrevista, compreendeu melhor a pergunta, compartilhando que aprende no coral principalmente sobre ritmo e interpretação (Presidente – Entrevista). A presidente, que é também cantora, salientou que não se deve cantar as músicas de qualquer maneira, mas é necessário preocupar-se com a entonação de determinadas palavras que mostrarão o sentido das composições e o significado da prática artístico-musical como um todo.

No tocante ao uso de instrumentos musicais no ensaio, o regente explicou o motivo pelo qual toca o violão, e também comentou sobre a participação eventual de um colega percussionista que acompanha o grupo quando possível. Foi perguntado ao regente quais as vantagens e desvantagens de conduzir o grupo tocando o violão, em vez de apenas regê-lo. Ele explicou que, no caso deste grupo, o violão só traz vantagens, pois traz consigo a melodia e o compasso das músicas, assumindo, assim, a função da partitura que não é utilizada neste contexto. O regente também comentou que o Grupo de Canto Vozes da Ilha tem preferência pelo violão (Regente – Entrevista).

Sobre a eventual participação do percussionista nos ensaios, o regente destacou: “A percussão dele sempre ajuda! A dar o ritmo, a dar vida! [...] ela enche um pouco mais. Parece que fecha, o violão, né... com um bom samba ali, um bom ritmo, com o ritmo dele” (Regente – Entrevista). A partir da observação dos ensaios foi possível perceber que os cantores têm mais ânimo quando há a participação do percussionista, pois a maioria gosta muito das músicas mais animadas, como o samba. Mas nem sempre é possível ter a participação do instrumentista, porque não possui vínculo oficial com o grupo, é apenas convidado pelo

regente quando está disponível. Durante a execução das músicas, todos dançam no ritmo da música enfatizado pelo violão, e especialmente pela percussão, que dá um grande destaque aos ensaios e às apresentações públicas. Notou-se que os instrumentos musicais podem ser um bom auxílio na manutenção da afinação e também da motivação do grupo coral.

Dando continuidade ao assunto sobre as interações pedagógico-musicais, o aquecimento vocal foi um tema sobre o qual os cantores gostaram de falar. Foi perguntado aos cantores se eles achavam o aquecimento vocal importante e o porquê da sua importância. Todos os cantores afirmaram, sem qualquer discordância, que fazer o aquecimento vocal antes de cantar é importante. Esmeralda justificou: “Ah... o aquecimento é muito bom. Porque a gente vem em fala... fala na rua, fala... sabe, assim, às vezes grita, e às vezes fala mais alto... e ali não. Ali é um aquecimento, é muito bom! Primordial esse aquecimento!” (Esmeralda). A cantora tem a noção de que é preciso preparar a voz para o canto e que é o aquecimento vocal que tem essa função. Esmeralda tem a consciência de que “o lugar” no qual deve colocar a sua voz para cantar não deve ser o mesmo no qual coloca a sua voz para falar. Por esse motivo, o fato de chegar da rua, conversando, rindo e falando alto, tem efeito contrário quando a voz não é aquecida, podendo ser prejudicial durante o processo do canto.

Ônix complementou a fala de Esmeralda, enfatizando outras funções do aquecimento vocal: “[...] ele multiplica a sua voz! Se você tem um potencial, uma clareza na voz, o aquecimento ele multiplica isso aí!” (Ônix). Os demais cantores não manifestaram com palavras a sua opinião sobre o assunto, mas todos concordaram com Esmeralda e Ônix durante suas falas. Ônix mencionou que procurou uma fonoaudióloga para aprender outros tipos de exercícios vocais: “[...] eu faço um aquecimento muito mais abrangente do que esse que se faz aqui [no coral]. [...] Eu tento usar todos os fonemas, e todos os tons”. Ao mencionar sobre o aquecimento vocal feito no Grupo de Canto Vozes da Ilha, o cantor compartilhou de maneira entusiasmada sobre suas experiências com exercícios vocais. Enquanto isso, os demais cantores manifestavam certo interesse sobre o que Ônix explicava:

[...] o exercício dele [do regente] [...] é bom, é pequenininho. Tem exercício muito mais abrangente, exercício que você faz com todas as vogais [...] eu faço, por exemplo, usando quase todas as consoantes: buê, bué, buí, buó, buú. Isso nesse tom. [O cantor demonstra os fonemas cantando. Em seguida, aumenta a tonalidade e canta a mesma frase anterior: “buê, bué...”, e assim por diante]. Em todos os tons! Eu pego no instrumento e vou aumentando o tom. Aí eu faço buê, faço chuê, faço muê, faço fuê... vou usando todos os fonemas. Isso faz com que as suas cordas vocais se afinem com todos os tons, e todos os fonemas, né. Aí quando chega na hora de cantar você tá que é um galo! [risos] (Ônix).

Esse momento foi percebido praticamente como uma “pequena aula” do cantor para as pessoas presentes. O cantor demonstrou ter bastante conhecimento e experiência sobre combinações entre fonemas e tonalidades. Na opinião de Ônix, quanto mais exercícios se faz, mais preparado para cantar se está. Talvez o fato de haver pouco aquecimento vocal no grupo seja um motivo para o cantor ter se empenhado em buscar esse conhecimento fora do coral, suprindo a necessidade que sentiu de melhorar seu desempenho dentro do grupo.

O fato de Ônix ter buscado uma fonoaudióloga para melhorar seu desempenho vocal pode ser compreendido como um *esforço pessoal significativo* (STEBBINS, 1982) do cantor para alcançar o seu objetivo maior que é cantar de forma aprimorada. Sobre isso, vale salientar que Oliveira e Doll (2014) ampliaram o conceito de *esforço pessoal significativo*, trazendo-o para o campo da música.

A qualidade “esforço substancial” poderia ser observada, por exemplo, quando um cantor amador empenha-se em desenvolver as habilidades necessárias para que execute um trecho musical difícil, treinando para isso, fazendo aulas com professores especialistas, organizando sua rotina diária e orçamento financeiro em torno de seu objetivo (OLIVEIRA; DOLL, 2014, p. 8-9).

Durante a entrevista com a presidente, foi discutido sobre o melhoramento do desempenho vocal do grupo atualmente, em comparação com o início do trabalho. A presidente afirmou: “Melhorou bastante [...]. A gente mesmo sente [...] porque a gente podia dizer assim: ‘eu sou cantor de banheiro’, né? Mas quando a gente ensaia, a gente sente a diferença entre cantar a esmo e cantar com uma orientação, entendeu? A gente sente” (Presidente – Entrevista). Na perspectiva da presidente, embora o grupo seja amador, o desempenho vocal pode ser melhorado desde que exista um regente para exercer a função de orientar o grupo musicalmente, entretanto: “[...] as duas partes [regente e cantores] têm que colaborar” (Presidente – Entrevista).

Foi possível identificar diversas formas de interações pedagógico-musicais nos processos de ensino e aprendizagem com os idosos no coral. Os cantores aprendem música com os colegas e por intermédio da internet, mas principalmente através da própria prática do ensaio. Notou-se o empenho e a preocupação do grupo na busca pela qualidade da *performance*, que é o foco para as apresentações públicas. Sobre a atitude do regente para lidar com o público idoso, destaca-se a sua paciência e o seu esforço para manter a motivação dos cantores pela prática coral.

5.3.6 Repertório

Esta seção traz discussões sobre o repertório do Grupo de Canto Vozes da Ilha. São destacados assuntos sobre a preferência por gêneros musicais, o processo de elaboração do repertório, a capacidade do professor diante da diversidade musical do grupo, o erro de se escolher músicas baseando-se na faixa etária do grupo e os arranjos musicais utilizados no coral.

O regente mencionou que os gêneros musicais que o grupo canta são bem variados: “Tem samba, que elas gostam... bolero, música italiana, balada, tem o *volare*, que é um canto mais rápido, assim, de italiano, tem valsa. Tem também sertanejo... também tem folclórica... MPB, tem várias” (Regente – Entrevista).

Foi perguntado aos cantores o que achavam do repertório do coral. Ágata se manifestou, dizendo: “Ah, eu gosto. É bem variado, né. Na verdade é enorme! Vários tipos de música que a gente canta” (Ágata). Os estilos de música do coral, que Esmeralda lembrou imediatamente, foram: bolero, samba e valsa. Porém, um dos estilos que o coral mais gosta, segundo Safira, é o samba, e todas as cantoras presentes no grupo focal concordaram. Durante as observações dos ensaios, ficou evidente que a maioria se anima mais quando cantam as músicas mais ritmadas, como o samba. Todavia, Ônix foi o único que discordou:

Eu canto samba no coral. Acho o repertório razoável [...]. Eu acho que poderia ser mais abrangente no sentido de música brasileira, [...] mais alguma coisa de outras áreas do Brasil, porque [...] o repertório dele [que o regente seleciona] busca muito o repertório daqui e carioca. Então ele deixa de lado o paulista, goiano, gaúcho [...]. Não tem uma! Gaúcho tem uma riqueza incrível! O centro do Brasil é uma riqueza incrível! Polca, valsas, então, é uma cultura brasileira. Eu acho que podia ser mais abrangente (Ônix).

O professor, segundo Ônix, dá mais prioridade para as músicas cariocas e regionais de Florianópolis. Neste momento da declaração do cantor, os demais diziam que Ônix poderia dar sugestões ao regente sobre a ampliação do repertório. Os demais cantores mencionaram que o repertório selecionado para o grupo está adequado. A presidente, que canta no naipe das contraltos, manifestou o seguinte:

Na verdade o repertório já foi alterado várias vezes. O regente traz música, ele tenta... eu não sei se ele vê que não há interesse nosso, ou essa música não se aplica a nós. Eu só sei que ele traz músicas e tenta duas ou três vezes, e depois tira. Mas já mudamos o repertório muito nesses anos todos. Atualmente é esse, mas já foi

mudado muitas vezes. [...] Eu acho que agora no começo do ano já devia mudar um pouco. Começa a ficar cansativo, né? Vocês é que podem opinar [a presidente se dirige aos demais] (Presidente – Grupo focal).

Vê-se que há experimentos de músicas, pelo regente, antes da decisão de colocá-las ou não no repertório. A presidente considerou o repertório atual como sendo satisfatório, embora já estivesse na hora de modificá-lo no início do ano de 2018.

Outra questão foi levantada no grupo focal em relação ao repertório: a preocupação em selecionar músicas que são do agrado/conhecimento do público para o qual irão cantar, e não necessariamente músicas que sejam do agrado dos cantores e do regente. Foi perguntado à presidente se ela tinha algo a sugerir sobre o repertório atual do grupo. Ela respondeu: “Música é sempre mais popular, ou folclórica, uma coisa assim. Mas eu tô dizendo assim mais conhecidas, né. Porque quando a gente vai em público, eu vejo que quando a música não é conhecida, não é aceita” (Presidente – Grupo focal). Dessa forma, do ponto de vista da presidente, o repertório deveria ser escolhido baseado nos gostos dos diferentes tipos de público para os quais cantam. Sobre isso, o regente confirmou:

Eu escolho [as músicas] porque... pra cada local tem um público, pra cada público uma música. Como ontem. ‘O que é que eu vou cantar para o pessoal lá na prefeitura?’... são vários grupos da ilha... músicas de folclore da ilha, músicas da ilha! Então eu cantei uma música minha, né, que é um folclore, e outras músicas da ilha, que falam da ilha. Tinha até samba de... marcha... mas é falando da ilha, praias da ilha, falando do folclore da ilha, falando do morro, que nós cantamos, né... então é assim. Bem eclético. Tem que ser eclético (Regente – Entrevista).

A seleção de músicas é feita em conformidade com o tipo de evento para o qual o grupo é convidado, mas, principalmente, para o tipo de público que estará presente nesses eventos (crianças, adultos, universitários, funcionários da prefeitura, e assim por diante). Na perspectiva do regente, existem músicas essenciais que o grupo sempre deve ter no repertório. O professor chamou a essas músicas de “carros-chefes”:

[...] tem músicas ali que nós estamos cantando há... muitos anos! Cinco anos pra cá, seis... eu vou mudando... de ano em ano eu vou mudando... mas as músicas essenciais eu deixo: *Tocando em Frente*, *Romaria* [...]. Tem uma que fala de Santa Catarina, [...] *Desencontro de Primavera*... são músicas essenciais... e samba, né... são vários sambas que nós temos que são essenciais. Eu não mudo. Eu mudo algumas outras. Pode ver que pro ano que vem, [...] quando a gente voltar [...] vamos mudar algumas músicas. Não aquelas essenciais. Você tem que ter... ohh... o *Hino de NETI*, o *Hino Nacional*... e vários, vários. São mais de 20 músicas essenciais (de 70). São carros-chefes [...] eu tenho as músicas essenciais que eu acho que [...] elas servem pra cantar tanto aqui na universidade, como na prefeitura, como

em todo o estado, como em todo o Brasil. [...] Você tem que ter um carro chefe de músicas (Regente – Entrevista).

Nota-se que um coral que possui uma agenda cheia de apresentações, em diferentes eventos e contextos, necessita realmente de um repertório eclético, e isso é perceptível no Grupo de Canto Vozes da Ilha. O fato de se ter um grande número de apresentações por ano, talvez seja um dos motivos pelos quais os cantores aceitem cantar músicas que não são necessariamente do seu interesse, como o cantor Ônix, já que pensa no grupo como um todo e em seus compromissos públicos.

Diante das diversas possibilidades que se têm de elaborar o repertório de um grupo, o regente ressaltou a importância de que seja composto por músicas de diferentes estilos e ritmos, mas, principalmente, que o professor de música deve ter a capacidade de cantar e tocar toda essa diversidade, e assim, possa atender demandas e alcançar públicos também diferentes: “Porque eu aprendi [...] a cantar tudo! Valsa, balada [...]. Até Os Beatles, internacionais [...]. Então, tem que ter essa capacidade, o professor. [...] Tem que ser eclético, [...] tem que tocar todos os gêneros musicais, todos os ritmos” (Regente – Entrevista). O regente enfatizou a importância de que os professores de música valorizem a diversidade musical e tenham equilíbrio no momento de escolher as músicas. Além disso, é importante que o regente proponha músicas que agradem a maioria do coro, pois, nem sempre será possível agradar a todos e, segundo o professor, os cantores também devem ter consciência disso:

[...] tem gente que nunca cantou samba na vida ali [...] que só cantava música gaúcha. Hoje canta samba. ‘Ah.. mas eu não gosto de samba’ [diz um dos cantores]... mas canta. ‘Ah, eu gosto só de música gauchesca’, o outro ‘ah eu gosto de baião que vem lá do norte’ [...] mas eles cantam porque vão aprendendo, né? E são músicas assim que a gente vai ensinando devagarinho. Agora: ‘ahh... nós não gostamos dessa música!’ [cantores dizem], eu tiro [do repertório]. [...] Tu tem que colocar um repertório que seja bom para 80% do grupo (Regente – Entrevista).

É importante destacar que no canto coletivo é necessário haver essa consciência: nem sempre o indivíduo cantará as músicas que fazem parte da sua lista de preferências, e o Vozes da Ilha compreende isso muito bem, na perspectiva do regente, mesmo sendo um cantor que ingressou recentemente no coral. Todavia, nota-se que o professor não insiste nas músicas que a maioria dos cantores não aceitam.

Os cantores levantaram uma outra questão, fomentando a discussão sobre a função que um determinado estilo musical pode ter na vida das pessoas, e as relações dessas músicas com

a faixa etária dos indivíduos que experienciam práticas musicais. Ágata, que é novata no grupo, mencionou:

[...] eu adoro música! Principalmente o rock. Desculpa, mas eu amo rock! Acho que eu nasci na geração do rock, né, então eu sou apaixonada pelos Beatles [...]. Ainda vão falar ‘ah... tu nunca envelheces, não sei o que...’. Eu acho que é o espírito do rock. Não é o espírito jovem, é o espírito do rock! Deve ser uma coisa assim porque eu adoro, adoro, mesmo! (Ágata).

A cantora declarou que o estilo de música com a qual se identifica, o rock, a coloca num nível de bem estar elevado, de forma tão intensa, que acaba por se sentir mais jovem. Para a cantora, é a música que tem essa função em sua vida: de rejuvenescimento. Pelo fato de Ágata ter apresentado o rock como sendo seu estilo musical preferido, Ônix sentiu necessidade de ajudar a explicar esse sentimento que Ágata manifestou:

Eu acho que a música não tem idade. [...] Não tem nada a ver música pra terceira idade, pra segunda idade, pra primeira idade, pra zero idade. E... você vê pessoas de idade elevada cantando música que tá na mídia hoje, você vê jovem, super jovem, cantando música antiguíssima, tá entendendo? Então a música ela não tem fronteira, ela não tem idade (Ônix).

A afirmação “a música não tem idade” sugere de alguma forma que o professor não selecione um repertório baseado na “antiguidade” das músicas (no fato de ela ter sido composta na época em que os idosos nasceram ou eram jovens, por exemplo). Para Ônix, existem músicas interessantes em todas as gerações, independentemente da época na qual foram compostas. E essa riqueza e diversidade musical devem ser aproveitadas de forma adequada ao grupo que se têm. Talvez não exista um repertório que seja ideal para a terceira idade, ou que já esteja pronto e direcionado para este grupo, mas existe uma construção ideal desse repertório que deve ser realizada junto com o grupo.

Em relação aos arranjos das músicas, verificou-se que o regente também as elabora, quando a música original fica difícil de ser executada pelo grupo. Mas na maioria das vezes, o regente ensaia as músicas que já estão prontas para cantar, e não precisa modificar nada (Ágata). Sobre as músicas, a presidente falou com orgulho: “nós temos algumas músicas que são do regente. Ele é compositor também” (Presidente – Entrevista).

No tocante ao arranjo vocal, durante as observações, foi possível verificar que o grupo apropria-se de algumas divisões de vozes, mas isso acontece em poucas músicas. A segunda voz, que contrasta com a voz da melodia cantada pelas sopranos, é feita geralmente pelo

regente, que também toca violão durante as execuções musicais, e/ou pelos naipes contralto (principalmente) e tenor. As demais músicas são cantadas sempre em uníssono. Vale ressaltar que a rotina dos ensaios observados é sempre a mesma: os mesmos exercícios vocais, as mesmas músicas, a mesma metodologia do regente (de cantar com o grupo direto, com poucas intervenções), os mesmos arranjos. Todavia, foram apenas observados cinco ensaios. Logo, pelas observações não é possível afirmar que o grupo sempre realiza os mesmos procedimentos.

A cada ensaio observado o grupo ensaiou, durante duas horas seguidas, uma média de dezoito músicas. A maioria do repertório ensaiado se referia às próximas apresentações, com exceção de algumas músicas que cantavam apenas para relaxar e descontrair um pouco, como músicas em outras línguas (italiano e espanhol).

Durante as observações, foi contemplado o ensaio e/ou apresentações das seguintes músicas: Como uma onda (Lulu Santos e Néelson Motta); Anúnciação (Alceu Valença); Nuvem Passageira (Hermes Aquino); Deixa a vida me levar (Serginho Meriti e Eri Do Cais); Mulher Brasileira (Benito di Paula); Esperando na Janela (Targino Gondim, Manuca Almeida e Raimundo do Acordeon); Tocando em frente (Renato Teixeira e Almir Sater); Maravilhas de Santa Catarina (Carolina Floriani de Oliveira); Vem conhecer Santa Catarina (Nilzon Aguiar); Florianópolis (Aníbal Nunes Pires e Osvaldo Ferreira de Melo); Rendeira, Velha Rendeira (Folclore Catarinense); Magia do Morro (Zininho); Praias da Ilha (Mirandinha); Rancho de Amor à Ilha (Zininho); Vai Tristeza (Nilzon Aguiar); Lagusta Laguê (Francisca Cavalcante); Admirável Gado Novo (Zé Ramalho); Lua Mansa (Grupo Engenho); O Barqueiro (Fábio Block); e Com Você (José Acácio Santana).

Em uma das observações foi possível perceber que a música Vai Tristeza foi cantada de uma forma diferente. Notou-se que a partir da letra dessa canção, os cantores sentiram maior emoção, e expressaram seus sentimentos durante a música. Na frase que dizia “não preciso de você”, referindo-se à tristeza, os cantores faziam gestos muito enfáticos, como se estivessem mandando os sentimentos ruins embora. Compreende-se que a música tem também o papel de trazer conforto e satisfação, principalmente quando está sendo praticada em conjunto, como se todos estivessem confirmando a mesma mensagem. É evidente que a terceira idade é uma fase da vida na qual existem muitas perdas (DOLL, 2008) e, a música, de alguma forma, compensa essas perdas, suprimindo as necessidades emocionais do grupo. Esta foi uma das músicas nas quais os sentimentos de consolo e gratidão ficaram mais evidentes. É através do canto coletivo e da convivência com essas pessoas, que os cantores recebem incontáveis benefícios compensadores na busca de um *envelhecimento bem-sucedido*.

O grupo também ensaiou músicas direcionadas a sua apresentação na missa católica. Observou-se o ensaio do *medley* das seguintes músicas: Renova-me; Eu Te Exaltarei; Buscai Primeiro; Quero te dar a paz; e Obrigado, Senhor. Todas as músicas foram cantadas em uníssono (contraltos e sopranos cantando em tessituras diferentes, mas executando a mesma melodia), porém, a primeira música, Renova-me, foi a única na qual sopranos e contraltos cantaram na mesma tessitura vocal.

Notou-se que a prática do canto coletivo no Grupo de Canto Vozes da Ilha traduz-se em uma atividade que vai além do compromisso para as apresentações públicas. É um momento agradável que todos passam juntos, pois, mesmo o grupo já cansado, ao final dos ensaios, não tinham vontade de parar de cantar. Todos parecem, de maneira geral, se identificar com o repertório do coral, e é um prazer para eles estarem ali. A partir das falas dos participantes da pesquisa foi possível notar que os ensaios do grupo são primordialmente voltados para a melhor *performance* possível, na busca por uma apresentação pública de qualidade. Já a partir das observações dos ensaios, notou-se, além da preocupação com a *performance*, a busca principalmente pela socialização e interação social, onde aprendizagens e amizades são, semanalmente, realizadas e intensificadas neste meio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram que a prática do canto coletivo, direcionada à terceira idade, pode desenvolver o *envelhecimento autônomo e bem-sucedido* de seus participantes na medida em que funciona como um *lazer sério*, isto é, um ambiente propício para adquirir e aprimorar saberes, habilidades e experiências de maneira prazerosa, mas coletivamente empenhada.

A relação do Grupo de Canto Vozes da Ilha com o conceito de *envelhecimento bem-sucedido* se dá na constatação de que, neste contexto, os cantores idosos vivenciam uma vida saudável e de proatividade, levando em consideração as dimensões física, cognitiva e social (TEIXEIRA; NERI, 2008) e psicológica (FERNANDES, *et al.*, 2011). Vale ressaltar que tais dimensões ficaram evidentes quando os cantores idosos relataram sobre os benefícios advindos da prática coral. Dentre os benefícios do canto enfatizados pelos cantores, estão o envelhecimento saudável, o exercício da memória, o aumento das relações sociais, o envolvimento da emoção na execução das canções e a maior motivação para viver.

A partir dos processos de ensino e aprendizagem musical desenvolvidos no coral, os idosos podem ressignificar e construir pensamentos, memórias, conhecimentos e experiências, que, na terceira idade, não são poucos. É a partir deste contexto que os cantores se empenham em prol da qualidade da *performance* para mostrar um trabalho digno de aplauso, e no qual podem se orgulhar intensamente. Através desta ação importante, o Grupo de Canto Vozes da Ilha ajuda a desconstruir a ideia de que a pessoa idosa é improdutiva e/ou incapaz, uma vez que os cantores têm a oportunidade de selecionar atividades de seu interesse, otimizar potencialidades e compensar as perdas que podem atravessar esta etapa da vida (BALTES; BALTES *apud* NERI; CACHIONI, 2004).

Foi interessante notar a dedicação com a qual as atividades no coral são realizadas. Os idosos, especificamente, não buscam melhorar seu desempenho musical apenas para as apresentações públicas, mas, sobretudo porque possuem um compromisso com o seu próprio bem estar. Os idosos trabalham por eles mesmos, realizando algo no qual têm satisfação e, dessa maneira, também acabam se tornando responsáveis pelo seu próprio *envelhecimento bem-sucedido*.

Verificou-se que a aprendizagem musical desempenha um papel importante na manutenção das habilidades cognitivas dos idosos (SARFSONGLEIZER; LARRAZ RÁBANOS, 2017) e que, por sua vez, a cognição é responsável pela manutenção da sua autonomia (FERNANDES, *et al.*, 2011). Isso significa que a pessoa idosa, que possui sua

mente preservada e ativa, poderá intervir mais no meio em que está inserida, se auto afirmar, se fazer ouvir e, assim, permitir também o desenvolvimento do seu *envelhecimento autônomo* a partir da participação em atividades musicais.

Foi possível notar a aproximação do contexto pesquisado com o referencial teórico deste trabalho. As atividades que acontecem no Grupo de Canto Vozes da Ilha não são feitas de qualquer maneira, mas com uma seriedade coletiva para chegar a um resultado musical e social relevantes. Nesse sentido, vê-se que o grupo de canto estudado pode funcionar como um *lazer sério* na vida de seus participantes, uma vez que este contexto não serve simplesmente como um instrumento de descanso ou diversão. Trata-se de um ambiente no qual os idosos podem adquirir, aprimorar e expressar habilidades; usufruir de sentimentos de realização; praticar o protagonismo social; participar da troca de saberes e experiências; e, sobretudo, exercer uma carreira de lazer (STEBBINS, 1982).

A aproximação deste contexto com as seis dimensões de Doll (2008) também ficou evidente. Todas essas dimensões (socioeducativa; do lazer; compensatória; emancipatória; de atualização; e de manutenção das capacidades cognitivas) foram em algum momento identificadas no Grupo de Canto Vozes da Ilha, fortalecendo o caráter multifacetado da educação musical na terceira idade, e destacando que os processos educacionais podem alcançar aspectos e significados diversos na vida dos idosos que se interessam por algum tipo de formação.

Outro aspecto importante a ser enfatizado é a aprendizagem a partir da convivência. Ficou claro que os idosos não possuem aprendizagens voltadas apenas à música, pois carregam em suas bagagens de vida as aprendizagens sociais desenvolvidas coletivamente. A partir das interações sociais que acontecem no grupo, os cantores aprendem a conviver, a se respeitar, a esperar a vez do outro, a ensinar o colega, a ter tolerância e a aprender com a experiência do outro. A literatura reitera o que foi identificado neste grupo, porquanto é possível aprender ao longo da vida, independentemente da idade. Neste contexto, os idosos experienciam música, mas, principalmente, aprendem e ensinam uns aos outros sobre como envelhecer de modo bem sucedido.

Em relação ao atendimento das demandas específicas do público idoso nos processos educacionais, verificou-se que essas demandas não estão relacionadas necessariamente à vulnerabilidade da faixa etária, pois os cantores idosos, neste ambiente, são pessoas ativas e saudáveis e, além disso, pessoas que desejam ser convidadas a realizar novos desafios. Notou-se que esses idosos não se contentam com um resultado suficiente, mas, sobretudo com um resultado que é o seu melhor possível, possibilitando, assim, a construção de um *lazer sério*.

Os benefícios que os idosos recebem através da prática coral não vêm de forma gratuita, mas do empenho que eles mesmos exercem em prol da qualidade musical e social.

No tocante à atuação do professor de música para lidar com a terceira idade, constatou-se a importância de que o regente seja paciente, tolerante, e esteja atento às limitações e capacidades de cada integrante do coral, exigindo do grupo atividades que possa realizar de forma flexível e satisfatória. Compreende-se que o respeito às demandas específicas do público idoso no Grupo de Canto Vozes da Ilha está principalmente em reconhecer a diversidade que existe não apenas no grupo, mas em cada ser humano, sem jamais deixar de investir nas suas potencialidades.

Embora esta pesquisa tenha identificado vários benefícios que a prática do canto coletivo pode proporcionar aos cantores idosos, também foi possível perceber algumas divergências e desafios no grupo, como por exemplo: a insatisfação de um dos cantores em relação ao repertório atual do coral; a dificuldade do regente em lidar com algumas demandas e conflitos entre os cantores; e a necessidade de mais amizade entre algumas pessoas do grupo, segundo os cantores. Vale ressaltar que, apesar de os aspectos positivos da prática coral na vida dessas pessoas serem intensos, conflitos também podem ser gerados a partir de uma atividade que costuma ser contínua (STEBBINS, 1982). Esta observação não diminui a importância que a prática coral pode ter na vida de seus participantes, mas apresenta a rotina de um grupo que lida com diversas situações e pessoas em seus processos de ensino e aprendizagem musical e social. Isso revela, de alguma forma, o caráter autêntico do grupo estudado, uma vez que os participantes acabam expondo suas reais necessidades e motivações. Tais apontamentos podem ser relevantes para professores de música que lidam com a terceira idade.

Sobre os desafios da pesquisa, vale ressaltar as limitações da metodologia e a responsabilidade de adentrar no campo da gerontologia. Em relação à metodologia, é importante verificar com cuidado os termos que se utilizará no momento da coleta, antes de aplicar métodos e técnicas, para que os participantes idosos compreendam o que está sendo investigado, e assim possam contribuir melhor com a pesquisa. Por exemplo, o conceito “autonomia” foi utilizado no questionário como uma das opções para os idosos assinalarem, referentes às funções que o canto coletivo pode ter na vida de seus participantes, mas foi uma opção pouco assinalada. Notou-se que este item é um tanto subjetivo para estar presente no questionário ao lado dos outros itens. Talvez os demais respondentes, que não assinalaram a autonomia como sendo uma função do coral, não entenderam o significado deste conceito e, conseqüentemente, não compreenderam a relação da autonomia com a atividade que realizam,

já que, na conversa com os participantes, a autonomia e a proatividade ficaram evidentes como características dessas pessoas. Dessa forma, o questionário poderia ter sido mais claro aos respondentes idosos, apontando outros fatores que estão relacionados à autonomia, como por exemplo, as tomadas de decisões dentro do coral e no NETI como um todo, e a sua liberdade de expressão que é considerada e respeitada neste meio.

No tocante à gerontologia, foi possível compreender a responsabilidade de adentrar num campo inicialmente desconhecido para a autora desta pesquisa. É preciso salientar que, apesar de a gerontologia estar presente nas discussões científicas da área da educação musical, com enfoque no público idoso, verificou-se a necessidade de haver ainda mais estudos que tragam a relação entre as duas áreas. Desse modo, foi desafiador adentrar num campo tão consolidado como a gerontologia para explicar os processos educacionais com idosos no campo da música.

Vale destacar que as pesquisas que apresentam os idosos em situação de ensino e aprendizagem musical não estão necessariamente alicerçadas nos estudos da gerontologia, nem a gerontologia educacional nos estudos da educação musical. Maiores aproximações entre estas áreas de estudo poderiam contribuir para o desenvolvimento de bases teóricas e metodológicas alinhadas com as necessidades de pessoas idosas que participam de experiências educativas com a música.

Esta pesquisa contribui para a construção de olhares e compreensões a respeito da prática coral com idosos na medida em que buscou conhecer, a partir da gerontologia, características e demandas do público idoso nos processos educacionais no campo da música. Importa destacar que a área da gerontologia proporcionou para esta pesquisa um olhar abrangente, porque abriu portas para a discussão sobre diferentes conceitos, como por exemplo, a relação entre o *envelhecimento bem-sucedido*, a autonomia e os aspectos cognitivos dos idosos aprendizes de música; e, ao mesmo tempo, um olhar específico, visto que a gerontologia estuda uma faixa etária particular, que pode necessitar de cuidados e metodologias direcionadas a tal público.

Foi possível identificar que os textos da área de música que estudam a terceira idade enfatizam os aspectos sociais da aprendizagem musical, e não necessariamente os aspectos musicais dos processos educacionais. Esta pesquisa, a partir das discussões levantadas pelos participantes, também identificou a preponderância de elementos sociais. Diante disso, uma sugestão para futuras pesquisas seria a investigação dos elementos especificamente musicais da atividade coral com idosos, buscando conhecer como se dá a aprendizagem desses elementos e tendo como fundamento estudos da gerontologia educacional que possam trazer

sustentação às discussões sobre os processos de ensino e aprendizagem musical com pessoas idosas.

Todavia, compreende-se a importância de que não apenas a educação musical encontre respostas na gerontologia, como também a educação musical encontre respostas em si mesma referente aos processos educacionais com pessoas idosas. Por exemplo, pesquisas futuras poderiam também discutir questões sobre a formação e a atuação de professores de música que atendem idosos, trazendo fundamentações teórico-metodológicas advindas da educação musical. Dessa forma, essas pesquisas estariam ajudando a consolidar o campo da música referente a discussões científicas entre música e terceira idade.

Ficou evidente que, no grupo estudado, os participantes enxergam as atividades desenvolvidas como processos que vão além do divertimento, enfatizando a qualidade séria do coral. De acordo com Doll (2008), poucas pessoas idosas têm buscado atividades educativas porque não as relacionam com uma espécie de lazer. Da mesma forma, nem sempre o lazer é associado à qualidade de seriedade pelo senso comum. O Grupo de Canto Vozes da Ilha não apenas considera como lazer a formação musical que vivencia, mas também participa desses processos com dedicação, esforço e persistência, desenvolvendo o que Stebbins (2014) chama de trabalho no lazer. Diante do exposto, uma próxima sugestão para futuras pesquisas seria o aprofundamento do conceito *lazer sério* (STEBBINS, 1982) em diferentes grupos da terceira idade, visto que outras relações e aproximações podem ser realizadas, destacando que é possível encontrar forte teor sério em atividades de lazer com a terceira idade.

A partir de tais considerações é importante destacar que o Grupo de Canto Vozes da Ilha se trata de um grupo bem específico, que foca na *performance* para diversas apresentações públicas, e que talvez por isso não seja representativo para outros grupos corais da terceira idade. O grupo analisado demonstra um diferencial por conseguir, de fato, um equilíbrio notável entre exigência e entretenimento, característica esta que se aproxima da perspectiva do *lazer sério*.

Compreende-se a importância deste estudo para a área de educação musical na medida em que se buscou conhecer, a partir de processos educacionais, as demandas de um público que cresce em população e propósitos, e que pode necessitar de cuidados específicos. A relação apresentada entre a educação musical direcionada ao público idoso e a área de gerontologia pode trazer contribuições significativas para ambas as áreas, pois tem implicações diretas nos processos de formação e atuação de educadores que atendem este público da terceira idade.

Também seria necessário considerar que o *envelhecimento bem-sucedido*, na perspectiva da educação musical, não dependeria apenas de uma atitude acolhedora por parte dos educadores musicais ao lidarem com a terceira idade, porquanto é necessário conhecer as limitações das pessoas e suas potencialidades. Trata-se de enxergar os idosos como sujeitos autônomos, capazes e que possuem sede de conhecimento e de compartilhar suas vivências. Todavia, seria necessário investir em discussões científicas na área de educação musical que encontrem respaldo na área de gerontologia, e vice-versa, conduzindo para o aprofundamento constante de propostas, reflexões e práticas fundamentadas, que contribuam, efetivamente, para um *envelhecimento bem-sucedido* daqueles que participam de experiências musicais na terceira idade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Débora; RODRIGUES, Nardelly de Fátima. A relação entre o repertório e a tessitura vocal de idosas integrantes de um coral de Belo Horizonte: um estudo de caso. **Revista Formação Docente**, v. 6, n. 1, p. 20-33, 1. sem., 2014.

BARBOUR, Rosaline. Grupos focais. Trad. Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BERGMANN, Carolina Giordano. **A relação do idoso com o aprendizado musical**. 249f. Dissertação (mestrado em música) – UNESP, São Paulo, 2012.

BORNHOLDT, JeimelyHeep; EGG, Marisleusa de Souza. **O coral na terceira idade: educação musical e as consequências na saúde vocal**. In. Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Educação Musical, XVII, 2016, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2016. Disponível em:
<<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xviiregsul/regs2016/schedConf/presentations>> Acesso em: 10 jul. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.741**, de 1º de Outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2003/L10.741.htm>. Acesso em 10 jul. 2017.

BUENO, Meygla Rezende. **A flauta doce em um processo de musicalização na terceira idade**. 174f. Dissertação (mestrado em música e educação) – Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas, Goiânia, 2008.

BÚFALO, Katia Silva. Aprender na Terceira Idade: Educação Permanente e Velhice Bem-Sucedida como Promoção da Saúde Mental do Idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, 16(3), p. 195-212, 1 sem., 2013.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e Gerontologia: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. p. 99-115, 1 sem., Passo Fundo, 2004.

CACHIONI, Meire, et al. Metodologias e Estratégias. **Revista Educação e Realidade**., v. 40, n. 1, p. 81-103, 1 sem., 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: Debert, Guita Grin. **A antropologia e a velhice - Textos Didáticos**. 2ª edição. 1 (13), Campinas, IFCH/Unicamp, p. 07-27, 1998.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In. BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

DEGANI, Marcia; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. Os benefícios da música e do canto na maturidade. **Revista Kairós Gerontologia**, 13 (2), p. 149-166, 2. sem., 2011.

DELORS, Jacques, et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: UNESCO, 2010.

DOLL, Johannes. Luto e viuvez na velhice. In. FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, p. 1335-1349, 2006.

DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento – fundamentos e perspectivas. **Revista A Terceira Idade**, v. 19, n. 43, p. 7-26, 2. sem., 2008.

DOLL, Johannes. A Educação no Processo de Envelhecimento. In. FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, p. 1598-1603, 2017.

DOLL, Johannes; RAMOS, Anne Carolina; BUAES, Caroline Stumpf. Educação e Envelhecimento. **Revista Educação e Realidade**. v. 40, n. 1, p. 9-15, 1 sem., 2015.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; SILVA, Antonia Oliveira; LOUREIRO, Lara de Sá Neves; MEDEIROS, Ana Cláudia Torres. Indicadores e condições associadas ao envelhecimento bem-sucedido: revisão integrativa da literatura. **Cogitare Enfermagem**, 16(3), p. 543-548, 2. sem., 2011.

FIGUERÊDO, Michal S. Educação musical com idosos: concepções e práticas de regentes no canto-coral. In: Encontro Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XIX, Goiânia, 2010. **Anais eletrônicos...** Goiânia, 2010. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/Anais_abemcongresso_2010_parte1.pdf> Acesso em: 10 jul. 2017.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto de Lei no 6484**, de 02 de março de 1995. Declara de utilidade pública o Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, e dá outras

providências. Câmara Municipal de Florianópolis, Poder Legislativo, Florianópolis, SC, 03 mar. 1995. Seção 1, p.1-2.

FUGIMOTO, Tatiane Andressa da Cunha. *Composição Musical com Idosos: re-arranjando a Felicidade*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos**. Bahia, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf>> Acesso em 10 jul. 2017.

GRUPO DE CANTO VOZES DA ILHA..., Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, 2017. p. 1.

HAUCK-SILVA, Caiti; IGAYARA-SOUZA, Susana Cecilia; RAMOS, Marco Antonio da Silva. Referenciais teóricos para a preparação vocal em coros de terceira idade e relato de experiência de articulação entre prática e teoria. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XXVI, 2016, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/26anppom/bh2016/schedConf/presentations>> Acesso em: 10 jul. 2017.

HORA DE SANTA CATARINA. Florianópolis: Hora de Santa Catarina, [2017-].

LIMA, Ângela Maria Machado de; SILVA, Henrique Salmazo da; GALHARDONI, Ricardo. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. **Revista Interface**, v.12, n.27, p.795-807, 2. sem., 2008.

LÓPEZ-CANO, Rubén; CRISTÓBAL OPAZO, Úrsula San. **Investigación artística en música: problemas, métodos, experiencias y modelos**. Barcelona: Escola Superior de Música de Catalunya, 2014.

LUZ, Marcelo Caires. **Educação Musical na Maturidade**. São Paulo: Som, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARQUES, Jaqueline Soares. **“Até hoje aquilo que eu aprendi eu não esqueci”:** **experiências musicais reconstruídas nas/pelas lembranças de idosas**. 179f. Dissertação

(mestrado em artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação Artes/Mestrado do Instituto de Artes, Uberlândia, 2011.

MATTOS, Marcelo Nogueira. Análise das Contribuições da Educação Musical para a Terceira Idade. **Revista Tecnologia e Cultura.**, n. 23, p. 15-21., 1. sem., 2014.

NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. Velhice bem sucedida e educação. In. NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 2004.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA TERCEIRA IDADE. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: <<http://neti.ufsc.br>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

OLIVEIRA, Márcia Mendes Marquez de; TOSCHI, Mirza Seabra. Gerontologia Educacional: uma didática para os idosos. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia**. v. 7, n. 1, p. 5-17, 2015.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Flávia da Silva. Universidades Abertas a Terceira Idade: delineando um novo espaço educacional para o idoso. **Revista HISTEDBR**. n. 64, p. 343-358, 1. sem., 2015.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Revista Movimento**. v. 18, n. 01, p. 325-338, 1. sem., 2012.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. O Serious Leisure de Robert A. Stebbins. **Revista Licere**. v. 17, n. 1, 1. sem., p. 01-22, 2014.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. A Carreira no Lazer: uma possibilidade a partir da perspectiva do *serious leisure*. **Revista Licere**. v. 19, n. 3, 2. sem., p. 293-331, 2016.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. ‘This is The End, My Beautiful Friend’: lazer sério e o fim da carreira. **Revista Educação & Realidade**. v. 42, n. 1, 1 sem., p. 215-236, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento Ativo**: uma política de saúde. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

OS DEVERES DO CANTOR..., Centro de Estudantes do Núcleo de Estudos da Terceira Idade, 2017. p. 1.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade.... In. BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

REIS, Ângela C. C. dos; OLVEIRA, Viviane S. Canto coral na terceira idade: um caminho para a inclusão social. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XIII, 2004, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2004.pdf> Acesso em 10 jul. 2017.

ROCHA; Tatiana Fernandes; AMARAL; Flávia Pinto; HANAYAMA, Eliana Midori. Extensão vocal de idosos coralistas e não coralistas. **Revista CEFAC**, v. 9, n. 2, p. 248-254, 1. sem., 2007.

RODRIGUES, Eunice Dias da Rocha; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Canto coral na terceira idade: suas práticas, motivações e perspectivas. In: Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical, XV, 2006, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: UFPB, 2006. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2006.pdf> Acesso em 10 jul. 2017.

RODRIGUES, Eunice Dias da Rocha. **“Cada passo é uma vitória”: saberes que norteiam a formação e atuação de professores de música com alunos idosos**. 200f. Dissertação (mestrado em música) – UnB, Programa de Pós-graduação “Música em Contexto”, Brasília, 2009.

SANTOS, Hamilton de Oliveira. Canto Coral e Terceira Idade: um relato de experiência. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, XXI, 2013, Pirenópolis. **Anais eletrônicos...** Pirenópolis: UnB, 2013. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf> Acesso em: 10 jul. 2017.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Gerontologia à luz da complexidade de Edgar Morin. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, volume especial, p. 22-35, 2. sem., 2004.

SARFSON GLEIZER, Susana; LARRAZ RÁBANOS, Natalia. Influencias del aprendizaje musical en el bienestar de un grupo de personas mayores de 65 años. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 7, p. 2727-2734, 2. sem., 2017.

SCHARRA, Deila Maria Ferreira. **Canto Coral na Terceira Idade: uma nova perspectiva na educação musical do idoso**. In. Semana de Extensão Universo, V, Niterói, 2007.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. **Educação e Envelhecimento: contribuições da perspectiva *Life Span***. Estudos de Psicologia,

Campinas, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/01.pdf>> Acesso em 10 nov. 2017.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Henrique Salmazo da; LIMA, Ângela Maria Machado de; GALHARDONI, Ricardo. Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas. **Revista Interface**, v. 14, n.35, p.867-877, 2. sem., 2010.

SILVA, Lucinete Aragão Mascarenhas e. **Musicoterapia na terceira idade: a influência do canto coral na qualidade de vida do idoso**. In. Congresso Nacional de Envelhecimento Humano, I, Natal, 2016.

SOUZA, Cristiana Miriam S. e.; LEÃO, Eliane. **Terceira idade e música - perspectivas para uma educação musical**. In. Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, XVI, 2006, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília: UnB, 2006.

Disponível em:

<http://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/01_Com_EdMus/sesoes_COM_edumusical.htm> Acesso em: 10 jul. 2017.

STEBBINS, Robert A. Serious leisure: A conceptual statement. **Pacific Sociological Review**, Califórnia, v. 25, p. 251-272, 1982.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. Tradução: Thayara Borzani Sanches Santos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. v. 1, n. 1, 1 sem., p. 42-56, 2014.
TEIXEIRA, Ika Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Revista Psicologia USP**, 19(1), p. 81-94, 1. sem., 2008.

VILLANI, Fábio Luiz. Os aspectos éticos que envolvem a educação na terceira idade. **Revista Kairós Gerontologia**. v. 11, n. 1, p. 59-77, 1 sem., 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. Traduzido por Crísthian Matheus Herrera. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=EtOyBQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=estudo+de+caso+yin&ots=-j8mmpxXyx&sig=Zxx1iFdpzYH9sMz85LGEORAwipM#v=onepage&q=estudo%20de%20caso%20yin&f=false>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

APÊNDICE A – ADECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS.**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS**

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "A prática do canto coletivo no *Grupo de Canto Vozes da Ilha* do Núcleo de Estudo da Terceira Idade (NETI-UFSC)" declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que no desenvolvimento do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da resolução 466/2012 e 251/1997 do Conselho Nacional de Saúde.

Local, ____ / ____ / ____

Ass: Pesquisador Responsável

Ass: Responsável pela Instituição de origem

Nome:
Cargo:
Instituição:
Número de Telefone:

Ass: Responsável de outra instituição

Nome:
Cargo:
Instituição:
Número de Telefone:

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) senhor (a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado, intitulada “*A prática do canto coletivo no Grupo de Canto Vozes da Ilha do Núcleo de Estudo da Terceira Idade (NETI-UFSC)*”, que fará observações dos ensaios de um coral da terceira idade no município de Florianópolis, entrevistas com regente e alguns cantores, além de um grupo focal com todos os cantores que tiverem 60 anos ou mais, tendo como objetivo geral investigar as perspectivas do regente e de cantores idosos, participantes do Grupo de Canto Vozes da Ilha do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI-UFSC), em Florianópolis, sobre a prática do canto coletivo com pessoas idosas, focando no momento do ensaio. Como objetivos específicos esta pesquisa propõe: conhecer as demandas dos idosos em um grupo de canto específico da terceira idade; investigar como o regente conduz os ensaios do grupo lidando com essas demandas; compreender como acontecem as (re) ações dos cantores idosos durante o desenvolvimento dos ensaios, bem como os papéis que exercem neste contexto; e identificar os processos de ensino e aprendizagem musical que acontecem no grupo. Serão previamente marcados a data e horário para a realização de entrevistas e grupo focal, utilizando filmagens, fotografias e/ou gravadores de áudio. Estas medidas serão realizadas no próprio local onde o grupo de canto realiza os ensaios. Não é obrigatório participar de todas as etapas propostas por esta pesquisa, nem responder às perguntas que serão realizadas.

O (a) Senhor (a) e seu/sua acompanhante não terão despesas e nem serão remunerados pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

Os riscos são mínimos por envolver a emoção das pessoas no momento em que irão compartilhar sobre suas experiências em relação à música, por exemplo. Para que esses riscos sejam minimizados, caso aconteçam, poderá ser feita uma pausa para que os cantores idosos sejam restabelecidos emocionalmente e assim se possa dar prosseguimento à investigação. Para o regente será realizado o mesmo.

A sua identidade será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número ou por um outro nome que desejar.

Os benefícios e vantagens em participar desta pesquisa serão que vocês estarão contribuindo para a ampliação de estudos sobre a educação musical com idosos na prática coral. Dessa forma, a sua contribuição nesta pesquisa pode ajudar os pesquisadores da área a refletirem sobre maneiras adequadas de atender as pessoas da terceira idade no contexto educacional. Ao término da pesquisa, a pesquisadora retornará ao coral para compartilhar com vocês os resultados obtidos com esta investigação.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Rebeca Campos Berger Felau (estudante do mestrado em música da UDESC) e o seu professor/orientador Dr. Sergio Luiz Ferreira de Figueiredo (UDESC).

O (a) senhor (a) poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa.

NOME DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL PARA CONTATO:

NÚMERO DO TELEFONE:

ENDEREÇO:

ASSINATURA DO PESQUISADOR:

Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEPESH/UEDESC

Av. Madre Benvenuta, 2007 – Itacorubi – Florianópolis – SC -88035-901

Fone/Fax: (48) 3664-8084 / (48) 3664-7881 - E-mail: cepsh.reitoria@udesc.br / cepsh.udesc@gmail.com

CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3ºandar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF- CEP: 70750-521

Fone: (61) 3315-5878/ 5879 – E-mail: conep@saude.gov.br

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim, e que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____

Assinatura _____

Local: _____

Data: _____

____/____/____.

APÊNDICE C – CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.**CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES**

Permito que sejam realizadas fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins da pesquisa científica intitulada “A prática do canto coletivo no *Grupo de Canto Vozes da Ilha* do Núcleo de Estudo da Terceira Idade (NETI-UFSC)”, e concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em eventos científicos ou publicações científicas. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada por nome ou rosto em qualquer uma das vias de publicação ou uso.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e, sob a guarda dos mesmos.

_____, _____ de _____ de _____
Local e Data

Nome do Sujeito Pesquisado

Assinatura do Sujeito Pesquisado

APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO NÃO PARTICIPANTE <i>Grupo de Canto Vozes da Ilha (NETI-UFSC)</i>
Instrumentos de coleta: filmagem; diário de campo.
Fatores/procedimentos a observar: <ul style="list-style-type: none">• N° de cantores presentes (sopranos, contralto e tenores);• Músicas ensaiadas e seus respectivos compositores;• Quanto tempo se investe em cada etapa (recados, aquecimento, ensaio de cada música, solução de dúvidas...);• Maneira como as músicas são ensaiadas (ação do regente, resposta dos cantores e a resolução/solução do regente com estratégias metodológicas);• Conteúdos musicais abordados;• Desafios e facilidades no ensino e aprendizagem musical;• Maneira como o regente lida com as demandas específicas do grupo;• Fatores primordiais para o regente;• Fatores primordiais para os cantores;• (Des) motivações do grupo;• O papel do percussionista no grupo.

APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PRESIDENTE DO CENETI**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PRESIDENTE DO CENETI**
Grupo de Canto Vozes da Ilha (NETI-UFSC)

- Breve História Grupo de canto
- Objetivos e princípios
- Número de integrantes no momento
- Forma de ingresso / critérios para seleção
- Atividades desenvolvidas
- Os idosos (é necessário ter uma formação específica para realizar um trabalho com os idosos? Por quê? Que tipos de demandas e características específicas esta faixa etária tem que a difere de outras faixas etárias?
- Definição pessoal do grupo (o que o grupo de canto é para você)
- Expectativas
- Desafios e conquistas
- Divulgação do trabalho
- Apresentações públicas
- Outras considerações que achar necessário destacar

APÊNDICE F – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A COORDENADORA DO NETI

<p>Roteiro Entrevista com a Coordenadora de NETI Grupo de Canto Vozes da Ilha</p>
<p>Instrumentos de coleta: gravador de áudio (celular e notebook)</p>
<p>TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cursos, especializações, capacitações... - Tempo de coordenação no NETI - Expectativas em relação ao trabalho com o NETI - Maiores desafios e conquistas com o trabalho realizado no NETI
<p>O NETI</p> <ul style="list-style-type: none"> - Número de alunos idosos atualmente - Objetivos e princípios - Divulgação do trabalho - Relação do NETI com o Grupo de Canto Vozes da Ilha - Comente sua relação com o Grupo de Canto Vozes da Ilha (observação de ensaios e apresentações públicas, sua perspectiva sobre o desenvolvimento do grupo no decorrer dos nove anos de existência). - Perspectivas futuras sobre o Grupo de Canto dentro do NETI.
<p>OS ALUNOS IDOSOS DO NETI/CANTORES DO GRUPO DE CANTO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os cantores do grupo de canto são todos alunos do NETI? - Motivação dos alunos/cantores - Demandas e características específicas dos alunos/cantores (O que difere os idosos de outras faixas etárias?) - Importância do canto coletivo para os participantes acima de 60 anos - Envelhecimento ativo e bem sucedido no grupo de canto - Empoderamento da terceira idade e o desenvolvimento do protagonismo social / <p>Papeis que os idosos exercem no contexto do canto coletivo.</p>
<p>OS PROFESSORES DO NETI/REGENTE DO GRUPO DE CANTO</p>

- Suporte e capacitação para os professores que lidam com os idosos
- Formação específica para trabalhar com os idosos (como deve ser essa formação primordialmente)
- A atuação dos professores diante das demandas dos idosos
- Qualidades docentes para lidar com a terceira idade
 - Outras considerações que achar necessário destacar

APÊNDICE G – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O REGENTE

<p>ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O REGENTE <i>Grupo de Canto Vozes da Ilha (NETI-UFSC)</i></p>
<p>Instrumento de coleta: gravadores de áudio (celular e notebook).</p>
<p>BLOCO 1 – TRAJETÓRIA E FORMAÇÃO MUSICAL -Primeiro contato com a música -Trabalhos com música -Cursos, especializações, capacitações... Pergunta específica: Em sua opinião, para trabalhar com os idosos você acha que é necessário uma formação específica? Por quê?</p>
<p>BLOCO 2 – O GRUPO DE CANTO VOZES DA ILHA 2.1 Ingresso no grupo como regente - Motivação - Objetivos - Expectativas 2.2 Sobre o Grupo de Canto Vozes da Ilha - Definição pessoal - Número de cantores - Critérios de seleção - Divisão de vozes -Arranjo das músicas - Atividades desenvolvidas -Apresentações públicas - Demandas específicas dos cantores idosos: Perguntas específicas: Você acredita que os cantores idosos podem possuir necessidades diferentes de cantores de outras faixas etárias? Exemplifique. -Como você lida com essas necessidades aqui no grupo? - Aprendizagens e habilidades musicais -O que mais se aprende neste meio -Conteúdos musicais - Formas de facilitar a aprendizagem das músicas (estratégias do regente) - Interações entre cantores na aprendizagem das músicas - Tipos de habilidades musicais desenvolvidas neste meio - Participação e envolvimento dos cantores idosos: Pergunta específica: No fórum que participamos aqui na UFSC na semana do dia 3 de outubro, os especialistas falaram muito sobre o “protagonismo social” e o “envelhecimento ativo”. O que significam esses termos para você? Pergunta específica: O que este grupo significa para você?</p>
<p>BLOCO 3 – O ENSAIO</p>

3.1 Planejamento e preparação para o ensaio

- Do regente
- Dos cantores

3.2 Aquecimento

- Escolha do exercício vocal. Como é mesmo que você faz?
- Razão de não ter aquecimento corporal

3.3 Repertório

- Folclóricas e MPB...
- Escolha das músicas de cada ensaio

3.4 Ensaio do repertório

- Idoso que acompanha com percussão nos ensaios (papel, influências no ensaio e nas apresentações)
- Maneira de ensinar as músicas a cada ensaio (músicas novas e conhecidas)
- Algo primordial na hora de ensaiar as músicas
- Conteúdo musical essencial no ensino do repertório

3.6 Intervalo

- Razão pelo qual preferem não fazer intervalo.

BLOCO 4 – REFLEXÕES

- Sobre tudo o que conversamos aqui, o que mais ressaltou na sua fala foi (...) Por que você acha que isso é importante?
- O que é fundamental para você no ensaio? O que você mais leva em consideração aqui?
- Em sua opinião, quais são as qualidades que um professor, que vai lidar com pessoas idosas, precisaria adquirir?
- Quais são os seus maiores desafios e conquistas trabalhando com este grupo?

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS CANTORES IDOSOS

QUESTIONÁRIO - *PERFIL DO GRUPO DE CANTO VOZES DA ILHA*

1. Nome: _____ Viúvo (a)
2. Qual é a sua idade: _____
3. Meu naipe aqui no grupo é:
- Soprano
 - Contralto
 - Tenor
4. Qual é a sua cor/raça:
- Branca
 - Negra
 - Parda
 - Amarela
 - Indígena
5. Nível de escolaridade:
- Nenhum
 - Ensino fundamental incompleto
 - Ensino fundamental completo
 - Ensino médio incompleto
 - Ensino médio completo
 - Ensino superior incompleto
 - Ensino superior completo
 - Especialização / pós graduação
6. Profissão: _____
7. Você trabalha atualmente?
- Sim. Com o que? _____

 - Não.
8. Estado civil:
- Solteiro (a)
 - Casado (a)
 - Divorciado (a)
9. Marque sua situação familiar:
- Moro sozinho (a)
 - Moro com esposo (a)
 - Moro com filhos (as)
 - Moro com amigo (a)
10. Você é aluno (a) do NETI?
- Sim
 - Não
11. De quais atividades musicais você já participou anteriormente? Marque quantas opções forem necessárias.
- Banda (POP, ROCK, MPB)
 - Grupos de canto/coral
 - Aula de instrumento
 - Aula de canto.
 - Banda ou fanfarra
 - Outro:

12. Há quanto tempo canta no Grupo de Canto Vozes da Ilha?
- Menos de 2 anos.
 - Entre 2 e 6 anos.
 - Mais de 6 anos.
13. Como você conheceu o Grupo de Canto Vozes da Ilha?
- Através de amigos
 - Através do NETI
 - Pela internet
 - Outros: _____

14. Indique a razão que influenciou sua decisão de fazer parte deste grupo. Marque quantas opções forem necessárias.

- Paixão por cantar
- Sou aluno do NETI-UFSC
- Meus amigos/família cantam neste grupo
- Ficar conhecido (a)
- O grupo é famoso e respeitado
- Gosto das músicas
- Fazer novos amigos
- Aprender músicas
- Aprender a cantar
- Encontrei aqui a oportunidade de fazer o que não consegui antes
- Viajar/passear com o grupo
- Apresentações públicas
- Aperfeiçoamento da voz
- Manter contato com outras faixas etárias
- Outro _____

15. Que funções o Grupo de Canto Vozes da Ilha tem na sua vida? Marque quantas opções desejar.

- Socialização
- Lazer
- Autonomia
- Aprendizagem musical
- Ensinar músicas que são tocadas nos dias de hoje
- Aperfeiçoamento da minha voz
- Melhoramento da minha saúde
- Permitir constante contato com outras faixas etárias (crianças, jovens, adultos)

16. Complete a frase: envelhecer cantando é..

17. Levarei do Grupo de Canto Vozes da Ilha...

APÊNDICE I – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL COM OS CANTORES IDOSOS

<p>Roteiro Grupo Focal Grupo de Canto Vozes da Ilha</p>
<p>Instrumentos de coleta: 2 ou 3 gravadores de áudio + 1 filmadora Tempo previsto de conversa: até 1h</p>
<p>* ORGANIZAÇÃO (15 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Após o ensaio do grupo, disponibilizar um tempo para que os cantores descansem e venham para o grupo focal. - Durante o tempo de descanso, preparar o ambiente: organizar os bancos de forma que cada naípe fique junto (sopranos, contraltos e tenores); posicionar a filmadora e os gravadores de áudio (...) <p>1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA (5 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agradecer a presença de todos. - Falar do tempo previsto para a duração do grupo focal (é importante que todos fiquem até o final, mas ninguém será obrigado a responder todas as perguntas e terá a liberdade de sair no momento em que desejar). - Lembrar do propósito do encontro. - Entregar o termo de consentimento para quem ainda não assinou. Explicar o que é o termo. - Anonimato na pesquisa (será escolhido um pseudônimo para cada um de vocês na transcrição desta conversa). <p>2 CONHECENDO MAIS O GRUPO (20 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Algumas informações pessoais: nome, idade, estado civil (anotar em uma folha esses dados antes de começar a conversa) • Quem é aluno do NETI? Além de participarem das oficinas e grupos do NETI vocês decidiram ingressar neste grupo de canto? O que levou vocês a isso? O que há neste ambiente que mais chamou a atenção de vocês? • Vocês já cantavam em algum grupo antes de entrarem aqui? Há quanto tempo vocês cantam no Vozes da Ilha? Comente um pouco mais sobre a sua trajetória musical. Vocês acham que as experiências musicais que vocês tiveram anteriormente influenciam/influenciaram o desenvolvimento de vocês neste grupo? Por quê? • Se alguém perguntasse para vocês na rua o que é o Vozes da Ilha, o que vocês diriam a essa pessoa? Como vocês se definem aqui? • O que vocês mais admiram neste grupo? Por quê? • Vocês realizam encontros sociais? Por quê? <p>3 O ENSAIO (30 min.)</p> <ul style="list-style-type: none"> • OBJETIVOS – Qual é o principal objetivo do ensaio de vocês? Por que vocês vêm até aqui todas as sextas-feiras para ensaiar? *APRESENTAÇÕES PÚBLICAS* - A presidente do CENETI havia comentado comigo numa entrevista que as apresentações públicas são um dos principais focos dos

ensaios de vocês. Vocês concordam? Por quê? Vocês acham que os ensaios devem sempre visar às apresentações públicas ou não necessariamente? Por que se apresentar publicamente é importante para o grupo? Vocês gostam de se apresentar? Por quê? Como é a *performance* do grupo? As músicas ficam melhores no ensaio ou nas apresentações? Por quê? Onde vocês se apresentam? Onde vocês mais gostam de ir pra cantar e por quê?

- **APRENDIZAGENS DIVERSAS** – Vocês vêm ao ensaio para aprender algo? O que vocês mais aprendem aqui? Que significados essas aprendizagens têm para a vida de vocês? O que mais motiva vocês a aprenderem?
- **APRENDIZAGEM MUSICAL** – Quais são os conteúdos musicais que vocês aprendem aqui? O que vocês consideram mais importante na hora de aprender as músicas? Por quê? Comentem um pouco sobre o momento que vocês cantam juntos e escutam uns aos outros (o que acontece aí?). Como acontece o ensaio de músicas novas e de músicas conhecidas? Percebi que vocês não usam partitura no ensaio. Existe algum motivo específico para isso? Todos conseguem acompanhar os ensaios com tranquilidade? Por quê? O que é mais desafiador no momento de aprender as músicas? O que é mais desafiador no ensaio de forma geral? O que torna a aprendizagem das músicas mais fácil? Por quê?
- **O CANTAR** – Vocês acham que aprendem/aprenderam a cantar aqui? Por quê? Como vocês aprenderam/aprendem a cantar? O que é “saber cantar”? Comentem sobre sensações, percepções que vocês têm durante o cantar em grupo. Vocês sempre cantam fazendo a mesma voz? Por quê? Vocês acham que a voz de vocês melhorou participando dos ensaios? Em que sentido e por quê? Que outras mudanças houve na vida de vocês a partir do momento em que começaram a cantar coletivamente?
- **PREPARAÇÃO / ESTUDO** – vocês estudam o repertório fora do horário do ensaio/antes do ensaio? (onde/com quem).
- **REPERTÓRIO** – O que vocês acham das músicas que vocês cantam? (em relação à quantidade, seleção para ensaios e apresentações, gênero, letra/mensagem...). Vocês teriam alguma sugestão a fazer sobre o repertório do grupo?
- **AQUECIMENTO CORPORAL / VOCAL** – Eu percebi, observando os ensaios, que vocês não fazem aquecimento corporal. Existe algum motivo específico para isso? Como é mesmo o aquecimento vocal que vocês fazem antes dos ensaios? É sempre o mesmo? Por quê? O que vocês acham deste(s) exercício(s)?
- **CARACTERÍSTICAS E DEMANDAS ESPECÍFICAS** – Vocês acham que as características que o grupo de vocês têm o diferencia de outros grupos e de outras faixas etárias? Por quê? Dê exemplos. Se vocês fossem um grupo de jovens aprendendo as mesmas músicas do Vozes da Ilha, o que seria diferente? Quais são as qualidades mais importantes que os cantores idosos têm e os cantores mais jovens não? Vocês sentem alguma necessidade específica no momento do ensaio que os mais jovens não teriam no lugar de vocês? Como vocês se sentem em relação a essas necessidades? De que maneira vocês gostariam de ser atendidos em relação a essas necessidades?
- **INSTRUMENTO MUSICAL X REGÊNCIA** – Eu percebi nos ensaios e nas apresentações que o professor não rege as músicas com os braços, mas em vez

disso toca violão. O que vocês pensam sobre isso? Vocês acham que o desenvolvimento do grupo é influenciado por causa do violão? De que maneira e por quê? E o instrumento de percussão? Se não houvesse a percussão como seria? Se não houvesse o violão como seria?

- **O REGENTE/PROFESSOR** – Vocês se sentem acolhidos considerando o modo como o professor ensina? Conseguem acompanhar tranquilamente a maneira como os ensaios acontecem? Por quê? Vocês acham que os regentes devem ter formação e atuação específicas pra trabalhar com os idosos em um grupo de canto? Por quê? De que forma o professor de música poderia agir no ensaio para atender as necessidades de vocês? Quais deveriam ser as qualidades de um professor que trabalha com a terceira idade, na opinião de vocês?
- **GOSTOS, SUGESTÕES, SIGNIFICADOS E EXPECTATIVAS** – Do que vocês mais gostam no momento do ensaio? O que vocês acham que poderia acontecer para deixar o ensaio ainda melhor? Que significados vocês atribuem à prática do canto coletivo, neste lugar, com essas pessoas e com este professor? Que expectativas vocês têm aqui no grupo?

